

JANAÍNA BEHLING

**RESUMOS DE COMUNICAÇÃO E O AGENCIAMENTO DA
ESCRITA CIENTÍFICA**

Dissertação apresentada ao Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Inês Signorini

CAMPINAS
2008

UNIDADE BC
Nº CHAMADA: _____
T/UNICAMP B395r
V. _____ EX. _____
TOMBO BCCL 80441
PROC 16-148-09
C _____ D X
PREÇO 11,00
DATA 03-03-09
BIB-ID _____
Ed tit 436067

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

B395r Behling, Janaina.
Resumos de comunicação e o agenciamento da escrita científica /
Janaina Behling. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Inês Signorini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

I. Comunidades. 2. Agenciamento da escrita. 3. Teses. 4. Gêneros
textuais. I. Signorini, Inês. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Summaries of written communication and the agency's scientific.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Communities; The agency written; Research theses; Genre Analysis.

Área de concentração: Língua Materna.

Titulação: Mestre em Lingüística Aplicada.

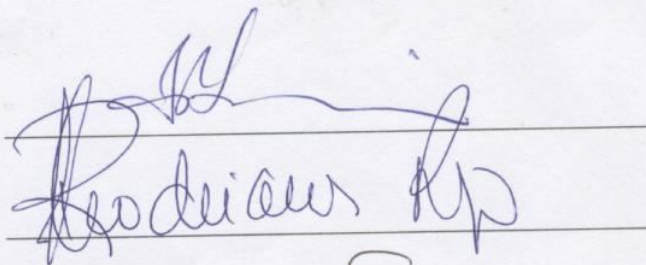
Banca examinadora: Profa. Dra. Inês Signorini (orientadora), Profa. Dra. Roxane Helena Rodrigues Rojo, Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva, Profa. Dra. Edilaine Buin Barbosa. Suplentes: Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher e Profa. Ana Silvia Moço Aparício.

Data da defesa: 26/10/2008.

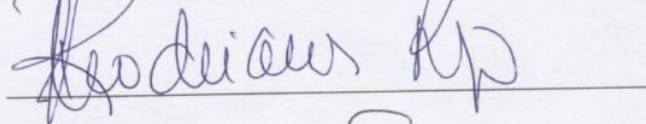
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

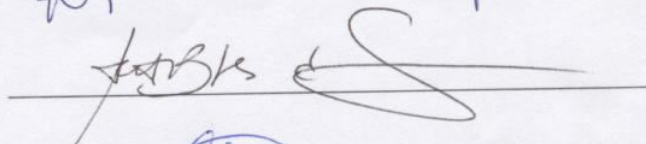
Inês Signorini



Roxane Helena Rodrigues Rojo



Anna Christina Bentes da Silva



Edilaine Buin Barbosa



Terezinha de Jesus Machado Maher



Ana Sílvia Moço Aparício



IEL/UNICAMP

2008

AGRADECIMENTOS

A Unesp de Assis, a primeira casa das inquietações sobre linguagens científica(s);

A Unicamp, onde passei os tempos mais duros e também os mais efervescentes na construção de minha identidade científica por meio da escrita;

A Inês Signorini, pela orientação.

A Roxane Rojo e Anna Benntes, pelas colaborações nas qualificações, sendo de minha responsabilidade os equívocos que ainda persistem neste trabalho.

Aos colegas Hugo, Wagner, Gatinho, Marília, Ana Aparício, Clara, Robson, Cecília, Paula, Fernanda, Marina, Janete, Denise, Mesko, Edilaine e Milene Bazarim, pelo respeito e pelas lições de humildade e auto-estima;

Ao professor Charles Bazerman por responder meus *emails* sem reclamar do meu inglês escatológico;

A Alê, Ciça, Tu, Euzébio, Nelson, Capa-Grilo, Natan, Susana, Marinona, Marissel, Poft, Carla, o pessoal do cine-moras, Mayra e Carlão, Niva, Daniel, Luigi, Flávio, Marcão, os peruanos Fanny e Ruy, Divina Estrela, ao pessoal da Rádio Muda, ao pessoal da TV Piolho, Ângela e Juba, ao Mutchatchão, Berra Vaca, Bateria Alcalina, Cupinzeiro, ao Projeto VEJA, ao projeto PASSA A BOLA. Agradeço a todos pelo apoio filosófico!

Ao Josino pelos arranjos do texto impresso;

A Capes por ter concedido a bolsa de estudos;

A Sylvia, Valdo, Marco Aurélio, Marcela e Ana Paula, minha família;

A Vitor, meu pai, pela distância, pela presença.

A Regina, por tudo e mais um pouco.

Resumir é compreender a realidade pelo
agenciamento de outras.

RESUMO

Este trabalho partiu da necessidade de estudar mais detalhadamente a produção e análise de resumos de comunicação, gênero textual típico de comunidades científicas como a Associação Brasileira de Linguística. Compreender os resumos de comunicação como gêneros textuais implica no reconhecimento de que estes textos são, principalmente, resultados de ações tipificadas que dão formas a *intenções* compartilhadas por membros de determinada Comunidade Científica. Utilizando os conceitos de *comunidade discursiva* de John Swales, faz-se pertinente um estudo de gêneros textuais que diga sobre seu contexto de produção, levando em conta o conceito de *agenciamento da escrita* postulado por Charles Bazerman, que diz respeito aos modos pelos quais os gêneros são recursos evidenciadores de inúmeros 'liames' pelos quais a escrita constitui e é constituída em comunidades específicas. Apresenta-se a relação de mais de mil resumos publicados nos encontros da Abralín ocorridos nos anos de 1994, 2001 e 2005. Foi possível observar, na análise de alguns resumos representativos, que estes textos são *resultado de agenciamentos* da escrita científica, dada a necessidade de se publicar *teses de pesquisa* nas comunidades de linguistas. Tais publicações apresentam reflexões sobre a condição humana dos pesquisadores da linguagem, estando eles, necessariamente, em *contado* com o (des)conhecido, na iminência de descobertas fragmentadas.

Palavras-chave: comunidades linguísticas – agenciamento da escrita científica – teses de pesquisa – Gêneros Textuais

ABSTRACT

This work stemmed from the need to study more closely the production and analysis of summaries of communication, textual types of typical scientific communities as the Brazilian Association of Language. Understanding the summaries of means textual communication genres as the recognition that these texts are, primarily, results from actions that give ways typified the intentions shared by members of a particular scientific community. Using the concepts of community discourse of John Swale, it is pertinent to a study of textual genres that part of the context of production, taking into account the concept of the agency's written postulated by Charles Bazerman, which concerns the ways in which the genera resources are evidence of many 'read' by which the writing is and is formed in specific communities. It shows the ratio of over one thousand abstracts published in the meetings of ABRALIN occurred in 1994, 2001 and 2005. It was possible to observe, to analyze some short covering, that these texts are the result of scientific agencies of writing, given the need to publish theses in the search for linguistic communities. Such publications have thoughts about the human condition of the researchers of language, with them, necessarily, to contact with the (un) known, on the verge of discoveries fragmented.

Keywords: linguistic communities - the agency written scientific - research theses – Genre Analysis

SUMÁRIO

Introdução	11
Por que estudar resumos de comunicações científicas?	12
Capítulo 1 – Abordagens sobre produção de resumos	19
1.1. Análises de resumos a partir do texto.....	20
1.2. Análises de resumos a partir do contexto: a produção das teses de pesquisa	29
Capítulo 2 – O resumo de comunicações como gênero textual	33
2.1. Contribuições da Nova Retórica na classificação dos resumos de comunicação como gêneros textuais	34
2.2. Gêneros e propósitos sociais – o conceito de agenciamento de Bazerman	36
2.3. Gêneros e propósitos comunicativos – a abordagem swalesiana	42
2.3.1. Determinações: objetivos, origens e influências	42
2.3.2. O conceito de propósito comunicativo: tarefas e objetivos	44
2.3.3. O conceito de comunidade discursiva	46
2.3.4. O conceito de gênero	49
2.3.5. Modelos de análise de gêneros numa perspectiva swalesiana.....	56
Capítulo 3 – Os resumos de comunicação da Abralin	61
3.1. A Abralin como comunidade que discursa ciências linguísticas	62
3.2. Valores, objetivos e condições materiais de existência	65
3.2.1. O ano de 1994	68
3.2.2. O ano de 2001	69
3.2.3. O ano de 2005	71
3.3. Ritmos de trabalho, horizontes de expectativas	72

3.4. As normas de etiqueta	79
3.5. A apresentação das Teses de Pesquisa	82
3.6. As teses de pesquisa e o agenciamento das sequências tipológicas ...	95
3.6.1. As teses e o agenciamento das contextualizações	95
3.6.2. As teses e o agenciamento de objetivos de pesquisa	98
3.6.3. As teses e o agenciamento dos referenciais teóricos	101
3.6.4. As teses e o agenciamento das metodologias	104
3.6.5. As teses e o agenciamento das metodologias de pesquisa	108
Conclusões	113
<i>Paradogmas</i>	114
Origem e originalidade.....	115
Nomes e pastichos.....	117
Sobre a possibilidade de ter a si mesmo como referência.....	118
A escrita como acesso ao desconhecido.....	119
<i>Presumos</i>	120
Referências Bibliográficas	121
Anexos	127

Anexos – CD ROM

Anexo 1 - Relação dos resumos de comunicações de acordo com título, instituição de origem, ano de publicação, número de páginas, área temática e modalidade de participação dos autores em 1994, 2001 e 2005.....	1
Anexo 2 - Relação total de resumos produzidos durante os congressos internacionais da Abralin nos anos de 1994, 2001 e 2005 – destaque para comunicações coordenadas e individuais	53
Anexo 3 - Relação de resumos das Comunicações Coordenadas e Individuais da Abralin de acordo com as áreas temáticas e destaques.....	54
Anexo 4 – Lista de abreviaturas e siglas de universidades representadas na Abralin	55

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Por que estudar resumos de comunicações científicas?

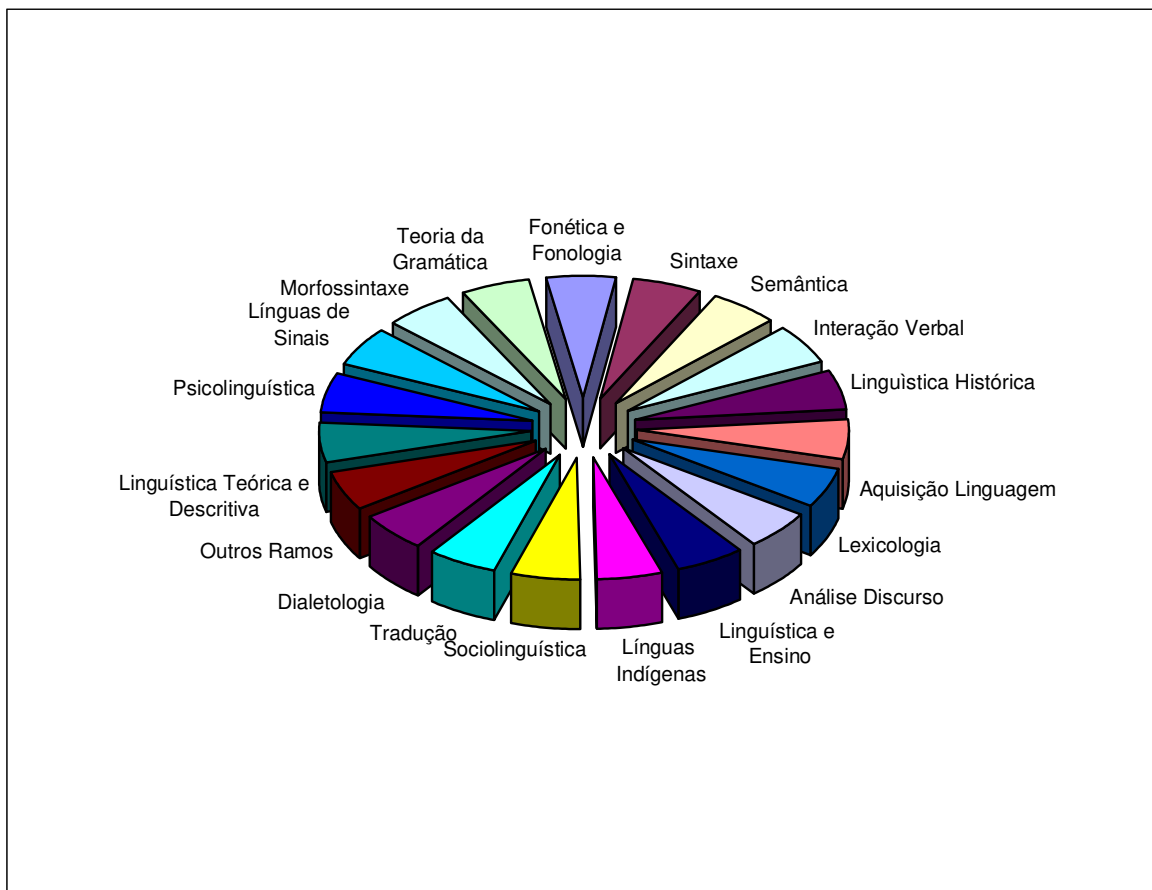


Figura 1 - Conjunto de Áreas Temáticas da Abralin, de acordo com a publicação de resumos (1994,2001,2005)

A Figura acima, colocada logo no início desta dissertação, tem o objetivo de ilustrar a diversidade de disciplinas pelas quais é possível transitar, quando se deseja conhecer as possibilidades de encontro entre especialistas ocupados com os estudos linguísticos.

Situado nos estudos aplicados da linguagem, este trabalho busca oferecer contribuições às investigações que entendem a Linguística como ciência que identifica os gêneros textuais científicos como fenômenos sociais construídos por meio de uma escrita própria, realizada tanto pelo uso de símbolos e sistemas linguísticos quanto pelas escolhas, concomitantemente, de

significados que traduzam a existência de sujeitos, conhecimentos e instituições.

Os símbolos ou sistemas linguísticos que constituem os textos científicos são reconhecíveis, por exemplo, no uso ou apropriação de lexicologias específicas, no uso de palavras ou termos que determinem a linguagem da ciência. Apropriar-se dessa linguagem, no entanto, pode estar relacionado a diferentes funções, das quais, duas são destacáveis: em primeiro lugar, manter as tradições canônicas da escrita e, em segundo, delas fazer parte.

Manter as tradições da escrita, de qualquer esfera de produção, pode ser um grande desafio contemporâneo. A cada dia não são bem definidos, afinal, o que realmente pode ser visto como escrita científica, pseudocientífica ou, simplesmente, *não* científica em *sites* de relacionamentos ou de publicação da ciência como os disponíveis na internet, por exemplo.

Para estudos futuros, já se preconiza a necessidade de analisar os fenômenos que caracterizam o que se pode entender por *desestabilidade de padrões da escrita* científica. Então, neste momento, o movimento é de observação e reconhecimento para o que se estabiliza, para o que está posto como recorrente em instituições de pesquisa.

Fazer parte das tradições canônicas, por outro lado, não pode estar ligado simplesmente aos modos pelos quais se estabiliza determinado tipo de escrita. O que se escreve e para quem escrever continua sendo uma das razões pela qual a escrita mantém papéis importantes na constituição das sociedades.

Aqueles que se dispõem a escrever ciências ficam sujeitos a se inserirem na sociedade por uma porta bastante estreita, apesar do *status* que tal escrita proporciona a quem se relaciona, principalmente, com as sociedades não científicas ou leigas. Tal relacionamento, por outro lado, cria condições para que seja produzida uma espécie de espelho que projeta a imagem do escritor científico para dentro de seu próprio ambiente.

Em outras palavras, entende-se que tanto nas esferas científicas como não científicas, haverá formas de composição da escrita em que seja

possível que um simples trecho de qualquer texto o faça reconhecível para qualquer público e para qualquer ambiente (GUMPERZ, 1991), independente de como sejam apresentados, tanto pelos suportes de publicação (se impresso ou eletrônico, por exemplo), tanto pelos próprios autores ou os textos aí produzidos.

Sendo grande a diversidade de textos que circulam pelas esferas científicas e entendendo que seja importante encontrar os elementos que lhes sejam comuns para reconhecer seus significados, foi necessário optar pelo estudo de um gênero de texto específico, no caso, os resumos científicos.

Os resumos de comunicação foram escolhidos, então, por serem compreendidos como uma espécie de *unidade mínima* de estruturação dos textos científicos. É tradicionalmente entendido que os resumos corporificam uma espécie de síntese de textos mais complexos, algo que não os descaracterizam, por outro lado, como próprios de situações de produção da escrita que respondam por especificidades marcantes, que devem ser reconhecidas independente do contexto em que estejam inseridos os resumos.

Neste trabalho, no entanto, apesar de haver reconhecimento de que as tradições linguísticas possam compreender resumos como síntese de textos mais complexos, entende-se que cada texto é seu próprio modelo (BARTHES, 2004), embora preserve em si os elementos que fazem de determinada escrita, científica e poderosa.

Os resumos de comunicação são criados para *comunicar ciências*. Como este trabalho foi realizado nas esferas científicas dos estudos da linguagem, entende-se oportuna a necessidade de reconhecimento de como são produzidos, circulados e consumidos seus resumos entre os próprios especialistas da linguagem, observando seus padrões de composição textual e a ‘tessitura’ desses textos, ou seja, como se enlaçam os liames textuais que tornam *teses* de pesquisa legíveis por meio dos pesquisadores.

Nesse sentido, foram escolhidos os resumos de comunicação publicados na Abralín – Associação Brasileira de Linguística, nos anos de 1994, 2001 e 2005. A escolha por esta instituição é bastante simples: neste trabalho, a Abralín é reconhecida como a instituição mais antiga dos estudos da

linguagem no Brasil, tornando-se força motriz que impulsionou a criação dos principais referenciais de publicação de ciência linguística neste contexto¹.

Seus participantes, em muitos casos, migram ou se intercambiam para outras associações de pesquisa, como a ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil) ou o GEL (Grupo de Estudos Linguísticos), constituídos mais ou menos na mesma época da Abralín, alguns anos depois.

Reconhecer a Abralín como farol da tradição em matéria de comunicação de ciências linguísticas é reconhecer que seus membros mais antigos se empenharam, em *primeiro lugar*, em determinar os domínios dos estudos da linguagem de forma genérica, abarcando o que houvesse de produção científica como própria de uma identidade brasileira que, mais tarde, foi criando novos nichos de discussão e atividades, como as virtuais.

As publicações de resumos de comunicação referentes aos anos de 1994, 2001 e 2005, também têm razões específicas e transparentes para serem escolhidas.

O ano de 1994 é destacado por representar o primeiro encontro da Abralín no país, somente possível depois de quase quarenta anos da fundação da Associação. Esse encontro, então, representa um marco na história das tradições científicas dos estudos da linguagem.

O ano de 2001 é destacado porque representa o segundo encontro da Abralín de caráter internacional, assim como o foi o encontro de 1994. Acreditando que seja notável a distância temporal entre a primeira e a segunda edição da Abralín (sete anos), torna-se interessante observar quais mudanças ocorreram na Associação, seja no nível da diversidade temática ou no nível da diversidade disciplinar da produção de ciências linguísticas.

O ano de 2005, finalmente, é escolhido por se tratar, na ocasião em que este trabalho se inicia, a última edição do encontro.

Para alguns especialistas, é provável que tais escolhas, quanto ao estudo da escrita científica da própria esfera em que se circula, não seja oportuna. Pode ser provável considerarem que o olhar do especialista esteja

¹ Dirigentes da Abralín, desde sua constituição, empenharam esforços para que periódicos de grande circulação como a Revista do GEL - Grupo de Estudos Linguísticos - e DELTA - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada

contaminado a ponto de perceber a realidade da escrita de forma limitada, parcial ou amadora.

No entanto, argumenta-se que tais julgamentos, relativamente válidos, não descaracterizam a seriedade e o compromisso do próprio especialista em reconhecer seu lugar de origem e, assim, construir possibilidades de reconhecimento de sua própria natureza na forma de conduzir a escrita científica e suas peculiaridades, aproximando-se dela ou distanciando-se, para que sejam, futuramente, peculiaridades expostas, comparadas e discutidas frente a outras áreas de conhecimento, com a devida autoridade e prestação de serviços.

O que está em jogo é a caracterização de resumos de comunicação científica como forma de *engajamento* de especialistas da linguagem aos textos que os identificam como cientistas, seja em nível social, discursivo ou textual.

O conceito de *engajamento* desloca um outro, o de *agenciamento*, mais explorado no primeiro capítulo desta dissertação, mas que tem a ver, inicialmente, com as ações discursivas que ligam textos tipificados a situações tipificadas de escrita.

Assim, a questão de pesquisa norteadora deste trabalho é:

➤ **Como se caracterizam os resumos de comunicação da Abralin enquanto agenciamento da escrita científica?**

Para responder a essa questão, optou-se por adotar as teorias de gêneros da escola chamada ‘sócio-retórica’ ou Nova Retórica, por permitir interpretar os gêneros como ação social e artefato cultural que veicula propósitos sócio-comunicativos (BAZERMAN:2006; SWALES:1990) em contextos profissionais como as Associações de especialistas apresentando, assim, uma visão articulada dos resumos de comunicação a situações tipificadas das ciências.

Os critérios de agrupamento dos resumos de comunicação em áreas temáticas determinadas têm a ver com os ritmos de trabalho da comunidade científica, que ora privilegia um ou outro campo temático e disciplinar dos

estudos da linguagem por si mesmos, seja pela influência direta ou indireta dos membros diretores e conselheiros da Associação, seja pelo consumo de publicações que projetam o potencial de cada uma dessas áreas ou disciplinas no espaço da especialização científica e da configuração de objetos de estudo, demonstrados nos rumos da Linguística na atualidade.

O agrupamento de resumos de comunicações de acordo com áreas temáticas e disciplinares da Linguística relaciona-se com a noção de comunidade científica ou comunidade discursiva que se busca construir neste trabalho.

As comunidades discursivas, caracterizadas por conjuntos perceptíveis de objetivos formulados publicamente e explicitamente, podem ser consensuais ou distintas em situações de explicação de pontos de vista e descrições sobre a realidade em forma de argumentações arranjadas de forma peculiar, correspondente à *formação de teses de pesquisas* ocupadas com investigações de especialistas dos estudos linguísticos.

As amostras selecionadas para caracterização da Abralin dizem respeito à escolha de trabalhos que tenham se tornados representativos do diálogo de áreas temáticas e disciplinares na caracterização de objetos de estudo amplamente variados, como a gramaticalização de Línguas Indígenas, a produção de tecnologias eletrônicas para o aprendizado de línguas e a necessidade de se rever o perfil dos membros iniciantes de comunidades científicas ocupadas com os estudos da linguagem.

Outras amostras, nesse caso, poderiam ser escolhidas aleatoriamente, no entanto, os resumos coletados para esta pesquisa eram parte de áreas temáticas que se perpetuaram ao longo de três gerações conselheiras dessa Comunidade, tendo alcançado alguma estabilidade na configuração administrativa da Associação, realizada, aliás, de modo *errante*, como é próprio de organizações sociais da contemporaneidade.

No primeiro capítulo, procurou-se descrever duas abordagens utilizadas na caracterização da produção de resumos, como forma de tentar diferenciar estudos que partem da análise do texto pelo próprio texto e, outros, que partem do contexto em que o gênero e seu autor estão inseridos.

No segundo capítulo, são descritas as contribuições dos principais autores que constituem a Nova Retórica, abordagem de análise de textos que os explica como *gêneros textuais*, sustentando a reflexão desenvolvida neste trabalho sobre os costumes que permeiam a construção da escrita científica, com destaque para a produção de *teses de pesquisa* e como são elaboradas para que sejam constantemente notadas na escrita. No terceiro capítulo, é feita a análise dos resumos da Abralín, procurando responder à questão de colocada nesta Introdução.

No plano das conclusões, depois de organizar os elementos pelos quais se apresentam condições materiais de pesquisa, os ritmos de trabalho e horizontes de expectativas dos membros da Abralín, discute-se elementos comuns que estruturaram as vozes de resumos científicos na apresentação de teses de pesquisa, tais como o tom imperativo e dogmático do pesquisador, porta-voz das verdades produzidas e entendidas, muitas vezes, somente por seus pares; os movimentos de autoria diante da citação e referenciação bibliográfica e, por fim, reflete-se sobre a condição humana de ser pesquisador da linguagem estando, necessariamente, em contato com o conhecido, na iminência de descobertas fragmentadas.

O que se entende por *descobertas fragmentadas* está relacionado ao fato de que os resumos de comunicação serão produzidos apresentando, em parte, *as teses dos escritores*, gerenciadas de modo singular e, portanto, autêntico, sendo apenas *parte* da realidade científica que constitui os estudos linguísticos. Somente quando reunidos, como nesta pesquisa, tais estudos podem descortinar alguma totalidade.

CAPÍTULO

CAPÍTULO I

Abordagens sobre produção de resumos

1.1 Análises de resumos a partir do texto

As definições de *resumo*, em um passado não muito distante, foram construídas, tradicionalmente, de forma a oferecer uma visão simplista do processo de sua produção, limitada a decodificar um *texto-fonte* para depois codificá-lo sinteticamente.

Essas definições desconsideram, inicialmente, as dimensões ‘extratexto’ em jogo no processo de elaboração do resumo.

Como bem sinaliza Machado e Rojo (1984,v.4, p.47), tais definições tinham inspiração em pressupostos teóricos de autores como van Dijk (*apud* MACHADO E ROJO, 1984) ou van Dijk & Kintsch (*apud* MACHADO E ROJO, 1984); pressupostos que preconizam regras capazes de fornecer macro-estruturas textuais de vários níveis.

No primeiro nível, todas as categorias textuais se manteriam, tais como introdução, desenvolvimento e conclusão, por exemplo; no segundo, seriam suprimidos os argumentos das premissas, ou se manteriam apenas os argumentos mais fortes; no terceiro seriam suprimidas as premissas e, no quarto, os argumentos da tese.

Vale ressaltar que os modelos de produção de resumos até aqui descritos apontam a *maturação do indivíduo* como principal fator envolvido na capacidade de selecionar, reduzir, generalizar ou substituir informações de um texto, levando-se em conta, portanto, **perspectivas cognitivas** de produção escrita, perspectivas que dispensam a noção de *gênero* textual ou discursivo como produção socialmente e historicamente situada, embora não desprezem a noção de *ação tipificada* na produção escrita, ainda que tal noção seja destinada a descrever elementos do texto que aparecem ou desaparecem em atividades de síntese.

Apesar de, na tarefa de resumir, a *maturidade do autor* de resumos estar dividida entre funções que o colocavam ora como leitor, ora como escritor de um novo texto, as abordagens cognitivas dispensavam considerar que, nessa troca constante de papéis, haverá *objetivos ou propósitos* particulares de determinado autor na escolha de uma ou outra estratégia de escrita em

situações específicas. Objetivos e propósitos que são determinados, também, pelas esferas de circulação de textos e autores.

Nesse sentido, reforçam-se as razões pelas quais os *resumos* e não outros gêneros textuais são escolhidos para a análise e compreensão da dinâmica linguística e sua escrita em contextos acadêmicos institucionalizados: em primeiro lugar, pela possibilidade de compreendê-lo como um texto iniciático porque, em segundo lugar, será composto por unidades mínimas de estabilidade da escrita científica.

No contexto de produção dos resumos acadêmicos, não é difícil reconhecer modelos de sistematização de produções escritas que possam ter partido das concepções da abordagem cognitiva, encontrados em ambientes de ensino e aprendizagem da escrita científica como em aulas regulares, quando existem, em disciplinas afins ou correlatas de cursos de graduação.

Nesses ambientes ou disciplinas é compreendido que poderão ser apresentadas desde as normalizações da escrita científica até outros critérios de padronização dessa escrita. O mais importante é reconhecer que todos os textos especificamente científicos deverão ser compostos por elementos que os identifiquem como tais.

No nível das normalizações técnicas, de acordo com Ribeiro (2005) a formatação das normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) chegou a impulsionar a publicação de muitos livros de metodologia científica que orientam os universitários quanto ao uso de algumas normas na elaboração de trabalhos acadêmicos, publicações que desempenharam uma espécie de *transposição didática* das normas técnicas para o ensino superior.

De acordo com a ABNT, os resumos, gêneros textuais apresentados antes de quaisquer outros gêneros, devem conter:

1. método, resultados e conclusões do *documento*
2. deve ser precedido de referência do documento, com exceção do resumo inserido no próprio documento
3. deve ser composto de uma sequência de frases concisas, afirmativas e não de enumeração de tópicos. Recomenda-se o uso de parágrafo único.

4. A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento. A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento (memória, estudo de caso, análise de situação etc)
5. Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular
6. Deve-se evitar símbolos e contrações que não sejam de uso corrente; fórmulas, equações e diagramas.

Os seis itens necessários para a produção de resumos ilustram alguns impactos das abordagens cognitivas na produção de textos. São determinados os passos que o autor do resumo deve seguir, chegando a determinar, inclusive, as vozes verbais que devem ser utilizadas para que se mantenha, no contexto de produção técnica, a *impessoalidade* da escrita.

Neste sentido, vale ressaltar que as teses de pesquisa, ao serem apresentadas em situações tipificadas, devem aparecer de modo a distanciar-se de seu autor, distanciamento medido, entre outros, pelos próprios padrões de extensão do texto. São estipulados ao autor de textos científicos os limites que o tornem possível enquanto autor e tais limites podem ser traçados até mesmo nos resumos.

Mas, os limites que compreendem a produção textual como própria de sistemas contextuais distintos desestabilizam normalizações, porque aumentam as variáveis de composição, principalmente, quando levados em conta os objetivos do autor do resumo em situações de produção científica na contemporaneidade. Torna-se possível afirmar que as possibilidades de formatação ou nomenclatura de cada resumo sejam infinitas.

Atentos a essa questão, autores como Motta-Roth (2001) e Bonini (2005) oferecem algumas alterações nos modelos de concepção e análise de textos que ‘partem do texto’, observando as condições de produção de resumos diversos.

Motta-Roth (2002), por exemplo, de modo semelhante à ABNT, descreve o *resumo crítico* como semelhante à *resenha acadêmica* de livros (nas áreas de Linguística, economia e química). Retomando as duas fontes de

classificação do resumo crítico temos:

Resumo crítico, também chamado de resenha crítica, que **formula julgamento** sobre o trabalho que é resumido.

Resenha Acadêmica: resumo **redigido por especialistas** com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se *recensão*. (MOTTA-ROTH, 2002, P.22)

Para que se compreenda a resenha acadêmica como equivalente a resumo crítico destaca-se que são produzidos textos para apresentar teses de pesquisa e seus autores que, portanto, escrevem na condição de quem elabora, de fato, críticas ou sugestões, pontos de vista, conhecimento de causas que formulem julgamentos.

Em Bonini (2005, p.210), os *movimentos retóricos* de Motta-Roth são chamados de *mecanismos de textualização*, também analisados em resumos. Embora Bonini tenha analisado os mecanismos retóricos de sinopses de filmes, o estudo desses textos também pode oferecer modificações nas análises dos resumos de modo geral.

O diferencial oferecido por Bonini é o trabalho com a noção de sequência textual para aquilo que denomina de ***perspectiva pragmático-textual*** de Jean-Michel Adam.

Nesse tipo de análise, os resumos não podem ser entendidos como resultados de ‘retaliações’ ou abreviações de suportes, porque precisam ser pensados levando em conta uma série de fatores que se encadeiam e que constituem a base da produção escrita, como por exemplo, as intenções do autor na produção textual que transcendem ao próprio texto, ou seja, sua origem ou seus objetivos sociais ao construir teses de pesquisa em resumos científicos e sua noção de *realidade*.

Os mecanismos de textualização são levados em conta por Adam (1987) como algo muito mais complexo que a identificação de protótipos textuais, embora seja justamente esse um dos seus pontos de partida para a

caracterização de textos.

Adam define cinco sequências textuais prototípicas, cujos esquemas são construídos a partir de propriedades inerentes à categoria do texto, conforme os itens a seguir:

A. sequências narrativas

São compostas, basicamente, por seis características, quais sejam , a sucessão de eventos, a unidade temática, os predicados transformados, processos intrigas e moral.

1. A sucessão de eventos: a narrativa consiste na delimitação de um evento inserido em uma cadeia de eventos alinhados em ordem temporal. Assim, um evento é sempre consequência de outros, delimitados, por exemplo, pela sucessão de ações das personagens e de seus julgamentos.
2. A unidade temática: necessita de um *sujeito agente* que desencadeia toda a ação narrada, justificando os sentidos e dando um caráter de unidade às ações.
3. Os predicados transformados: o desenrolar dos fatos implica na transformação das características de sujeitos ou, até mesmo, de suas unidades temáticas.
4. o processo: neste item, compreende-se que a narrativa é composta pela descrição de fatos que têm começo, meio e fim. Há uma *situação* que se transforma em decorrência das ações dos sujeitos já identificados e descritos.
5. a intriga: a narrativa traz um *conjunto de causas*, orquestradas de modo a dar sustentação aos fatos narrados.

6. a moral: muitas narrativas trazem uma reflexão sobre o fato narrado, que pode encerrar a verdadeira razão de se contar determinada história ou de se encadear ações a situações e causas que envolvem os sujeitos.

B. sequências descritivas

As sequências descritivas não apresentam uma ordem muito fixa, ao contrário da narração. De modo geral, são apontadas três partes das descrições:

1. Uma ancoragem, onde se tem um tema-título
2. uma dispersão de propriedades, contendo dois processos básicos: a espectralização e o estabelecimento de relações e
3. Uma reformulação, onde se tem uma visão geral do tema

Na descrição, após se estabelecer o tema-título, haverá uma especificação dele, por meio do que está sendo chamado por *espectralização* e/ou do *estabelecimento de relações* das partes que compõem e re-compõem os temas a serem descritos.

C. sequência argumentativa

De forma geral, as sequências argumentativas de Adam têm a função de direcionar as ações dos sujeitos para o convencimento de outros ou, mais especificamente, trata-se da construção de representações da realidade que visem modificar a visão de outros sobre determinado objeto. Inspirado por

Ducrot (1988, *apud* Adam, 1989), Adam afirma que o ato argumentativo é constituído com base em um *já-dito*, em um dizer temporalmente anterior que, na sua forma mais característica, pode aparecer de forma implícita, uma vez subentendido que o já conhecido pelo interlocutor (que detém o já-dito) não precisa ser dito novamente.

O esquema argumentativo consiste na apresentação de um dado ou elemento explícito de sustentação, ou seja, *um argumento* e uma *conclusão*. Esse esquema pode ser constituído de forma bastante variada, mas sempre se levando em conta que a conclusão seja propriamente a opinião do enunciador e pode servir de tese para novas sequências.

D. sequências explicativas

As sequências explicativas pressupõem e estabelecem contratos entre pares de interlocutores nas seguintes condições:

- a) o fenômeno a explicar é incontestável: é uma constatação ou um fato;
- b) o que deve ser explicado é o que está incompleto;
- c) aquele que o explica está em condições de o fazer.

O esquema típico da sequência explicativa apresenta três partes, havendo uma parte não computável no início, uma vez que se trata de uma preparação para a explicação. Nessas três fases da explicação, busca-se levantar um questionamento, responder ao questionamento ou resolver problemas, detalhando-os ou avaliando-os. Neste caso, as sequências explicativas não se assemelham às sequências argumentativas, basicamente, porque não têm como necessidade principal modificar opiniões ou julgamentos e valores dos sujeitos envolvidos na explicação.

E. sequência dialogal

As sequências dialogais dizem respeito à conversação e suas variantes, como entrevistas, palestras e debates. Trata-se de *co-construções* ou realizações interativas que se apresentam não somente como uma sucessão de trocas argumentativas, mas com uma estrutura hierarquizada dessas trocas.

No entender de Adam, existem, basicamente, dois tipos de sequências dialogais: as *fáticas* e as *transacionais*.

As *sequências fáticas* são ritualísticas e têm a função de abrir e fechar a interação. São, portanto, contratadas socialmente, facilmente reconhecíveis como cumprimentos e apresentações.

As *sequências transacionais* são as que compõem o corpo da interação, onde está realmente a razão do ato comunicativo. Sua forma mais característica é o padrão de pergunta-resposta entre os interlocutores, com direito a comentários, acordos e desacordos.

A abordagem ou ***perspectiva pragmático-textual*** de caracterização e análise de textos é interessante à análise de resumos de comunicação a que este trabalho se propõe a fazer, no sentido de que possibilita compreender os resumos, desde o início, como textos que narram, argumentam, descrevem, explicam, dialogam ou divulgam teses científicas, no caso, das ciências da linguagem, algo que torna esses resumos específicos e produto de dinâmicas sociais de comunicação próprias.

Esse tipo de aspecto, ou seja, o caráter comunicativo dos resumos científicos, passa a ser potencializado quando começa a ser reforçada a idéia de que o texto não pode ser analisado com fim em si mesmo, porque pertence a situações específicas e historicamente importantes para a sua própria existência.

Neste sentido, Bonini reconhece que a noção de 'sequência' deixa algumas lacunas para a compreensão das teorias que definem os textos e suas funções, teorias ora comprometidas com noções cognitivas como algumas já descritas neste capítulo, ora comprometidas com noções de análise de práticas

sociais configuradas nas sequências.

Bronckart (1999) oferece um diferencial, em relação a Adam, na caracterização de sequências tipológicas que constituem textos, embora não objetive classificá-los porque considera relevante destacar as funcionalidades sociocomunicativas dos textos, e não apenas seus conjuntos de sequências.

As determinações de sequências tipológicas de Bronckart são todas inspiradas em Adam, no entanto, não são de fácil compreensão e, além disso são muito voltadas para o ensino de textos padronizados de contextos escolares.

A aplicação da abordagem pragmático-textual na caracterização de textos possibilita que sejam elaboradas questões importantes sobre a caracterização de sequências textuais em outras esferas, tais como: *como* e *por quê* determinados movimentos são reincidentes? Reincidem a partir de quais referenciais? Como esses referenciais foram construídos? Sob quais condições é possível responder a essas questões?

Neste sentido, compreende-se que a *análise do contexto de produção* de resumos possibilita responder às questões que ficam em suspenso. Compreende-se que, independente de espaços pedagógicos propícios, os resumos de comunicações científicas também podem ser escritos sem que um texto-fonte-científico esteja, de fato, em andamento, pronto ou acabado, fazendo com que *teses de pesquisa*, *unidades mínimas* de ancoragem de determinado texto e seu autor às esferas científicas, sejam garantidas. E são as teses de pesquisa, levando em conta os contextos em que são produzidas, que interessam a este trabalho como elemento chave que dá sentido aos agenciamentos de escrita científica, enquanto são analisados resumos de comunicações.

1.2 Análises de resumos a partir do contexto: a produção das teses de pesquisa

Analisar resumos levando em conta seu contexto de produção evidencia tensões entre o individual e o socialmente objetivado nessa produção, tensões sistematicamente variáveis e realçadas por fatores nem sempre reconhecíveis, principalmente se levadas em conta as intenções particulares de autoria e de permanência dessa autoria em contextos institucionais de pesquisa.

A multiplicidade de possibilidades de como manifestar interesses e acordos sociais descaracteriza a produção de um resumo 'ideal', principalmente porque cada texto, no lugar de repositório de sentenças pré-formuladas e baseadas em um texto-fonte, torna-se a afirmação das perspectivas de seus autores sobre suas interpretações ou conhecimentos de mundo expressos, por exemplo, por argumentos e explicações sobre determinados assuntos, em que uma interpretação da realidade não seria mais ou menos correta que as demais.

Nesse sentido, a construção das teses de pesquisa é questão de grande relevância para quem se dispõe a assumir posicionamentos de autores de textos científicos.

Para tal construção, vale ressaltar o que Eco (1992:2007) destaca como relevante na construção de teses de pesquisa, quando voltadas para a explicitação de um tema científico:

1. *Que o tema responda aos interesses do candidato* (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa)
2. *Que as fontes de consulta sejam acessíveis*, isto é, estejam ao alcance material do candidato;
3. *Que as fontes de consulta sejam manejáveis*, ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato;
4. *Que o Figura metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato.*²

² Cf. Eco, 2007, 21^a ed. Grifos do autor.

Além das considerações acima, voltadas para a relação tema/tese na configuração de pesquisas científicas, e também, para a clareza com que o autor de ciências deve ter para apresentar seu caminho de leitura a suas audiências, acrescenta-se a necessidade de compreender que teses de pesquisa, também dentro ou fora de esferas científicas, deparam-se com elementos como a *criatividade*³, capaz de adicionar novidades à realidade percebida, conforme entra em questão os modos pelos quais a escrita de resumos atende às expectativas de audiências específicas, sejam elas bem ou mal definidas, as expectativas e as audiências.

Tal criatividade é procedente de redes de relações com a linguagem, estabelecidas por diferentes canais de comunicação, como a educação, a moda, a televisão ou a própria produção intelectual, canais em que indivíduos ou grupos de indivíduos desenham suas figuras como fenômenos estéticos.

A manifestação de fenômenos estéticos é bem estudada, por exemplo, por Bourdieu (1999), na determinação desse autor sobre o que foi denominado *campo literário*. Tomando como estudo de caso o campo literário da França de meados do século XIX, Bourdieu identifica participantes desse campo postos em simultâneas relações de concordância e solidariedade entre si, que repercutiam em sua produção literária.

Havia, por exemplo, os defensores de uma *arte social*, para quem a literatura, como elaboração artística deveria expressar conflitos presentes na sociedade. Os artistas sociais coexistiam com os defensores da *arte pela arte*, cuja escrita deveria privilegiar sempre renovadas pesquisas da linguagem na sociedade, secundarizando os conteúdos abordados. Uma terceira classe, a dos *artistas burgueses*, produzia obras de consumo imediato, de bom retorno financeiro e desprovidas de mais preocupações como as que ocupavam os escritores dos dois primeiros grupos. Na contemporaneidade, os papéis sociais estão misturados, algo que os tornam permanentes.

O que realmente interessa na caracterização de campos literários é sua profunda relação com as *possibilidades de criação* não apenas de textos específicos que agradem a públicos diversos, mas com toda *literatura* que,

³ cf. BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética*. São Paulo: Vozes, 1993.

além de captar audiências preferidas apresentavam, por outro lado, o *lugar social* dos literatos.

Os lugares sociais dos especialistas da linguagem são tema recorrente em muitos grupos de linguístas ocupados em compreender seu papel no mundo atual.

Destaca-se que os lugares sociais de autores da literatura científica, do ponto de vista da produção escrita, não se desarticulam completamente dos movimentos reincidentes que constituem textos, como bem sinalizam os especialistas de abordagens cognitivas e pragmático-textuais observadas no item anterior. Em outras palavras, construir teses de pesquisa é não apenas uma exigência ou pré-requisito, mas também, um costume que estabiliza os textos e vice-versa.

Faz-se pertinente, na análise de resumos de comunicações produzidos por especialistas da linguagem, então, uma postura interpretativa que se permita levar em consideração os movimentos de estabilidade da escrita, mas acrescenta-se, também, as razões sociais pelas quais essa estabilidade constitui autores e audiências.

A alternativa privilegiada neste trabalho para contemplar a análise de resumos de comunicações da Abralin pauta-se em duas considerações:

Em primeiro lugar, na análise de resumos, está em jogo a caracterização das condições sociais de produção desses textos. Em seguida, está em jogo como este texto constitui os propósitos de seu autor dentro das condições sociais em que é produzido.

Por fim, consideram-se quais características são recorrentes diante da enorme variedade de resumos que podem surgir, valorizando cada especificidade.

Para proceder com a análise de resumos de comunicações da Abralin que parta de seu contexto de produção, são levadas em conta as contribuições dos especialistas que compõem a chamada *escola sócio retórica* de identificação de *gêneros textuais*.

Entre os especialistas desses estudos, apresentados no próximo capítulo, há ênfase nas contribuições de Jhon Swales (1990, 1997) para a

caracterização de gêneros de texto e na concepção de *agenciamento de textos* propostos por Charles Bazerman (1994, 2006^a, 2006b) como forma de relacionar a produção de textos tipificados a ações de escrita igualmente tipificadas para contextos de produção específicos.

A herança da análise textual pragmática e seus movimentos retóricos em resumos de comunicação seguem as contribuições de Jean Michel Adam.

Este primeiro capítulo pode responder à questão geradora desta pesquisa, conforme se considera que: os resumos de comunicação são caracterizados, enquanto produtos de agenciamentos da escrita científica, como produção autônoma de textos que apresentam teses de pesquisa, sendo estabilizadas algumas características de produção, circulação e consumo desses textos e dessas teses.

CAPÍTULO 2

O RESUMO DE COMUNICAÇÕES COMO GÊNERO TEXTUAL

2.1 Contribuições da Nova Retórica na classificação dos resumos de comunicação como gêneros textuais

O termo “Nova Retórica” merece, desde o início, alguns esclarecimentos. Passando por diferentes períodos e transformações, a Retórica, na contemporaneidade, tem sido vista por alguns especialistas como possibilidade de redimensionar o papel da escrita na composição dos gêneros de texto em comunidades situadas.

Aristóteles (384-322 a.C.), ao estudar a Retórica, define um tratado completo da estrutura dos discursos e de seu funcionamento. A *Técnica Retórica*, que, segundo Barthes (1975, p.147) baseia-se na tríade emissor-receptor-mensagem, compreende três livros. No livro I, Aristóteles aborda os argumentos da perspectiva do orador e de sua adaptação ao auditório; no livro II, trata dos argumentos da perspectiva do público, de suas emoções e paixões, das provas morais e subjetivas, reservando um lugar para as ‘provas lógicas’. No livro III, consagrado ao estudo da forma, expõe sobre estilos, figuras e também pelas partes dos discursos a serem proferidos. O filósofo dá à Retórica a função de persuadir sobre uma questão provável, dialética.

Citelli (1991, p.10), analisando as relações entre Retórica e persuasão sob o prisma da visão aristotélica, afirma que ela ‘não entra no mérito do que está sendo dito, mas, sim, no como aquilo que está sendo dito o é de modo eficiente’. Esse autor apresenta cinco características relativas à área da Retórica:

1. Retórica não é persuasão;
2. a Retórica pode revelar como se faz a persuasão;
3. Os discursos institucionais da medicina, da matemática ou da história, do judiciário, da família etc, são o lugar da persuasão;
4. A Retórica é analítica (descobrir o que é próprio para persuadir)
5. A Retórica é uma espécie de código dos códigos, pois abarca todas as formas discursivas (p. 10-11)

No século XXI, retomada como importante elemento para o estudo da

argumentação, duas diferenças significativas inovam a Retórica e a fazem oportuna: primeiro, passa a ser vista como uma espécie de recurso comunicativo para apresentação de quem usa a língua oral e escrita ou, em outros termos, como recurso facilitador da linguagem como espelho “de quem fala de algum lugar” em sua comunidade, à construção de situações de representação dessa comunidade de maneira polissêmica, ainda que as situações começassem a ter uma certa recorrência como acontece, por exemplo, em relação aos congressos científicos, como recurso comunicativo que espelha os cientistas ou os representa.

A segunda diferença vem de sua herança literária, que resgata os estilos, reconhecidos como os traços de recorrência, diferenciação, produção de efeitos de sentidos e individualidades, de configuração de uma imagem e, portanto, constituintes de escolhas linguísticas específicas.

A Retórica é oportuna à Linguística por ser capaz de descrever, interpretar ou sistematizar conjuntos de práticas sociais concernentes, por exemplo, à escrita de textos.

A chamada *Nova Retórica* imbrica-se aos estudos da linguagem que reconfiguram o papel da Retórica, pautada ora pela noção mais funcionalista de produção de textos específicos, sem desprezar o grau de estabilidade que os fazem pertinentes e, ao mesmo tempo, pautada pela noção de dialogicidade entre a estrutura do texto e seus diferentes usos, contingências ou *contextos*.

Na Nova Retórica, as questões de linguagem voltadas para a produção, circulação e consumo de textos deram origem aos estudos teórico-metodológicos de análise de *gêneros textuais*.

Apresenta-se, nos itens a seguir, dois dos principais representantes dos estudos sobre gêneros textuais que tiveram seus trabalhos iniciados ou agregados aos pressupostos da Nova Retórica.

2.2 Gêneros e propósitos sociais – o conceito de agenciamento de Bazerman

Charles Bazerman (2004,2006a;2006b) pauta-se na segunda modificação da retórica clássica na contemporaneidade, qual seja, o resgate dos traços de recorrência e diferenciação na produção de efeitos de sentidos e individualidades em contextos próprios de comunidades retóricas.

Sua reflexão sobre os gêneros, assim, recai primeiramente nos autores e leitores de textos que constroem as significações de textos no interior dos complexos sistemas sociais, criando o conceito de *agenciamento* da escrita para fins específicos.

A idéia de agenciamento apresenta uma visão de como as pessoas criam instâncias individuais de significação e valores no interior de campos discursivos estruturados, ou seja, de contextos de produção escrita em comunidades retóricas. Essas instâncias criam condições para que o autor de ciências tenha em quê se ancorar para postular suas teses, embora seja renovada essa ancoragem a cada vez que o autor de ciências se disponha a escrever textos científicos.

Para Bazerman (2006 a), de fato,

Cada vez que escrevemos, criamos novos *enunciados* para uma nova circunstância (...) cada vez que escrevemos, temos que pensar em palavras novas, apropriadas e efetivas num turno extensivo como parte de uma interação que não está imediatamente visível para nós, uma interação que temos que imaginar. (Bazerman, 2006, p.63. Grifo meu.)

Na visão de Bazerman está a consideração de que a escrita, como *materialização de circunstâncias*, exige do escritor a capacidade de estar atento às interações sociais como nem sempre claras e bem definidas, portanto, dependentes de formulações diferentes, tantas quantas forem necessárias para que essas interações sejam cumpridas satisfatoriamente em situações nem sempre numeráveis. A possibilidade de cumprir com tais exigências está associada a três elementos básicos: a noção de regularidade comunicativa; a

noção de unicidade do gênero e a noção de ontologia dos gêneros.

O primeiro elemento que se deve levar em conta para produzir texto e teses científicas, qual seja, *a noção de regularidade comunicativa*, é explicitamente ancorada nos pressupostos teóricos de Carolyn Miller (1994) de produção de gêneros textuais entendidos como artefatos culturais. O acréscimo de Bazerman, neste caso, diz respeito ao fato de que essa regularidade deve ser pensada de forma ritual. Os ritos, no caso, dizem respeito ao próprio hábito de *publicar ciência*.

A segunda noção, de unicidade do gênero, foi pensada por Bazerman (op.cit.p. 96) por conta do preenchimento de formulários de impostos de renda. Ele começou a considerar o fato de que o formulário unifica, planifica ou até reduz aquele que escreve a meros números e estatísticas. São contratos de formalidade utilizados como *estratagema* que facilitará, por exemplo, a revisão contínua do formulário, bem como melhor encaminhamento de confusões e dúvidas de seus usuários. Os ritos de estratificação e planificação da autoria, no caso, dizem respeito a uma suposta *neutralização* da autoria.

A terceira noção, de *ontologia* dos gêneros, está bem descrita nas duas primeiras noções, quando a ontologia é entendida como algo semelhante à *razão de ser das publicações científicas*, e particularmente, seu caráter neutralizador.

No contexto de análise dos formulários de imposto de renda, Bazerman entende que essa ontologia existe como um tipo de ‘tradução’ das regularidades e unicidades de textos, autores e contextos. Tradução de elementos complexos em dados e categorias de análise reconhecíveis. Bazerman (op.cit.p.73) também destaca, na composição da ontologia dos gêneros, seu potencial de acessar procedimentos de escrita não somente pertencentes, no caso, ao preenchimento de formulários.

Na ontologia dos formulários estão também presentes as capacidades de reconhecer abreviaturas e siglas, de seguir instruções seriadas ou dividi-las por sessões, por exemplo, como acontece no preenchimento de cheques ou de aberturas de contas e crediários em lojas.

No caso dos resumos de comunicação e sua produção como gêneros

textuais, os elementos ontogenéticos que os fazem pertinentes não são fáceis de distinguir como se pode fazer em formulários. Está em jogo uma série de elementos relacionados ao que deve ser conveniente na produção de textos científicos que dependem de elementos capazes de fugir ao próprio texto, como por exemplo, o maior ou menor grau de proximidade ou domínio do autor do resumo com seu objeto de estudo, ou com experiências anteriores de produção da escrita científica, como as que se adquire na produção de teses e dissertações.

O que pode haver de semelhante entre formulários e resumos de comunicação está fora deles, está na pretensão de torná-los recortes mínimos de singularidades que podem ser identificadas com clareza, condição que ilumina quem lê os textos e não de quem os escreve.

No contexto de produção da Abralin, no entanto, traquejo com textos ou objetos de estudo não podem ser claramente reconhecidos; podem ser declarados, como contextualização de propósitos comunicativos expressos no texto, de acordo com as intenções de quem analisa os resumos.

A ontologia da escrita de resumos não escapa, assim, da construção das teses de pesquisa, somente reconhecíveis e legítimos para quem os puder ler.

Por outro lado, é justamente no que não pode ser aparentemente analisado que se faz pertinente a idéia de *agenciamento* de textos, ou seja, naquilo que há de individual na significação em campos tipificados de comunidades retóricas.

Segundo Bazerman (2006b, p.116) o conceito de gênero exige uma teoria interpretativa aos textos, capaz de agregar sentidos não apenas às teorias da linguagem que o entendem como sistema de cognição, mas, também, como tecnologia que estabelece graus de complexidade nas relações sociais.

Gêneros envolvem a construção de experiências empíricas na/sobre a linguagem que dão sentido à escrita, à construção mútua de conhecimento compartilhado dentro da comunidade pela qual circulam os textos e às relações com outras comunidades, em nível social, psicológico, empírico,

epistemológico.

Conhecer o gênero, portanto, é criar condições para agenciá-lo, reconhecendo posições e atitudes de seus autores e da esfera na qual estão engajados.

Dessa teoria é possível compreender que o ato de dizer ou enunciar as palavras nos textos realiza, simultaneamente, o (s) porquê(s) e o(s) para que da enunciação.

Segundo Marcuschi (1984) o primeiro desdobramento que pode ser apontado é o fato de ser possível isolar a própria argumentação da retórica. Nesse breve isolamento, a argumentação, entendida como processo de formação de sentidos, contempla tanto a significação pelo nível da frase quanto das ideologias das frases.

No nível da frase, a argumentação torna-se uma questão de adestramento das palavras, própria da condição humana, que dependerá da sistematização dos modelos de argumentação para serem reconhecíveis. Nesse nível, as palavras, por si mesmas, já traduzem o que dizem e se bastam.

O outro nível da argumentação, o da ideologia das frases, funciona como um organismo necessariamente incompleto, sempre em busca de uma completude nova e pertinente. Nesse sentido, assim como Marcuschi (1984) já preconizava, na Pragmática do texto, o discurso, como componente integrado à linguagem, emerge quando os textos são legitimados e pertinentes, típicos, especiais, conforme interação com inúmeras forças como os perfis de agentes da locução e da interlocução dos textos, além dos papéis sociais que eles representam situadamente.

Ainda com base em Marcuschi (op. cit. p. 13) o segundo desdobramento do sentido de performatividade leva em conta justamente a união da argumentação e da retórica como condição sócio-histórica de reconhecimento de níveis implícitos e explícitos de significação dos textos, cujo conceito de situação é essencial e, segundo Koch (2006, p. 27) deverá englobar: a) a situação real dos fatos do mundo, à qual se remete ao emitir-se um enunciado e que pode ser avaliada em termos de verdade/falsidade; b) a situação elaborada no processo de constituição, de representação das

identidades, que constitui o ponto de ligação entre o texto e a realidade.

As situações reais dos fatos evidenciam o que está implícito nos textos ou discursos, e a situação elaborada no processo de representação das identidades evidencia o que deve estar explícito e pode ser reconhecida no texto, de acordo com Bazerman (2006b, p. 93), por intermédio de:

1. citação direta – identificada por aspas, pelo adentramento de parágrafos, caracteres em itálico ou qualquer outro recurso tipográfico destacado das demais palavras do texto.
2. citação indireta – filtram o sentido através das palavras e atitudes do autor quando especifica fontes de onde foram retiradas, permitindo que os significados sejam mais integrados aos seus propósitos. Em textos científicos, é comum aparecerem em forma de referências bibliográficas
3. menção a uma pessoa, documento ou declaração – dependem mais da familiaridade do leitor com a fonte original utilizada pelo autor, que deixa ainda mais implícito o que quiser e busca basear-se em crenças generalizadas.
4. Comentário ou avaliação acerca de uma declaração, de um texto ou de outra voz evocada – intervenção mais que direta do autor à fonte que recupera em seu texto, quando, por exemplo, se aproxima ou se distancia de sua fonte, demonstra discordância ou concordância com a fonte, cria novas hipóteses, questiona, interage mais profundamente com o que menciona
5. Uso de termos ou estilos reconhecíveis de grupos ou pessoas ou documentos específicos – no caso dos resumos de comunicação, que geralmente são

formados pela descrição de objetivos e metodologias de pesquisa, por exemplo, esses termos aparecem para especificar esse gênero, o que o torna semelhante a outros na esfera acadêmica

6. Uso de linguagem e formas lingüísticas que parecem ecoar certos modos de comunicação, discussão entre outras pessoas e tipos de documentos, ou termos que, no caso, demonstram como os resumos de comunicações são mais teóricos ou explicativos, argumentativos, ou científicos.

Esses elementos destacados por Bazerman e que aparecem nos textos, podem configurar modelos de análises de resumos científicos, uma vez que permitem localizar movimentos retóricos que se estabilizam na configuração das teses de pesquisa e sua apresentação. Tais elementos são contributos interessantes para buscar estabelecer paralelos entre as noções de *agenciamento* e de *propósitos*, tanto na elaboração de teses de pesquisa, quanto de situações tipificadas em que possam ser apresentadas essas teses, quanto da produção textual como um todo.

Neste sentido, o conceito de *agenciamento* pode apresentar-se como *flutuante*, ao se levar em conta os três níveis de produção de análise possíveis para estudos pragmático-textuais: o nível social, ligado às esferas de produção da escrita científica, seus costumes e contextos; o nível discursivo ou de configuração do gênero de texto, em que são apresentados as ideologias ou propósitos dos autores dos textos, e, finalmente, um terceiro nível, o textual, em que as sequências tipológicas dos textos serão construídas de modo a implicar ou explicitar ancoragens aos dois outros níveis anteriores.

Na próxima sessão, por meio das contribuições de Swales, o conceito de agenciamento da escrita pode ser mais detalhado conforme são apresentados elementos dos níveis social e discursivo que corporificam, finalmente, o conceito de agenciamento da escrita em função do conceito de *gênero textual*.

2.3 Gêneros e propósitos comunicativos – a abordagem swalesiana

As contribuições de John Swales são relevantes para este estudo porque se desenvolvem especialmente em função da comunidade acadêmica que, como já exposto, está voltada para a construção, circulação e apresentação de teses de pesquisa em gêneros textuais como resumos. Nos próximos itens são apresentados os principais percursos realizados por Swales para construir sua teoria.

2.3.1 Determinações: objetivos, origens e influências

Foi de sua própria experiência profissional, como professor de língua inglesa para fins acadêmicos (English for Academic Purposes) que Swales reuniu elementos capazes de aprimorar suas teorias. Essas experiências, constantemente dialogadas com outras teorias de interface com os estudos lingüísticos, encontraram esteio, por exemplo, em indagações importantes como estas de Wilkins (*apud* Swales, 1973):

As abordagens gramatical e situacional são essencialmente diferentes em suas perguntas e respostas. A primeira diz respeito a perguntas do tipo 'como'? Como os falantes de língua X se expressam? Suas respostas levam às perguntas: 'quando'? 'onde'? o aluno vai precisar da língua-alvo?⁴

Percebe-se que está no centro das atenções de Swales, preocupado, inicialmente, com ensino de línguas para estudantes não-nativos, as questões que envolvem as formalidades de uma abordagem mais gramaticalizada desse ensino e, concomitantemente, a variação ou as variações que essas formalidades podem sofrer ao longo do tempo e do uso situado que esses aprendizes farão da nova língua.

Idealizar os chamados *protótipos de textos* foi a alternativa que,

⁴ Idem, p.17: "The grammatical and situational approaches are essentially answers to different questions. The former is an answer to the question 'how'? How do speakers of language X express themselves? The latter is a response to the questions 'when'? 'where'? When and where will the learner need the target language?" [Tradução minha].

inicialmente, satisfaz a idéia de equilíbrio entre o estudo da Gramática e sua situacionalidade.

Mais tarde, um pouco mais independente das reflexões sobre a produção de gêneros provenientes do ensino e aprendizagem de línguas, Swales amadurece sua reflexão sobre a produção de textos acadêmicos, conforme vai inserindo em seus postulados considerações importantes sobre o funcionamento dos textos apresentados por seus alunos em redes de situações pertencentes a comunidades específicas, mas não exatamente acadêmicas, como mercado de trabalho ou diálogo com a mídia científica.

Ao voltar-se para observações como as de Wilkins sobre as relações que se estabelecem entre gramaticalidade e situacionalidade no ensino de línguas, Swales cria condições para também considerar indagações como as de Widdowson (*apud* Swales, 1979) sobre processo de construção de autorias e do teor discursivo dos textos no uso da língua materna:

O fato de que o Inglês científico exhibe uma porcentagem relativamente elevada de certas características sintáticas e uma porcentagem relativamente baixa de outras pode ser útil para a identificação de textos científicos em Inglês, mas nós nunca deveríamos querer fazer [uma análise] dessas. Na verdade, esta abordagem tem-se revelado insuficiente para o estabelecimento de autorias; ela pode revelar, com a ajuda do computador, aquilo que o [autor] escreveu. Mas, não pode revelar o caráter comunicativo do que está escrito. Ela não pode lidar com a natureza do seu discurso.⁵

O enfoque sobre os protótipos textuais, então, evolui para outras questões, como a construção dos *propósitos comunicativos*.

⁵ cf. Swales, p.3: 'The fact that scientific English exhibits a relatively high proportion of certain syntactic features and a relatively low proportion of others may be useful for identifying scientific English texts should we ever wish to do such a thing. In fact this approach has proved useful for establishing authorship; it can reveal, with the help of the computer, who wrote what. But it cannot reveal the communicative character of what written. It cannot of its nature deal with discourse'. [Tradução minha].

2.3.2 O conceito de propósito comunicativo: tarefas e objetivos

Questões sobre escrita e autoria para fins acadêmicos aproximam Swales das contribuições de especialistas de disciplinas como a Etnografia e a Antropologia. Geertz (1983), um dos antropólogos que mais o influenciam, reflete sobre o mundo das significações apresentando indagações como as seguintes:

grandes rubricas como "ciência natural", "ciências biológicas", "ciências sociais" e "ciências humanas" têm as suas utilizações na organização de currículos acadêmicos, de comunidades profissionais e na distinção de estilo da ampla tradição intelectual. Não existe, até agora, nenhuma historiografia do movimento. Mas, quando estas rubricas estão a ser tomadas como fronteiras-e-territórios no mapa da moderna vida intelectual, elas simplesmente bloqueiam a chance de ver o que está acontecendo realmente lá fora, onde homens e mulheres estão pensando em coisas e escrevendo o que pensam⁶.

No contexto de produção científica, a palavra '*objetivo*' fica sendo, possivelmente, o melhor sinônimo para *propósitos*. Na concepção swalesiana⁷, os propósitos representam um critério importante para se decidir sobre as categorias genéricas em que são inseridos os textos.

No entanto, não é simples caracterizar ou mesmo reconhecer quais são os objetivos pelos quais as pessoas se dispõem a produzir gêneros. Reconheceu-se que o propósito é um critério muito difícil de se trabalhar do ponto de vista analítico.

Askehave & Swales (2001) apontaram algumas fragilidades do conceito, baseando-se na maleabilidade dos gêneros, na multiplicidade de objetivos que podem apresentar, nas variações transculturais de nomenclatura e no próprio fato de que os propósitos nem sempre são claros.

⁶ Idem, p. 19: 'Grand rubrics like 'natural science', 'biological science', 'social science' and 'the humanities' have their uses in organizing curricula, in sortinh scholars into cliques and professional communities, and in distinguishing broad traditions of intellectual style. There is, so far anyway, no historiography of motion. But when these rubrics are taken to be borders-and-territories map of modern intellectual life, they merely block from view what is really going on out there where men and women are thinking about things and writing down what it is they think.' [idem]

⁷ In: Swales, J.M. *Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. Mimeo.

Há situações em que podem ocorrer divergências sobre a identificação dos propósitos até entre os membros especialistas de uma dada comunidade discursiva. Há gêneros que têm o mesmo propósito e que são diferentes em termos de aspectos formais, de organização textual, assim como há textos idênticos ou quase idênticos com propósitos comunicativos bem diversos. Askehave & Swales ainda enfatizam que, mesmo conhecendo-se as convenções de determinados gêneros, pode-se romper com essa visão convencionalizada e usá-los com outras finalidades, fator que cria condições para que aprimore o conceito de *re-propósito* dos gêneros.

A idéia de re-propósito é definida a partir da percepção de que são várias as finalidades que um mesmo texto pode possuir, mas, também, essas finalidades se imbricam quando há detecção de objetivos comuns em conjuntos de textos que circulam por uma mesma comunidade.

Os propósitos comunicativos como decisões particulares de produção dos gêneros são mais evasivos, múltiplos, sobrepostos, independente do autor de determinado gênero saber ou não quais são as normas textualmente estabilizadoras de sua constituição.

Os gêneros especificamente acadêmicos, enquanto objeto de agenciamentos da escrita científica, no caso da produção dos resumos de comunicação, levam em conta as possibilidades de escrita que os autores de resumos podem conhecer para produzir tal gênero de forma adequada. Os propósitos, por sua vez, são relacionados à escolha de *quais* possibilidades são acessadas e *por que*, de acordo com as circunstâncias.

As atualizações de Swales sobre as possibilidades de caracterização dos propósitos comunicativos manifestos em textos ainda estão em constante reformulação.

2.3.3 O conceito de comunidade discursiva

Uma comunidade discursiva, segundo Swales, é composta pelas características destacadas no Figura a seguir, de acordo com determinações estipuladas por esse autor em dois momentos, numa primeira versão, escrita em 1990 e, em seguida, numa segunda versão, que resulta do aprimoramento da primeira, publicada em 1997.

Neste trabalho, o emparelhamento das duas versões foi realizado para que se tornasse mais fácil compreender o que se mantém e o que se modifica na conceituação de comunidade em Swales:

Tabela 1 – Primeira e segunda versão dos critérios que conceituam Comunidades Discursivas, de acordo com Swales (1990-1997)

Primeira versão (1990)	Segunda versão (1997)⁸
Uma comunidade discursiva tem um amplo conjunto de acordos públicos em comum;	Há um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados publicamente e explicitamente e também podem ser, no todo em parte, aceitos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos, mas relacionados (veteranos e novatos; pesquisadores e clínicos)
Há mecanismos de intercomunicação entre seus membros	Os principais mecanismos de intercomunicação entre membros de uma mesma comunidade são os gêneros textuais. Por meio deles, o complexo feixe de relações entre os membros são dinamizados, conforme se ampliam os objetivos dos grupos que compõem as comunidades.
Usa mecanismos de participação para uma série de propósitos como prover o incremento da informação e do feedback;	usa mecanismos de participação para, também, canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional

⁸ A primeira versão já foi amplamente divulgada em trabalhos científicos como os de Biasi-Rodrigues (2005) e Borba (2003.) A segunda versão, de 1997, foi traduzida por Benedito Gomes Bezerra, a ser publicada.

Utiliza e, portanto, um ou mais gêneros na execução dos seus objetivos comunicativos;	utiliza uma seleção crescente de gêneros para alcançar seu conjunto de objetivos e para praticar seus mecanismos participativos.
Para além das propriedades dos gêneros, uma comunidade discursiva adquire algumas especificidades lexicais;	Comunidades são determinadas pelo conjunto de especificidades lexicais que ajudam a estabelecer seus domínios em situações tipificadas. A dinâmica de seu funcionamento faz com que essas especificidades sejam sempre aprimoradas, aprimorando, também, seu repertório lexical.
Admite membros com um grau adequado de conteúdo relevante e perícia discursiva.	Há uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e progresso dentro da comunidade, determinada pelo acúmulo de conteúdos relevantes e perícia discursiva dos membros mas, também, pelo tempo de permanência dos membros na comunidade e demarcação de seus territórios institucionais.

No primeiro item, ao detalhar o que poderia ser ‘um conjunto de acordos públicos’ de uma comunidade, Swales esclarece em que sentido e em que momento de seu trabalho está mais atento às reflexões existenciais que o aproximam do conceito de ‘propósito’ como próprio de redes ou conjuntos de objetivos diversos, que selecionam os membros das comunidades.

Os acordos públicos, assim, são mais que sistematizações comunicativas, porque estão diretamente ligados aos propósitos da escrita de textos, já entendidos como múltiplos e evasivos, particulares.

No segundo item, ao se manter a idéia de que as comunidades se orientam por mecanismos de comunicação específicos, reassume sua postura diante da classificação de gêneros como artefato social, no entanto, sem o pragmatismo sistemático de tempos anteriores.

Já no terceiro item, novas modificações ocorrem e, dessa vez, pela reflexão sobre a funcionalidade dos gêneros. Em 1990, mais voltado para funcionalidades que atendiam de forma imediata a questões de ensino e aprendizagem de gêneros, Swales parece se posicionar, de forma indireta,

como quem avalia os gêneros como artefato de ensino e avaliação.

A análise de gêneros no nível da 'informação' e do '*feedback*', aparecem nas análises de gêneros de Swales como espécies de avaliação da produção dos gêneros, portanto, coerente com a fase de estudos em que este autor está mais voltado para a classificação de estereótipos dos textos.

A quarta característica também é aprimorada, por estar mais explícito, neste item, em que momento e em que sentido Swales compreende a necessidade de observar como é relevante a noção de gêneros para a organização das comunidades discursivas como organismos vivos e complexos.

No quinto item, poucas alterações são percebidas, exceto pelo fato de que Swales percebe que não se trata apenas de aquisição de terminologias lexicais a permanência de membros nas comunidades.

Participantes ativos e diretos de comunidades discursivas têm, como elemento de permanência e aprimoramento de experiências, necessidade natural de conhecer e criar terminologias próprias, específicas de seus grupos de trabalho e estudo.

Por fim, Swales assume a organização de poderes institucionais em jogo nas comunidades discursivas. Em um primeiro momento, o autor acredita que tais poderes se expressam pelo traquejo textual dos membros na participação dinâmica de gêneros cada vez mais complexos.

Em seguida, percebe que a criação e movimentação de poderes transcende aos textos, por ser mais própria de relações que se estabelecem entre os que estão há mais ou menos tempo admitidos nas comunidades e suas tarefas sociais.

Observando cada um dos seis itens que constituem o conceito de comunidade discursiva proposto por Swales, percebe-se que algumas mudanças, apesar de aparentemente sensíveis, indicam grandes modificações paradigmáticas e epistemológicas de caracterização dos gêneros.

Quanto às modificações paradigmáticas é possível afirmar que são substanciais, conforme Swales aprimora seus estudos no plano da própria Filosofia da Linguagem e da Etnografia; quando aprimora seus estudos no

sentido de compreender os textos em *situações sociais* (linguisticamente) *tipificadas*.

Quanto às modificações *epistemológicas*, é possível observar as contribuições que as teorias swalesianas podem oferecer para as disciplinas com as quais dialoga, oferecendo condições para que especialistas de áreas afins possam estudar os gêneros textuais em contextos diversificados, capazes de compreender os relacionamentos humanos renovando o enfoque sobre as situacionalidades. Os gêneros textuais tornam-se, então, chaves de acesso à própria Linguística e também a outras disciplinas de interface.

No entanto, os conceitos de comunidade discursiva devem estar permanentemente em discussão, justamente porque dependem de reflexões situadas sobre como detectar as características pelas quais são constituídos.

2.3.4 O conceito de gênero

O conceito de gênero, estruturado de acordo com as noções de propósito comunicativo e comunidades discursivas, está em constante transformação nos estudos swalesianos e carece de reformas. Swales, no entanto, parte do princípio de que, para configurar um conceito mais solidamente, é importante levar em conta os diferentes contextos de estudo dos gêneros provenientes, por exemplo, dos estudos folclóricos, dos estudos literários, dos estudos lingüísticos de forma geral e da própria Retórica.

No contexto de definição de gêneros nos estudos folclóricos, Swales observa que

O folclorista deve tentar compreender a razão pela qual as pessoas contam histórias em primeiro lugar, por que elas apreciam ouvintes, e por que favorecem algumas histórias sobre outras. O problema não é só para entender como um texto 'se enlaça', mas também para entender por que um determinado indivíduo ou grupo seria os povos a encontrar um texto importante, digno de atenção, e merecedor de repetição. (Swales, 1990:35 *apud* Oring, 1986:134-135. (Grifos do autor)⁹

⁹ The folklorist must attempt to understand why people tell stories in the first place, why listeners appreciate them, and why they favor some stories over others. The problem is not only to understand how a text 'hangs together', but also to understand why a particular individual or group of people would find a text meaningful, worthy of attention, and deserving of repetition.

Os gêneros textuais, no contexto dos estudos folclóricos, são aqueles que conquistam ouvintes, favorecendo algumas histórias preferidas, que agradam determinada audiência. Essa audiência, no entanto, exerce o papel fundamental de fazer com que o que se conta permaneça como digno de atenção perdurável.

Os resumos de comunicação, tomando por base esse tipo de definição que provém dos estudos folclóricos, poderiam ser entendidos como uma espécie de *suporte* daquilo que deve ser perdurado diante da comunidade científica, seja para manter a audiência pretendida pelo seu agenciador, seja para que esta audiência seja satisfeita.

No contexto dos estudos literários, Swales leva em conta observações de Todorov, mas é baseado em Fowler (*apud* Swales, 1990) que entende como destacável uma síntese dos autores, reproduzindo que

Longe de inibir o autor, gêneros são apoios positivos. Eles oferecem um espaço neutro proposicional; uma matriz literária pela qual a sua experiência perdura até o fim da composição. O escritor é convidado a experienciar o jogo da escrita em um formulário específico de forma ainda indeterminada. Aceitar o convite não resolve seus problemas de expressão. Mas dá-lhe acesso a formar idéias quanto à forma como uma variedade de componentes possa ser devidamente combinada. Gênero oferece também um desafio, provocando um espírito livre de transcender as limitações dos exemplos anteriores.¹⁰

A perspectiva dos estudos literários que chama atenção de Swales, em suma, parece recair sobre o diálogo do escritor de gêneros com as formas que determinam os textos e as experiências dos autores como razão de expressão dessas formas. O princípio de neutralidade do autor, no entanto, é bastante vaga e até improvável, se considerado que nenhuma produção de ordem linguística pode ser entendida como neutra, porque há sempre uma intenção veiculada em qualquer que seja o contexto de sua produção.

No entanto, enquanto desafio, gêneros como resumos de

¹⁰ Far from inhibiting the author, genres are positive support. They offer a propositional neutral space; a literary matrix by which to order his experience during composition. The writer is invited to match experience and form in a specific yet undertermined way. Accepting the invitation does not solve his problems of expression. But gives him access to formal ideas as to how a variety of constituents might suitably be combined. Genre also offers a challenge by provoking a free spirit to transcend the limitations of previous examples. [Tradução minha].

comunicação são bem compreendidos, seja pelo quanto pode ser difícil agenciar os elementos que compõem determinada escrita de forma procedente à esfera de circulação acadêmica, aperfeiçoando-a ou apenas reproduzindo-a, seja pelo repertório de propósitos ou objetivos que fazem da escrita do resumo uma atividade existencialmente importante, porque evoca a percepção e organização das experiências que envolvem sua escrita.

Os resumos de comunicação podem ser entendidos, no contexto de definição de gêneros que provém da literatura, como apresentação das experiências dos especialistas da linguagem em plena elaboração.

Outro contexto de determinação dos gêneros escolhido por Swales é a própria Linguística. Ele destaca que

Gêneros muitas vezes coincidem com eventos de fala, mas devem ser tratados como analiticamente independentes deles. Eles podem, ou não, ocorrer em diferentes eventos. O sermão como um gênero é tipicamente identificado em um lugar em um determinado serviço da Igreja, mas suas propriedades podem ser invocadas, para efeitos sérios ou humorísticos, em outras situações.¹¹ (Ames, *apud* Swales, 1974:61).

A noção de situacionalidade vem sendo bem evidenciada desde o começo deste trabalho, conforme se anuncia, de início, que a análise dos resumos se inicia na construção de sua esfera social de produção, de modo que a contribuição mais valiosa de Hymes na teoria de Swales está nos efeitos de adequação e inadequação que podem ocorrer quando gêneros específicos transitam por contextos diferentes ou até estranhos àqueles para os quais foram determinados.

No caso dos resumos de comunicação, seu trânsito tem audiência principalmente entre especialistas das ciências, no caso, especialmente especialistas dos estudos linguísticos, mas podem causar efeitos de estranhamento, por exemplo, entre demais cientistas ou pessoas pouco alfabetizadas; ou efeitos de humor, se colocados numa situação em que o

¹¹ Genres often coincide with speech events, but must be treated as analytically independent of them. They may occur in or as different events. The sermon as a genre is typically identified with a certain place in a church service, but its properties may be invoked, for serious humorous effect, in other situations.

propósito seja caricaturar os cientistas.

Finalmente, uma definição dos estudos de retórica para os gêneros textuais se organiza por meio de uma visão geral a princípios assim estabelecidos, que não podem ser perdidos de vista, tais como:

- desconfiança em relação à classificação dos gêneros e a uma postura prescritiva na sua definição: os gêneros são entidades dinâmicas, passíveis de transformações de acordo com as condições sociais e históricas em que são produzidos, por isso não se prestam a classificações fáceis ou a estudos meramente prescritivos;
- percepção de que os gêneros são importantes para integrar o passado e o presente: como construções históricas, os gêneros mantêm certa estabilidade, mas também evoluem para responder às necessidades de um mundo em mudanças;
- reconhecimento de que os gêneros se situam no âmbito de comunidades discursivas, nas quais são importantes as práticas e crenças de seus membros: cada comunidade tem seus objetivos particulares e, assim, é a própria comunidade que define quais gêneros são relevantes para a consecução desses objetivos;
- ênfase no propósito comunicativo e na ação social: nos remete a Miller (1984), cuja definição de gênero não está centrada na substância ou na forma do discurso, mas no conceito de ação social; situado num contexto sócio-retórico mais amplo, o gênero funciona como um meio para a realização de nossos propósitos comunicativos(e mesmo para a identificação de tais propósitos).
- Com base nessas caracterizações, e apoiando-se especialmente nos subsídios teóricos da Etnografia da Fala e da Análise do Discurso anglo-saxão, Swales propõe uma

visão integrada de gênero que engloba os participantes da comunidade discursiva, os eventos comunicativos e as convenções sócio-culturais, cada elemento convergindo na direção de uma mesma finalidade. Tal finalidade é alcançar o propósito comunicativo pretendido.

A noção de *discurso* está relacionada ao pronunciamento das representações de crenças relevantes para os membros das comunidades, que atribuem sentidos, também, às experiências dos membros na realização de suas tarefas.

No entanto, se levados em conta os novos estudos swalesianos postos em circulação desde 1997, não é possível concordar com Oliveira.

Para Swales (1990:58), uma síntese adequada do que foi retirado sobre diferentes contextos de identificação dos gêneros textuais é a seguinte:

Um gênero compreende eventos comunicativos cujos membros partilham um dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos experts membros da comunidade de discurso e com isso constituem a base lógica para o gênero. Essa base modela a estrutura do conteúdo e do estilo. O propósito comunicativo é um critério, privilegiado, que opera para atingir o escopo de um gênero concebido e enfocado e ações retóricas compatíveis. Os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais altas forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pelos membros da comunidade de discurso. Os nomes dos gêneros herdados e produzidos pelas comunidades de discurso e importados por outras constituem valiosas comunicações etnográficas, mas que tipicamente necessitam de validação¹²

¹² Swales, 1990:58. 'A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation. [Tradução minha].

Ao se levar em conta as modificações realizadas na caracterização de comunidades discursivas e propósitos comunicativos, mais os gêneros não são reconhecíveis apenas por experts, mas por qualquer membro que participe das comunidades, atribuindo valores aos gêneros conforme suas condições ou seus interesses lhe permitam.

Assim, não há mais a necessidade de cultivar, primeiramente, uma 'base lógica' para o gênero, porque essa 'lógica' vai ser alterada de acordo com as circunstâncias que, por sua vez, ajudam a determinar estilos, conteúdos e audiências.

Seria pertinente concluir, seguindo os passos de Swales que:

Gêneros são valiosas contribuições *linguístico-etnográficas* capazes de identificar comunidades discursivas e seus valores, objetivos, ritmos de trabalho e horizontes de expectativas, de acordo com uma profusão de propósitos que se estabilizam e refazem constantemente.

Como contribuições *linguístico-etnográficas* para a caracterização de textos e sujeitos, os gêneros textuais ainda precisam ser pensados de forma mais pontuada, em estudos futuros que tenham como um dos objetivos principais a caracterização desse termo.

A noção de gênero como recurso linguístico-etnográfico pode ser ancorada, de início, a reflexões sobre a noção de gêneros construídas, por exemplo, por Vian (2001), ao comparar os percursos de análise de gêneros provenientes de teorias bakhtinianas e provenientes da linguística sistêmico-funcional explicando que, no segundo modelo, é marcante a influência de estudos de origem antropológica, propostos por Halliday (1989), influência essencialmente caracterizada pelo foco social, ou seja, com funções sociais determinando a linguagem e como ela se desenvolve, criando uma noção, portanto, *sociossemiótica, equivalente à abordagem sócio-retórica* de produção de textos, como pode ser ilustrado a seguir:

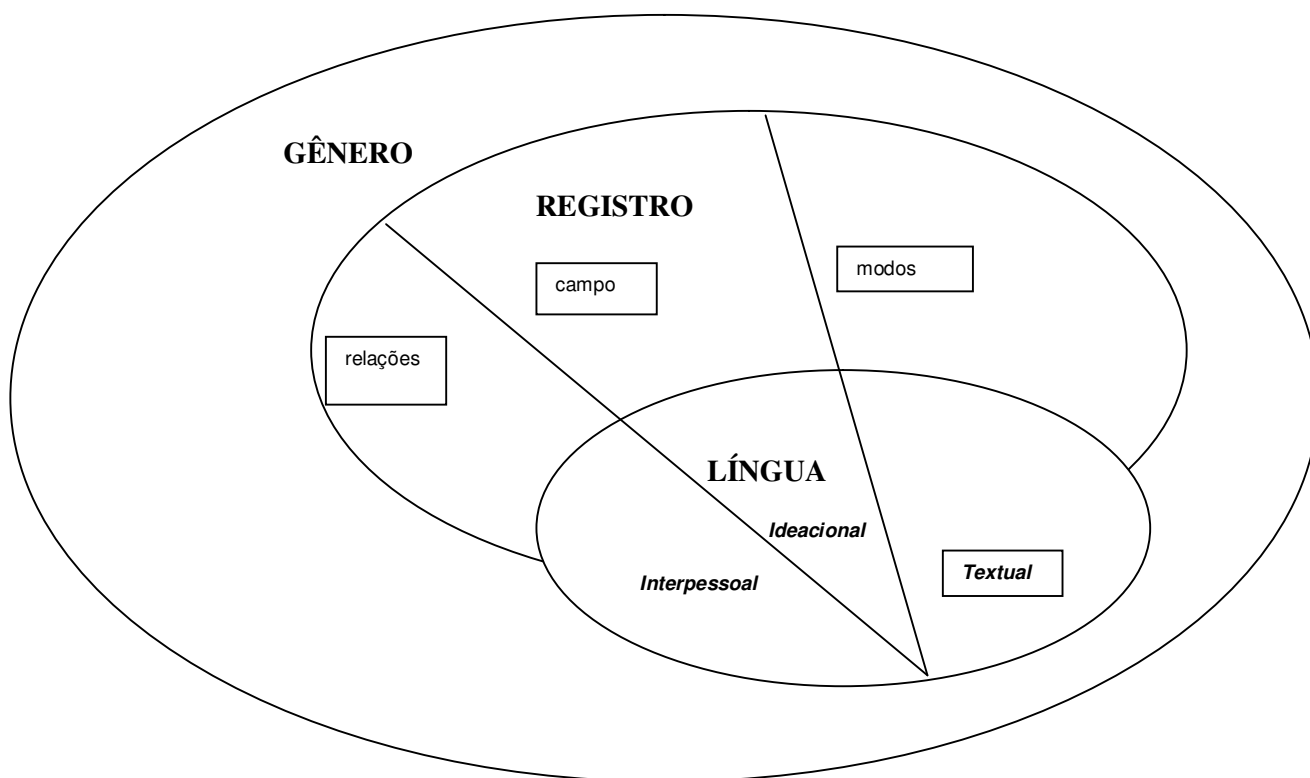


Figura 2 – Representação do modelo sociossemiótico de compreensão dos gêneros textuais

Interpretando a figura acima pode ser compreendido que a língua em uso merece esclarecimento quanto às maneiras pelas quais é usada. De acordo com a teoria hallidiana, essas maneiras de utilização da língua podem ser classificadas em três categorias, tendo em vista que (1) a língua é usada para falar de experiências de mundo, inclusive para expressar percepções; (2) também é usada para interagir com outras pessoas; (3) além de organizar o que dito. Cada uma dessas categorias é usada como base para que seja possível explorar como os significados são criados e compreendidos (THOMPSON, 1996:17) como *metafunções* desempenhadas na comunicação, de acordo com perspectivas próprias adotadas pela Linguística-sistêmico-funcional (LSF).

A partir dessa perspectiva multifuncional, a língua desempenha as três metafunções simultaneamente: a **função ideacional** na representação de

experiências e do mundo; a **função interpessoal** que se constitui na interação social entre os participantes no discurso e a **função textual**, que une partes de um texto num todo de maneira coerente, constituindo e ligando esse texto a contextos situacionais.

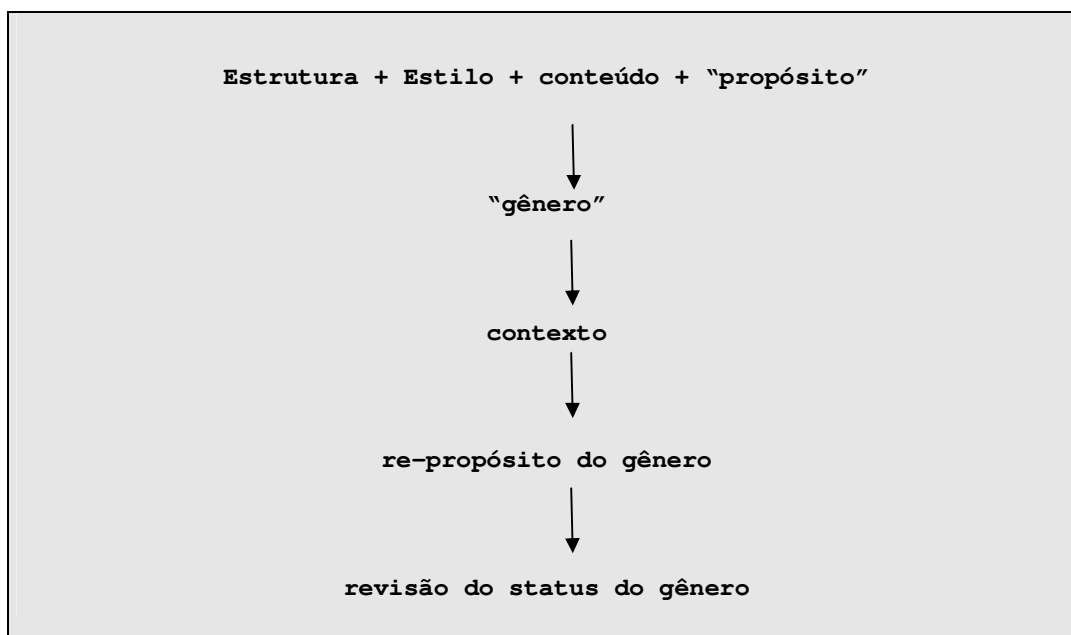
Estas funções são expressas através das três variáveis de registro: a variável *campo* (*field*) é expressa através da função ideacional, a variável relações (*tenor*) é expressa pela função interpessoal e a variável modo (*mode*) é expressa pela função textual. A teoria de registro tem por função, assim, descrever o impacto das dimensões do contexto imediato da situação de um evento no modo como a linguagem é usada (EGGINS, 1994:9).

2.3.5 Modelos de análise de gêneros numa perspectiva swalesiana

Para Swales, como teórico iniciado nos domínios de estudo da Linguística Sistêmico-Funcional, existem duas possibilidades de análise dos gêneros textuais que lhe parecem procedentes: a primeira, partindo do próprio texto; a segunda, partindo de seu contexto de produção.

O Figura analítico abaixo, retirado de Swales (1997), ilustra como se dá a análise de textos que parte do texto de forma inicialmente isolada de seu contexto de produção:

Tabela 2 - Análise de gêneros a partir do texto



De acordo com a Figura 1, toda a análise textual leva em conta, primeiramente, a estrutura do texto. Essa estrutura pode dizer respeito à organização das partes que constituem os protótipos de textos, como 'introdução, desenvolvimento e conclusão, por exemplo.

Esses protótipos devem expressar um determinado estilo textual, no caso, identificado pelas sequências textuais que ajudam a determinar suas funções, veiculando corretamente os conteúdos a serem transmitidos no texto.

Os propósitos da escrita apresentariam uma definição ainda mais vaga de reconhecimento, embora fosse possível utilizar as categorizações de Adam, apresentadas no capítulo anterior.

O conceito de gênero, bastante preso ao texto, determina a forma de compreender e identificar os elementos que constituem a função de produção desse texto. A idéia de 're-propósito', só então, começaria a apresentar traços da *situacionalidade* da produção textual e de especificação ou adequação daquele texto em seu contexto imediato; A noção de contexto, por sua vez, é imediata, já vem pré-determinada.

Na análise de resumos de comunicação, de acordo com a aplicação desse modelo, seria necessário levar em conta, logo de início, que o resumo sempre apresentará as mesmas características, seja qual for o contexto em que seja produzido.

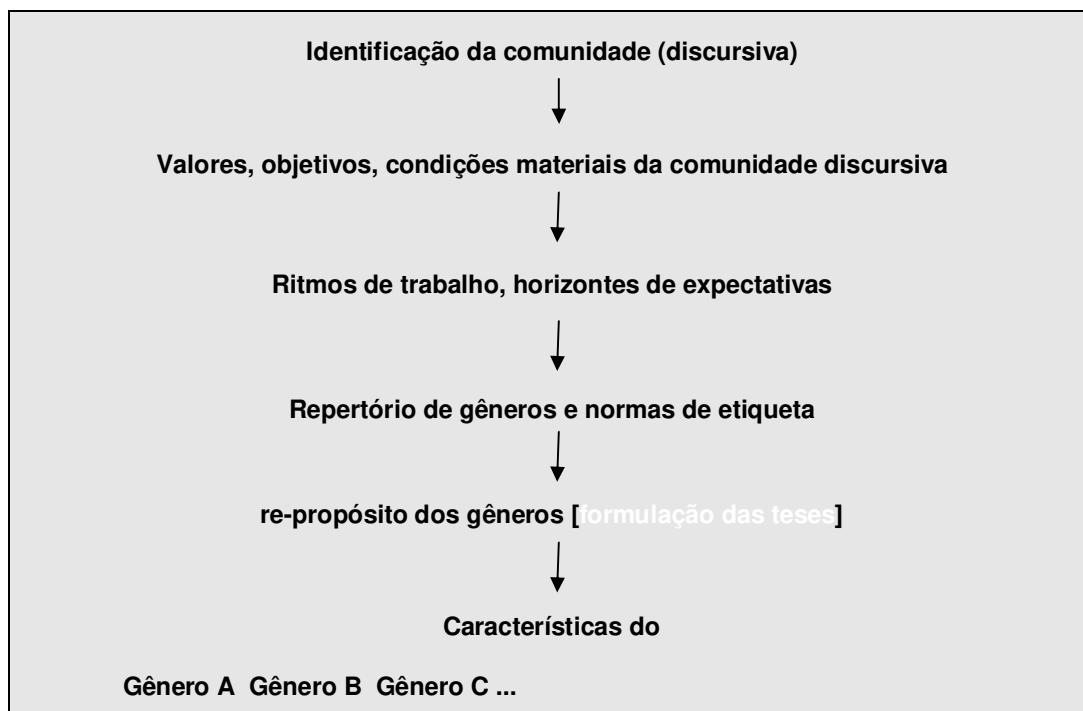
A noção de que se trata de um resumo específico o aqui analisado, o de comunicações *científicas*, apenas seria pano de fundo para o reconhecimento de que deveriam ser compostos por sequências descritivas, explicativas ou argumentativas.

A caracterização do teor de cientificidade dos resumos é agregada ao sucesso do encadeamento das sequências, algo que faria do resumo de comunicações, de fato, um texto específico.

A caracterização das sequências textuais é indispensável, mas assume outros efeitos de percepção dos textos quando analisada a partir de seu contexto de produção, em que as *teses de pesquisa* e seu estudo assumiriam contornos de percepção do resumo de modo diferenciado.

O Figura esquemático a seguir ilustra, de forma bastante simples, os percursos pelos quais são identificados e analisados os gêneros textuais como constructos sociais, ou seja, como produto de relações entre comunidades pelas quais os textos são naturalizados como portadores de teses científicas a serem compreendidas:

Tabela 3. Análise de gêneros a partir do contexto



De acordo com a figura 3, a análise gêneros textuais se inicia identificando características da comunidade em que circulam. Tal caracterização pode ser dada por exemplo, pela contextualização histórica da comunidade ou do modo como se realiza em sua periodicidade.

Esses aspectos, na perspectiva de Swales, estão relacionados com a circulação situada de valores e condições materiais de produção da comunidade. Quanto a esses aspectos, é interessante destacar, por exemplo, que estão sendo configurados os objetivos dos autores em questão para se agregarem à comunidade, objetivos relacionados, principalmente, com sua formação ou atuação enquanto pesquisadores.

Os ritmos de trabalho de pesquisadores ou cientistas determinam e são determinados, de forma complementar, pelo fluxo de produção de gêneros diferenciados de texto, destinados, em sua multiplicidade, a propagar as teses dos pesquisadores.

Neste sentido, o conceito de 're-propósito' do texto pode ser determinado pela adequação, no gênero, da apresentação das teses, cujas possibilidades de composição são variáveis, apesar da estabilidade que os configura.

No próximo capítulo, o modelo da Figura 3, também idealizado por Swales (1997) será levado em conta para caracterizar a Abalem como comunidade discursiva e o resumo de comunicações da Abalem como gênero textual.

É possível afirmar que este capítulo possibilita responder à pergunta de pesquisa que estrutura as investigações da seguinte forma: os resumos de comunicação da Abalem são caracterizados como portadores de unidades mínimas de composição de gêneros textuais científicos, unidades que se manifestam em nível social, pela caracterização das comunidades por onde circula; no nível discursivo, pela veiculação de teses de pesquisa que, finalmente, apresentam os liames pelos quais, em sequências discursivas, o texto é agenciado.

CAPÍTULO 3

OS RESUMOS DE COMUNICAÇÃO DA ABRALIN

3.1 A Abralin como comunidade que discursa ciências linguísticas

A dificuldade para quem procura definir a noção de instituição não reside somente no fato de que, em última instância, esse termo pode aplicar-se a todas as condutas públicas ou privadas – ou somente às que são sancionadas de maneira explícita e efetiva por uma **agência** da sociedade especificamente designada (...) [Mas, no fato] de que tudo o que é social é institucional.

(Bourbon & Bourricand, 2003:301)

Associações, como ações coletivas, são organizações resultantes da união entre pessoas com ou sem personalidade jurídica, para realizarem objetivos comuns. Algumas vezes, podem ser entendidas como uma espécie de *instituição*, ou mecanismo social que controla o funcionamento da sociedade e dos indivíduos.

O conceito de instituição, no entanto, não é simples de definir, uma vez que analisado por diferentes enfoques provenientes, principalmente, das ciências sociais.

De modo geral, as instituições se constituem conforme indivíduos ou grupos de indivíduos reconhecem uma autoridade exterior a seus interesses e preferências (BOURDON & BOURRICAND, 2003) que reúnam conjuntos de regras ou os sistemas normativos que ligam esses grupos.

Para os sociólogos durkheimianos, é necessário indagar sobre a força e coerência das ligações entre grupos sociais; uma vez que justamente essa coerência é o que se faz problemática, repleta de contradições. Para sociólogos de formação marxista, por outro lado, não se pode falar de contradições entre dois ou mais grupos sociais, a menos que esses grupos se encontrem numa situação de jogo, de soma zero.

No caso de reconhecer a Abralin como comunidade discursiva, mais especificamente, como uma comunidade *científica*, de acordo com esclarecimentos sobre seu caráter científico, na próxima sessão deste capítulo está em questão, por um lado, a reunião dos grupos sociais que podem ser entendidos como próprios dos estudos ou ciências linguísticas. Por outro lado, entra em questão como ‘esquematizar’ as contradições entre tais especialistas, sejam de cunho teórico-metodológico, ideológico, epistemológico, etc,

contradições que não podem ser resolvidas neste trabalho, mas que podem ser estruturadas e apresentadas de acordo com o que se pode apreender da dinâmica de publicações de resumos e da apresentação das áreas temáticas e disciplinares em constante movimento na Associação dentro do recorte temporal previsto.

Fundada na década de 1950, a Associação Brasileira de Linguística tem como compromisso principal a produção e difusão de estudos linguísticos¹³.

Na década de 1940, iniciou-se o que se pôde chamar de *tendências atuais da lingüística no Brasil* (MATTOSO CÂMARA, 1976), em simultânea criação com faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e que abrangiam tanto o estudo das ciências físicas e biológicas como das humanidades e das ciências sociais.

A Abralin surge, entre outros, como uma necessidade de demarcação de território e determinação do que fossem, afinal, os espaços, os assuntos, os objetivos, o material da Linguística, que deixa de ser uma disciplina semestral em cursos de Letras e passa a ocupar outros espaços em outros cursos de graduação, como a Antropologia e a Didática de modo plural, de modo que o mesmo objeto, a linguagem, construindo pesquisas de diferentes temáticas e campos disciplinares.

As contradições, por sua vez, não ficam sendo compreendidas em função da anulação de uma ou outra pesquisa ou campo temático e disciplinar, ao contrário, em comunidades científicas como a Abralin, de propósitos relacionados à difusão de pesquisas, as contradições são entendidas como possibilidades de ampliação dos seus territórios.

No entanto, o caráter realmente institucional da Abralin é reconhecido quando os grupos diferenciados de especialistas são reunidos pela criação de um *estatuto*¹⁴ e pela determinação de uma *sede*.

Uma definição importante para estatutos corresponde ao seu caráter de ordem regulamentar das normas legais que regem as coisas e as pessoas.

¹³ <http://abralin.org/institucional/estatuto.pdf>

¹⁴ O Estatuto da Abralin está disponível em www.abralin.org/institucional/estatuto.pdf.

Para serem celebradas, tais ordens podem ser instituídas de várias maneiras. No caso de Associações científicas como a Abralín, as regulamentações são dadas: pela circulação de periódicos especializados como revistas impressas ou virtuais destinadas à publicação de artigos científicos; pela adesão dos grupos a órgãos representativos como sindicatos e demais agremiações, pela apresentação de palestras ou atividades similares que representem as atividades da instituição etc. Mas, para reunir os grupos de interesses e membros, equacionar as contradições ou contrastes que certamente serão delineadas entre especialistas, é fundamental analisar a realização dos *congressos* institucionais.

Com o propósito de celebrar sua representatividade institucional, a Abralín promove seus congressos, que podem ser entendidos, também, como uma espécie de ‘modelo’ interessante de organização da própria instituição.

Nos congressos, ou para que aconteçam, são estabelecidos *sistemas normativos* que, segundo Bourdon e Baurricand (2003, p. 307)

São regras do jogo (...)que permitem certos desempenhos (...) em que a avaliação e a interpretação dos desempenhos são tão importantes quanto os próprios desempenhos.(BOURDON & BAURRICAND, 2003, p. 307).

Os congressos, como ponto de encontro, de avaliação institucional e subsídio para produção de questionamentos sobre os modos pelos quais seus desempenhos podem ser interpretados, tornam-se, na ocasião de seu acontecimento, *a própria instituição*. Pensados desse modo, os congressos seguem o ritmo de organizações políticas da contemporaneidade.

Nas palavras de Canclini (2000, p. 345), em modelos de organização política na contemporaneidade ‘está em questão a passagem de uma concepção vertical e bipolar para outra descentralizada, multideterminada, das relações sociopolíticas’. No caso da Abralín, tal modelo se caracteriza por secretarias e conselhos editoriais itinerantes, cujos critérios de organização e comando das funções da associação são desempenhados de forma sempre diferenciada no atendimento do que reza o estatuto, possivelmente pela utópica garantia de estabilidade, ou qualquer coisa que crie possibilidades crescentes

de adesão e fortificação da comunidade a cada congresso que se realiza.

A 'errância' administrativa, territorial e corporativa cria, como própria de modelos de organização institucional descentralizada, um 'perfil' de organização de grupos científicos, cuja dinâmica torna-se interessante neste trabalho na medida em que evidencia o jogo de áreas temáticas e disciplinares na determinação de quais áreas e quais disciplinas devem ser privilegiadas ou secundarizadas.

É provável que, justamente porque este jogo seja, de fato, previsível, a permanência de núcleos sempre diferenciados assumindo os poderes institucionais é desejada, disputada, barganhada. O reflexo disso recai sobre a produção de resumos científicos, de acordo com o próximo item.

3.2 Valores, objetivos e condições materiais de existência

Em continuação à classificação da Abralin como comunidade própria de discursos da ciência, vale ressaltar a definição de Kuhn (1990:74) para comunidades científicas, que para esse autor

(...) são comunidades formadas pelos participantes de uma **especialidade científica**. Estes foram submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similares, numa extensão sem paralelos na maioria das outras disciplinas. Neste processo absorveram a mesma **literatura técnica** e dela retiraram muitas das mesmas lições. Normalmente as fronteiras dessa literatura-padrão marcam os limites de um objeto de estudo científico e em geral cada comunidade possui um **objeto de estudo próprio**. Há escolas nas ciências, isto é, comunidades que abordam o mesmo objeto científico a partir de pontos de vista incompatíveis (Kuhn, 1990, p. 220-1. Grifos meus.)

A partir de Kuhn, três noções importantes são destacadas para reconhecer os valores pelos quais se norteiam comunidades científicas e seus membros: a noção de *especialização científica*; a noção de *literatura técnica* e a noção de *objeto de estudo próprio*. Essas noções, na verdade, sinalizam que tipos de valores são essenciais para que se construa, afinal, o 'ser' especialista de determinada comunidade científica.

Os valores das ciências e dos cientistas não são fáceis sobre essas três noções não são fáceis de pautar, a menos que se leve em consideração que podem ser relacionadas a níveis, graus ou escalas de poderes guiadas pelo *status* dos membros e de seus locais de origem. Tais níveis ou escalas estão relacionados com o tempo de permanência de determinado membro na comunidade, algo que estabelece hierarquias entre veteranos e novatos, convidados e membros permanentes, por exemplo.

Os valores de comunidades científicas como a Abralin podem ser entendidos como inerentes ao tipo de poder que especializações, literaturas e paradigmas de percepção da realidade conquistam, com mais ou menos prestígio diante de outras comunidades científicas equivalentes, de nível internacional. Nota-se que seja muito comum encontrar nas contra-capas de revistas da Abralin uma lista de conselheiros editoriais pertencentes a várias universidades associadas a comunidades científicas de seu país de origem. Estar mais ou menos próximo desses membros pode significar, de certa forma, caminhos para estabelecer valores de prestígio.

Nos cadernos de resumos há o nome do presidente da vez, seus secretários, tesoureiros, suplentes, conselheiros e financiadores, estes últimos, geralmente, são fundações estaduais ou federais de apoio à pesquisa que também ditam algumas regras a serem valorizadas pelos membros das comunidades científicas.

Nos três congressos da Abralin destacados para análise, a materialização dos valores e objetivos da Associação esteve norteadas pelos valores de muitos especialistas que assumiram diretorias e cargos administrativos afins. Neste trabalho, serão destacados os membros que compuseram os *Conselhos Editoriais* dos eventos, responsáveis por selecionar, entre outras atribuições, os resumos de comunicação validados para a publicação desses textos nos anais e, portanto, a participação nos congressos de outros membros e sua efetiva colaboração.

Quanto aos Conselhos, a Abralin apresentou como membros:

Tabela 4 – Lista de Conselheiros da Abralin nos anos de 1994, 2001 e 2005

Ano	CONSELHEIROS da ABRALIN
1994	Diana Luz Pessoa de Barros; Giselle M.O. e Silva; Lúcia Maria Pineiro Lobato, Luis Antônio Marcuschi; Maria Bernadete Marques Abaurre e Myrian B da Silva
2001	José Luis Fiorin ; Leonor Scliar-Cabral, Lúcia Pinheiro Lobato; Maria Cecília Mollica; Maria Denilda Moura, Rosemeire Selma Monteiro
2005	Célia Marques Telles ;Eduardo Roberto Junqueira Guimarães;Luiz Antônio Marcuschi;Maria Cecília de Magalhães Mollica;Maria Elias Soares;Esmeralda Vailati Negrão

As diretorias também merecem destaque, dada a influência que apresentarão na escolha de áreas temáticas e disciplinares que serão contempladas. A Figura de diretores é assim configurado:

Tabela 6 – Lista de Diretores da Abralin nos anos de 1994, 2001 e 2005

Ano	Diretores da Abralin
1994	Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (presidente); Jacyra Andrade Mota; Serafina de Souza Ponde
2001	Maria Elias Soares (presidente); Maria do Socorro Silva de Aragão; Bernadete Biasi Rodrigues; Vlândia Maria Cabral Borges
2005	Lúcia Maria Pinheiro Lobato (<i>in memorian</i>); Stella Maris Bortoni-Ricardo (presidente);Ana Suely Arruda Câmara Cabral; Maria Marta Pereira Scherre; Heloisa Maria Moreira Lima Salles;Daniele Marcelle Grannier

Na análise de gêneros textuais como resumos de comunicação, valorizam-se instâncias de poder que, inicialmente, estariam *abaixo* de outras instâncias como a presidencial, em princípio, mais poderosa que a dos conselheiros.

A troca de valores institucionais possibilitados na/pela análise de resumos em seu contexto de produção evidencia que haverá um ‘corpo’ editorial, aquele responsável a percorrer os caminhos da escrita normativa da

literatura científica no contexto da Abralín, cuja manifestação escrita e o cuidado em como elaborá-la permanecerá, em algum momento, problematizada.

Vale destacar que, no ano de 1994, a diretoria era composta por especialistas que enfatizavam os estudos da chamada Dialetologia e dos estudos de Filologia Portuguesa; No ano de 2001, a ênfase recaía em estudos sobre Psicolinguística e, no ano de 2005, na área de Sociolinguística, uma vez que são essas as peculiaridades das publicações daqueles que respondem como presidentes da associação.

As condições materiais de existência do poder institucional, quando se tem em mente sua correspondência à composição da literatura técnica produzida por cientistas da linguagem, é materializada em cargos fixos (quanto ao conselho editorial da Abralín, sempre em número máximo de seis) que cumpram com os costumes da comunidade.

Em seguida, apresenta-se um breve panorama de como se estabelecem os congressos a cada ano, levando em conta seu local de realização, adesões de novos membros e outras peculiaridades.

3.2.1 O ano de 1994

A década de 1990 no Brasil foi uma das mais expressivas para os estudos lingüísticos. A Abralín era contemplada pela chegada ao seu terceiro decênio e ao seu primeiro encontro de projeção internacional, que teve como sede a cidade de Salvador, no Estado da Bahia.

Regiões longínquas dos grandes centros urbanos e comerciais do país, mais *isoladas*, segundo Mattoso Câmara (1976, p. 47), representavam os estudos lingüísticos no Brasil quase exclusivamente por conta de três campos de interesse: a história e a filologia do português, o estabelecimento de uma língua padrão para o Brasil e a Dialetologia brasileira.

A Linguística brasileira é apresentada como uma espécie de reflexo da Filologia Portuguesa ou de concepções de 'língua' bastante voltados para o

português de Portugal em comparação com o português do Brasil.

As conferências internacionais versaram sobre assuntos relacionados, de fato, a temas que centravam o estudo da gramática da Língua Portuguesa, principalmente da Fonética e da Fonologia, como bem pode ser notado no título ‘A silabificação de base em português’, de uma das convidadas estrangeiras, Maria Helena Mira Mateus.

Há, também, ênfase sobre as possibilidades de aplicação dos estudos linguísticos à vida cotidiana, cujo reflexo incidiu diretamente ao ensino escolarizado da língua em todos os níveis.

A Abralín, nessa sua primeira edição, vai deixando evidente quais são os temas, ideologias e desafios que comandavam os estudos da linguagem nos anos de 1990: conflitos internos, necessidade de afirmação, revisão de subsídios teóricos e metodológicos de pesquisa e ensino, problemas embaralhados ou voltados para questões mais específicas do papel dos lingüistas, que sempre têm como centro o estudo da gramática, tanto em abordagens teóricas quanto aplicadas.

3.2.2 O ano de 2001

Muito mais complexo que o primeiro internacional realizado em 1994, o segundo encontro esteve marcado por ainda mais representantes das regiões centro-oeste, norte e nordeste do país, tendo como sede a Universidade Federal do Ceará.

Isso significa o fortalecimento dos membros da associação e um intenso fluxo de produção de novos textos dos mais variados por toda parte, até que uma quantidade maior de resumos de comunicação, inclusive, fosse escrita, credenciando novos lingüistas.

Em universidades como as Estaduais e Federais do Maranhão, Paraíba, Pará e propriamente do Ceará, novos cursos de graduação e pós-graduação foram credenciados e reconhecidos no território nacional.

As conquistas de universidades das regiões norte e nordeste do país

em função do desenvolvimento da Linguística, em termos de ocupação do território nacional e adesão de novos membros da Abralín são dignas de consideração.

As crises internas colocadas em evidência, já no primeiro encontro de 1994, criam consensos e novos materiais de divulgação sobre os papéis dos estudos lingüísticos na sociedade quando são construídas comunicações que buscavam equacionar as teorias lingüísticas à formação de professores, às diferentes intervenções possíveis em sala de aula, ao papel da universidade na produção, circulação e consumo de conhecimentos, principalmente em função da produção de textos e seus significados.

Timidamente, essas discussões favoreceram a construção de novos olhares e discursos sobre a universidade e seu funcionamento não apenas pedagógico, mas principalmente intelectual e sócio-ambientalizado que amparam e são amparados por teorias linguísticas construídas nas fronteiras da linguística com outros campos e áreas de conhecimento, tais como a Antropologia e a Sociologia.

Além das discussões provocadas pelo Provão, ficam mais evidentes discussões em mesas redondas e apresentações individuais sobre as interfaces da Lingüística com teorias da cognição provenientes especialmente de Piaget e Vigotsky (Salomão – UFJF), com a filosofia da linguagem e a despadronização dos níveis de racionalidade da linguagem provenientes de Wittgenstein (Faraco – UFPR), com a psicanálise e suas várias vertentes teóricas voltadas para a construção das subjetividades modernas (Lemos – Unicamp) e com as novas tecnologias e “teorias de ação” (Marcuschi – UFPE) como as teorias do Letramento.

A conferência inaugural, mais uma vez, tem a profa. Dra. Maria Helena Mira Mateus como convidada de honra, apresentando uma comunicação cujo título era “A Linguística e o conhecimento científico da linguagem.”

A acompanhá-la estava a profa. Dra. Leonor Scliar Cabral, apresentando uma comunicação com o título: “Saussure Revisitado?” Como não há publicação de resumos de conferências, não é possível saber

detalhadamente do que se tratava cada comunicação, no entanto, é provável que ambas priorizassem levar à discussão os diferentes rumos da Linguística em seu tempo.

Auto avaliação constante, busca por áreas disciplinares de interface e solidificação de ancoragens teóricas que revisitem os cânones, são as características que configuram a Abralín quanto a seus valores, objetivos, condições de produção.

3.2.3 O ano de 2005

Ocorrido na cidade de Brasília, este encontro possibilita descrever a Abralín como símbolo de entidade de prestígio político no ramo dos estudos da linguagem.

Além de acontecer na capital federativa de centralização e expressão política do país, esse encontro apresenta um rico ecletismo dos seus participantes, colaboradores de toda parte, sem centralização mais ou menos expressiva de regiões isoladas, o que não significa, por outro lado, que tenha sido possível evitar uma espécie de “ressurreição” da hegemonia das universidades paulistas e cariocas no cenário geral, menos pelo seu papel histórico na fundação da associação e mais pelo intercâmbio entre especialistas de toda parte que buscam aprimorar seus conhecimentos junto a especialistas que publicam livros e artigos em revistas cada vez mais populares¹⁵, editadas em papel ou eletronicamente.

Outro tipo de intercâmbio que garante o prestígio da Abralín é comprovado pela quantidade superior de adesões dos participantes em relação a edições anteriores do evento, contando com colaboradores ligados a universidades públicas e particulares que apresentam níveis de complexidade e excelência

¹⁵ No final dos anos de 1990 a Abralín conta com a consolidação da revista A DELTA, editada desde 1984 e serviu de base, segundo Barbara (2001), para muitas outras revistas do gênero no cenário linguístico brasileiro.

praticamente inéditos nos trabalhos documentados pelos resumos de comunicações¹⁶.

Entre as conferências internacionais está SOBRE AS ORIGENS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – RETROSPECTIVA DE UM GARIMPO de Anthony Julius Naro, professor da universidade do Rio de Janeiro, catedrático brasileiro.

O conselho editorial dos cadernos de resumos, assinado pela professora Stela Bortoni-Ricardo, curiosamente, não publicou as contribuições de representantes estrangeiros.

3.3 Ritmos de trabalho, horizontes de expectativas

Observando as particularidades de instituições científicas como a Abralin e seus modos de expressão, o que se apresenta como mais significativo é o fato de que essa instituição depende de muito material escrito.

Desses materiais, os mais importantes, neste trabalho, são os resumos de comunicação, que materializam todas as atribuições da associação. Sua produção está associada a financiamentos de órgãos de fomento e programas de pós-graduação, ou seja, de especialização, mestrado e doutorado, sendo produzidos de acordo com prazos e metas bem definidos.

A produção de resumos, e seu posterior aceite, faz com que esses textos sejam encaminhados a esses órgãos financiadores para que se possa conceder recursos materiais de participação do especialista no encontro com a comunidade.

O sucesso do especialista depende, também, da relevância de sua pesquisa, do rigor com que está sendo realizada e acompanhada e, principalmente, do prestígio de sua área temática e disciplinar diante das instituições de fomento, que exigem parâmetros de quantidade de publicações.

Esse último item, de caráter quantitativo, desperta indagações como as de Ribeiro (2006):

¹⁶ Consultar anexos no cd rom que acompanha este trabalho.

Observa-se que as transformações realizadas nos últimos anos nos sistemas de fomento e classificação dos programas de pós-graduação resultaram no aumento da produtividade científica brasileira medida pelas publicações indexadas no contexto internacional. No entanto, a pressão institucional quantitativa pela publicação pode estar induzindo a distorções de comportamento entre os cientistas, o que compromete o próprio sentido do fazer científico e o futuro da ciência no Brasil. (Ribeiro, 2006:34)

As ‘distorções’ a que se refere Ribeiro são de várias ordens. A mais importante delas, no entanto, parece dizer respeito aos prejuízos que sofrem os teores qualitativos das pesquisas, seja em função da pouca profundidade das reflexões realizadas acerca das teses de estudo, seja em função do desprestígio que sofrem os especialistas que procuram manter, em suas áreas temáticas, o padrão de excelência qualitativo das pesquisas, que demandam, algumas vezes, mais tempo e mais recursos para serem amadurecidos, como acontece em boa parte das comunidades científicas próprias das Ciências Humanas.

As áreas temáticas que constituem a Abralín como comunidade discursiva devem operar em tempo limitado.

Neste sentido, cada comunidade científica tem acesso a horizontes de expectativas cada vez mais limitados de produção de pesquisas, capazes de influenciar tanto a flexibilidade das pesquisas e cientistas quanto restringir, em muitos casos, a diversidade das áreas temáticas.

Nos encontros da Abralín, estreitamentos de áreas temáticas e disciplinares são bem marcados, dada a visibilidade a um recorte longitudinal dos congressos, que reúna dados de mais de um encontro, como se faz neste trabalho.

Na Figura abaixo, é possível perceber que os horizontes de expectativas dos linguístas eram bem amplos, dividido ao longo de 14 áreas temáticas:

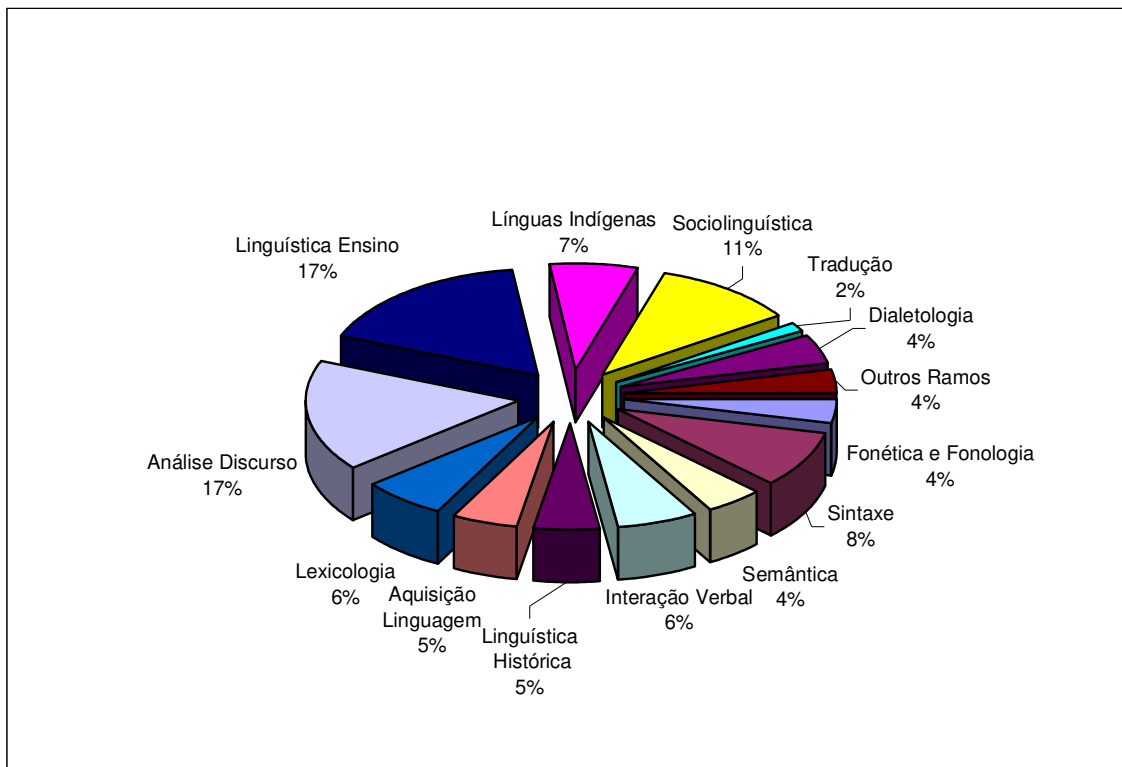


Figura 2-Distribuição das áreas temáticas da ABRALIN em 1994

Infelizmente, não são muito claros os critérios que separam tais e tais trabalhos publicados em resumos de comunicações em determinadas áreas temáticas e disciplinares, dado que são bastante tênues os limites entre as abordagens teóricas, a especialização científica, a interpretação das literaturas científicas e o recorte dado aos objetos de estudo de cada área de estudo.

Percebe-se, desde o início, os resultados obtidos pelos esforços das lideranças da comunidade em assegurar o ecletismo, ou seja, a diversidade de enfoques sobre os estudos linguísticos que multipliquem também, as teses de pesquisa.

Um dado curioso é a ênfase a áreas disciplinares, no ano de 1994, como *Análise do Discurso* e *Linguística e Ensino* que, diferente do que se poderia esperar, apresenta características importantes sobre como já começam a ser delimitados os objetos de estudo da Linguística no Brasil. Poderia ser esperado, por exemplo, que a ênfase do primeiro congresso internacional da Abralín recaísse sobre estudos de *Fonética e Fonologia*, dado que a convidada

internacional, escolhida pelas comissões de poder do evento, era pertencente a esse ramo.

No ano de 2001, a organização dos trabalhos, de acordo com respectivas áreas temáticas, nem sequer foi contemplada. Foi necessário que, neste trabalho, esse tipo de organização fosse levado em conta, utilizando os critérios de seleção do congresso anterior, do ano de 1994 que, como já salientado, não são claros, e dependem que o analista os selecione, de acordo com critérios também difíceis de descrever, uma vez que se mesclam muito os elementos que configuram áreas disciplinares.

Ficou perceptível que, enquanto algumas áreas temáticas, como Linguística e Ensino prosperavam, outros ramos foram simplesmente banidos ou absorvidos por outras áreas temáticas e suas condições de estudo e pesquisa, como acontece com Tradução e Dialetoлогия, de acordo com a Figura Ilustrativo 3:

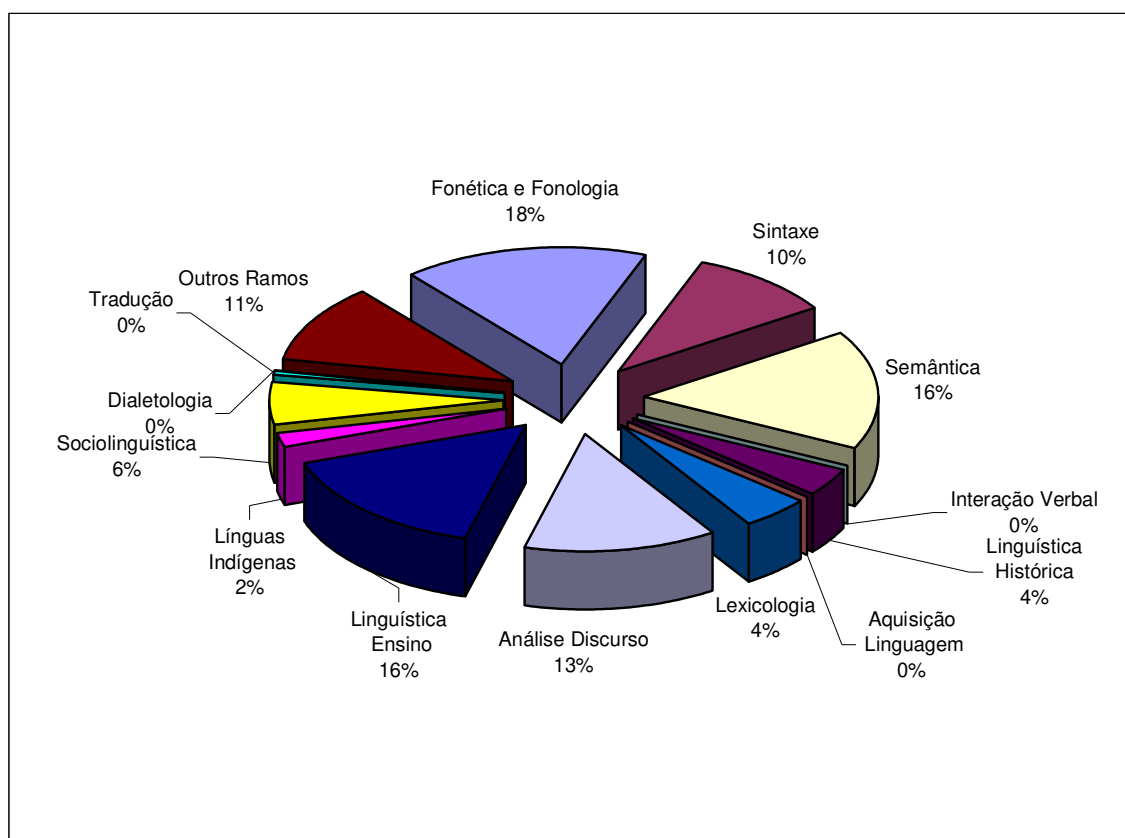


Figura 3 - Distribuição das áreas temáticas da ABRALIN no ano de 2001

A diversidade de possibilidades para se estudar os fenômenos lingüísticos era tão rica e intensa, que se fez necessário detalhar os subtemas recorrentes nas áreas “Linguística e Ensino” e “Outros Ramos”. A Fonética toma seu posto de liderança, algo que demonstra o impacto do encontro anterior na adesão de novos membros da comunidade.

Na Figura 4, é fácil observar que os ‘outros ramos’, na verdade, nada mais eram que áreas temáticas diretamente relacionadas com estudos lingüísticos das principais universidades européias e americanas, como acontece, por exemplo, com Filosofia da Linguagem e Pragmática, por exemplo.

Essas áreas são assumidas como próprias da Associação, mas a existência de cada uma no detalhamento dos encontros demonstra que foram, na ocasião, áreas férteis de pesquisa, prósperas, como a própria Linguística brasileira se apresentava:

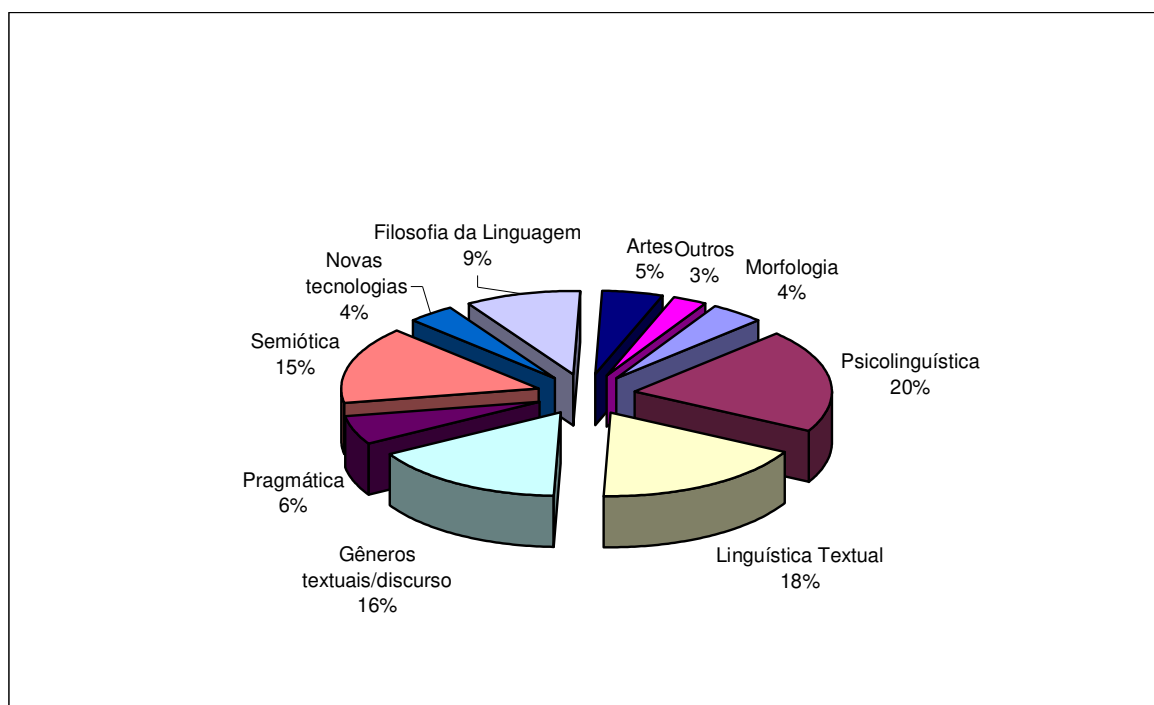


Figura 4 - Detalhamento das Outras Áreas temáticas da ABRALIN entre 1994 e 2001

Outro forte sinal de prosperidade pode ser contemplado no detalhamento do que vem a ser “Linguística e Ensino”, cujas subáreas contemplaram forte aptidão da comunidade em se voltar para temas atuais e instigantes como a formação de professores e avaliações institucionais de ensino, inclusive, as próprias universidades, entre outros, como se ilustra abaixo:

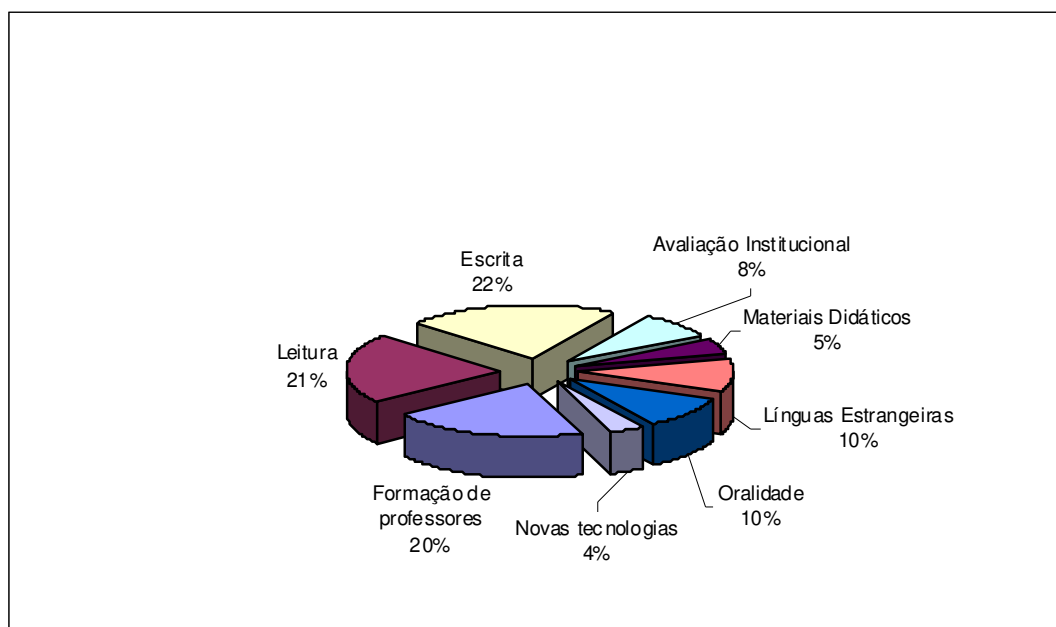


Figura 5 - Detalhamento da área temática Linguagem e Ensino entre 1994 e 2001

Reunindo áreas e subáreas temáticas da comunidade científica Abralín, nos congressos de 1994 e 2001, obtém-se um total de **30 áreas temáticas** ocupadas com os fenômenos lingüísticos no Brasil, gerando tecnologias e novos empregos, novas frentes de pesquisa para outros campos de estudo, e, principalmente, uma identidade eclética e versátil.

No ano de 2005, por sua vez, retoma-se as discussões sobre quais seriam as áreas produtivas e relevantes consideradas pela Abralín como comunidade discursiva.

Assim, as referências catalográficas dos anais do Congresso ocorrido em Brasília, publicam quais são os resultados das modificações:

Congresso internacional da ABRALIN (4. : 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília : [s.n.], 2005.
1600 p.

Publicação somente on-line

1. **Linguística teórica e descritiva.** 2. **Fonética e fonologia.**
3. **Teoria da gramática.** 4. **Línguas de sinais.** 5. **Línguas indígenas.**
6. **Análise do discurso.** 7. **Morfossintaxe.** 8. **Psicolinguística.**
9. **Lexicologia e lexicografia.**

Figura 6 – Referências Catalográficas da Abralín publicadas nos Anais da Comunidade Científica de 2005

No ano de 2005, o número de áreas temáticas da Abralín cai para **9**:

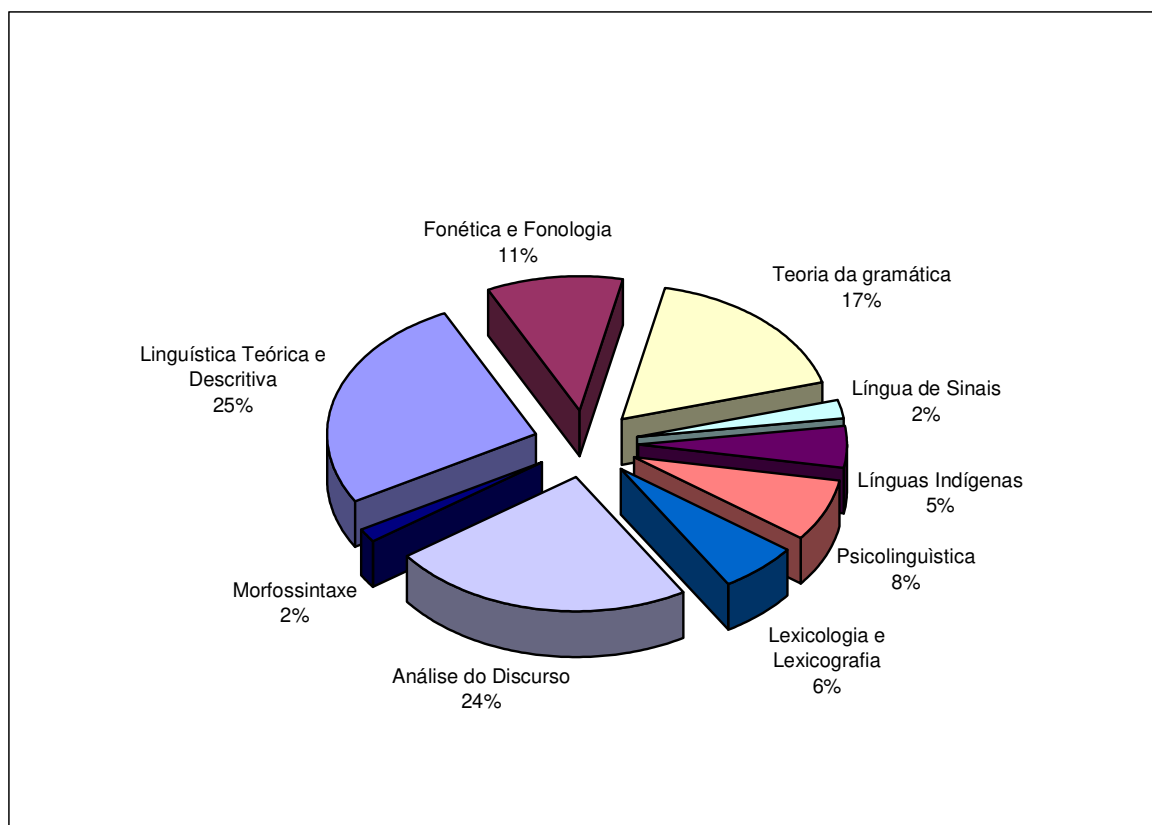


Figura 7 - Redistribuição das áreas temáticas da ABRALIN a partir de 2005

A idéia de manutenção da diversidade, na melhor das hipóteses, é comprimida.

3.4 As normas de etiqueta

Uma tarefa difícil é reconhecer os modelos de caracterização e análise de gêneros estipulados pela Abralín, principalmente quando está em questão a escrita de resumos de comunicação. Considerando que esses modelos são tão itinerantes quanto as secretarias que comandam os critérios de sua produção, é possível afirmar que tais critérios serão sistematicamente reconsiderados e, em alguns casos, modificados.

Alguns desses comandos de produção podem seguir os referenciais de compreensão de resumos como textos que abreviam textos-fonte; paradigma de produção escrita já apresentada no capítulo 1 deste trabalho.

Como resultado de sintetização de um texto fonte, determinada comissão julgadora, reunida para selecionar os resumos que podem comparecer aos congressos como bens representativos da instituição, implicitamente, compreendem que esse texto-‘fonte’ está pronto, e pode ser um artigo científico, uma dissertação ou tese completa, um capítulo de livro, enfim, qualquer outro gênero científico substancial.

O texto-fonte pode ser do próprio autor do resumo ou de outros autores, dependendo do tipo de estudo que o resumo vai apresentar. Escrever o resumo, assim, é reunir informações principais que determinem, por exemplo, introdução à pesquisa, seu desenvolvimento e resultados.

No entanto, é muito comum entre os especialistas que apresentam seus resumos para efetivarem participação nos congressos a *inexistência do texto fonte*.

Determinados pelos prazos de fomento à pesquisa, pela dinâmica de instituições de origem dos pesquisadores ou mesmo pela situação em que determinada investigação se encontra, é muitas vezes impossível produzir resumos em condições tão previsíveis quanto aquelas que contam com os textos-fonte.

De modo geral, fica sendo esperado que, para garantir condições mínimas de participação, o autor do resumo saiba agenciar informações que possam fornecer, ainda que minimamente, aspectos gerais de suas

investigações capazes de demonstrar, por exemplo, ‘o lugar de que fala’, onde quer chegar e como’, ao se dirigir aos interlocutores que constituem sua audiência pretendida.

São estabelecidas, na caracterização de Swales, determinadas **normas de etiqueta**, que devem ser seguidas para criar um padrão comum de apresentação de pesquisas nas reuniões da associação.

A Abralín estabeleceu, em uma de suas diretorias, quais seriam essas normas, apresentadas a seguir, na tabela 2:

Tabela 2 – Identificação das características de resumos da Abralín

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Uma visão geral a respeito do assunto do trabalho, com a indicação de sua relevância 2. Apresentação dos objetivos do trabalho 3. Apresentação do referencial teórico considerado e/ou do campo de debates no qual o trabalho se enquadra 4. Descrição de como o trabalho foi realizado 5. Descrição dos resultados obtidos na pesquisa 6. A descrição das conclusões, que devem estar relacionadas aos resultados e aos objetivos da pesquisa |
|--|

No próximo item, os resumos de comunicação serão colocados em foco com mais detalhes, para determinar os agenciamentos da escrita de resumos de áreas temáticas distintas, ou seja, para determinar como os autores de resumos puderam corresponder à normatização da escrita estabelecida pela Abralín.

Foram selecionados 10 resumos representativos de algumas áreas temáticas para que seja possível proceder, afinal, com a determinação do que sejam e como se manifestam as regras de composição dos resumos como ‘normas de etiqueta’ para a apresentação dos membros na comunidade.

A Figura abaixo os apresenta de forma sistematizada, buscando justificar as características que os fazem pertinentes para este estudo:

Tabela 3 – Relação de temas e disciplinas que transitam na elaboração dos resumos em análise

Ano publicação	Área temática	Objetos de estudo	Temas	Disciplinas relacionadas	Catálogo numérico
2001	Fonética e Fonologia	Língua Suiyá	Gramaticalização de línguas indígenas	Morfologia, Sociolinguística	RESUMO 1
2001	Sintaxe	Editoriais publicados em jornais	Panorama político nacional por meio de análises verbais	Sintaxe, Análise do Discurso, Semântica	RESUMO2
2005	Análise do Discurso	Formação profissional do linguísta	Reformas curriculares	Análise do Discurso, Ensino	RESUMO3
1994	Interação Verbal	Artigos de pesquisa científica	Interação em artigos científicos	Filologia, Semântica, Pragm.	RESUMO 4
2001	Semântica	Revistas de humor	Distinção entre Gramática e Semântica	Semântica, Análise do Discurso	RESUMO 5
2005	Língua de Sinais	Cursos de formação de intérpretes	Formação de intérpretes	Sintaxe, Semântica, Análise do Discurso, Pragmática, Ensino	RESUMO 6
2001	Linguística Histórica	Documentos históricos	Variação Linguística	Filologia Histórica, Sociolinguística	RESUMO 7
1994	Lexicologia/ Lexicografia	Gravações em áudio do falar de ceramistas	Identidades localizadas	Pragmática, Sociolinguística, Fonologia, Morologia, Análise do Discurso	RESUMO 8
2001	Linguagem e Ensino	Produção de tradutor eletrônico	Tecnologias de traduções simultâneas	Pragmática, Semântica, Tradução, Engenharia da Computação	RESUMO 9
2001	Filosofia da Linguagem	Revista DELTA	Identidades linguísticas na contemporaneidade	Filosofia da Linguagem, Pragmática	RESUMO 10

Conforme já descrito na Introdução deste trabalho, há uma ênfase na catalogação dos resumos produzidos no ano de 2001 justamente porque a seleção dos trabalhos em áreas específicas foi contemplada, o quanto possível, o ecletismo de objetos de estudo e às áreas temáticas afins a cada trabalho.

Seria necessário realizar uma nova pesquisa que levasse em conta a discussão do que significa, na atualidade, cada campo disciplinar nos estudos da linguagem, propósito bastante desafiador e exaustivo.

Pode-se afirmar, no entanto, que o imbricamento entre áreas temáticas e disciplinares é inevitável, fazendo com que seja possível *embricarem-se* os modos de agenciar as sequências tipológicas científicas entre os dez trabalhos contemplados.

3.5 A apresentação das teses de pesquisa

Nesta sessão, são apresentadas as teses que compõem os resumos selecionados para a análise:

Tese do Resumo 1 – Na língua Suyá *elimina-se* segmentos fonológicos

Pertencente ao ramo da Fonética e Fonologia, o Resumo 1 pode ser considerado um exemplo de como áreas disciplinares dos estudos linguísticos podem se apresentar:

Resumo 1
Eliminação de segmentos fonológicos na língua Suyá UEL-PR Há, na língua Suyá (Família Jê), um processo morfofonológico tratado por Guedes (Suyá: a Língua da Gente. Um estudo fonológico e gramatical. Tese de Doutorado, 1993) como reduplicação. Diferente do que foi colocado por esta pesquisadora, optei por tratar o mesmo processo como um caso de eliminação de segmentos fonológicos por considerar que dessa forma posso dar um tratamento descritivo unificado para o processo que envolve, principalmente, as classes de nomes e

verbos. Há um primeiro momento deste processo que consiste na eliminação de vogal de palavras paroxítonas, tanto para nomes quanto para verbos: I) a forma /'tygy/ 'preto' perde a vogal final quando sufixada ou seguida por uma palavra qualquer, ou seja, ['tygy] + [tSi] = ['tyktsi]; II) a forma /'tɛmɛ/ 'ir', perde a vogal final quando seguida por outra palavra, ou seja, ['tɛmɛ] + [mã] 'marca dc fut.' = [...tɛm mã]. Num segundo momento, no caso de verbos, há a possibilidade de eliminação de uma saída inteira: a mesma forma /tɛmɛ/ acima, quando não seguida por nenhum elemento, ocorre com ['tɛ]. O tratamento desse processo como reduplicação dá conta, praticamente, da eliminação vocálica que atinge tanto nomes quanto verbos. No entanto, tal postura não pode ser adotada para os verbos que perdem a sílaba final. Assim, tentarei demonstrar neste trabalho que é possível unificar o tratamento do processo morfofonológico aqui apresentado.

Fonética e Fonologia:2001

De acordo com o título do Resumo 1, é possível observar que, ao formular sua tese, o autor cria a expectativa de que há um ponto de vista a ser negligenciado ou reformulado sobre o estudo da língua Suyá. O modo como o agenciador do resumo apresenta sua tese permite constatar que esse agenciador conhece bem o seu tema de pesquisa e os problemas conceituais nele envolvidos, a ponto de ser possível demonstrar como apresentar uma perspectiva nova de estudo, contribuição essencial de pesquisadores envolvidos com estudos científicos.

Há uma curiosidade importante a ser destacada nos resumos pertencentes ao campo disciplinar 'Fonética e Fonologia': o fato de que é bastante comum encontrar nesses resumos marcadores operacionais da fala e da escrita apresentados por meio de fórmulas como ['tygy] + [tSi] = ['tyktsi]; ['tɛmɛ] + [mã] 'marca dc fut.' = [...tɛm mã].

Para a formulação da tese de pesquisa, no entanto, tais marcadores operacionais não são essenciais, uma vez que não aparecem explicitados de modo direto na formulação da tese de pesquisa. Esses marcadores auxiliam, conforme poderá ser constatado na próxima sessão, a legitimar o grau de familiaridade do autor com seu tema e com sua audiência ou, também, constituiu-se em recursos discursivos que auxiliam a dirigir os argumentos que validam a descrição de um estudo inovador da língua Suyá.

Tese do Resumo 2 - Ordens verbo-sujeito são circunstanciais e, por isso, merecem consideração

O destaque às relações verbo-sujeito no estudo a ser apresentado no Resumo 2, diferente do que ocorre no Resumo 1, não apresenta a possibilidade de negligenciar ou reformular outros valores científicos já estabelecidos. Ao contrário, as relações verbo-sujeito, apresentadas como *circunstanciais*, são destacadas como merecedoras de *consideração*, ou seja, de estudo aprofundado, de reconhecimento, de afirmação de determinada tese ou teoria:

Resumo 2
Considerações funcionais para uma ordem circunstancial verbo-sujeito UFF Integrado às pesquisas do grupo de estudos Discurso & Gramática sedes UFF e UFRJ, este estudo é prosseguimento de anteriores, em que viemos investigando a ordenação dos constituintes na oração. Segundo os princípios funcionalistas de Givón (1995), algumas das motivações para o posicionamento dos termos na oração são de origem pragmático-discursiva e não arbitrárias. Neles baseados, examinávamos a ordem VS em sua utilização em seções do discurso de baixa tensão comunicativa, conforme Naro & Votre (1998). Razoávamos que, em uma oração, o sujeito tende a ocorrer antes ou após o verbo por pressões do uso e do discurso, nem sempre aceitando a inversão. Contudo, verificamos no decorrer das pesquisas uma forte associação dos circunstanciais (X) a esta ordem nos corpora pesquisados, com sua frequência à esquerda do verbo da SV alcançando aproximadamente 4/5 em textos como <u>Vita Christi</u>. Estes dados refinaram a nossa hipótese inicial de uma estrutura VS apenas para a de uma composição XVS, em oposição à ordem canônica SV. Frente a esses dados, o escopo deste novo trabalho é a investigação da ordenação XVS, suas características, motivações, contexto e relações com a ordem VS, revendo as hipóteses e objetivos iniciais. O corpus analisado nesse trabalho compõe-se de dez pares de editoriais as Folha de São Paulo e do Jornal do Brasil, que, por sua natureza argumentativa, nos parecem mais próximos dos primeiros textos que pesquisamos. Publicados entre novembro e dezembro de 1994, provêm de canais de semelhanças, usam a mesma variante da língua, a culta, e tratam dos mesmos assuntos, a política nacional logo após a eleição de FHC.
Sintaxe:2001

Apesar dos traços de diferenciação, O Resumo 2 é semelhante ao Resumo 1 no uso de marcadores operacionais no texto que indiquem proximidade com nomenclaturas e simbolizações específicas de estudos em

Sintaxe (**VS**; **SV**), tornando possível afirmar que, tanto em trabalhos de pesquisa provenientes da Fonética e da Fonologia quanto em trabalhos de Sintaxe, há ênfase para questões ligadas à normatização da língua.

Tese do Resumo 3 – É necessário relacionar conteúdos curriculares à formação de profissionais da linguagem

A tese do Resumo 3 tem a ver com outro tipo de contribuição aos estudos linguísticos, diferente das contribuições anteriores. Do ponto de vista temático, trata-se de um trabalho voltado não para questões de descrição da linguagem ou da língua e seus padrões fonéticos ou sintáticos, mas sim, com a formação do profissional da linguagem.

Os conteúdos curriculares, necessariamente, são colocados como elementos diretamente relacionados à formação dos profissionais da linguagem, algo que cria expectativas no leitor do resumo de que o autor tem idéias sobre os produtos dessa relação, pode levantar problemas e oferecer encaminhamentos para o que aí estiver associado.

A apresentação da tese de pesquisa do Resumo 3 anuncia, implicitamente, que o autor tem posicionamentos esclarecidos sobre seu tema e também um forte censo de criticidade sobre ele:

Resumo 3**Conteúdos curriculares na formação do profissional da linguagem**

USP

Este trabalho discutirá a formação do profissional da linguagem, considerando, de um lado, a atual organização dos cursos de graduação e, de outro, uma reorganização desses cursos, quando então todos os profissionais da linguagem (professores de línguas, jornalistas, publicitários, tradutores, editores, etc.) teriam a mesma formação de base. No primeiro caso, buscar-se-á mostrar qual é a finalidade de um curso de Letras, quais os conteúdos curriculares indispensáveis para a formação em Letras e como deve ser feita a formação pedagógica do professor de línguas. No segundo caso, pretende-se discutir a flexibilização do atual sistema de bacharelados e licenciaturas, bem como o núcleo comum para a formação de qualquer profissional da linguagem. Um Curso de Letras deve ser pensado tendo presente que: a) não é um curso que vise ao aprendizado da norma culta da língua, em sua modalidade escrita, nem é o aprendizado de compreensão de textos; b) não é um curso que se destine à aquisição de proficiência em línguas estrangeiras. Ele é o lugar onde se aprende a refletir sobre os fatos lingüísticos e literários, analisando-os, descrevendo-os e explicando-os. A análise, a descrição e a explicação do fato lingüístico e literário não podem ser feitas de maneira impressionista, mas deve fundamentar-se em teorias bem assimiladas. Por outro lado, seria desejado que se estabelecesse uma liberdade maior para o aluno compor sua habilitação. Isso, no entanto, não significa a inexistência de disciplinas obrigatórias, mas a liberdade de cursar componentes obrigatórios (principal e subsidiário) do que hoje são dois bacharelados ou duas licenciaturas distintas. Todos os profissionais da linguagem deveriam ter a mesma formação básica, o que significa que essa formação deveria contemplar as diferentes linguagens e os diversos objetos textuais.

Análise do Discurso:2005

A área disciplinar *Análise do Discurso*, então, pode ser entendida como uma área que transcende às questões relativas à norma lingüística para dirigir olhares para seu uso, sua dinâmica na formação de profissionais e na formação de programas de ensino de linguagens.

Tese do Resumo 4 – é importante *analisar interações* em textos científicos

No Resumo 4 a tese de pesquisa é anunciada implicitamente, porque necessita ser *desdobrada* para que seja possível idenditica-la . Inicialmente, há a apresentação do tema, qual seja, *a interação em textos científicos*. Nesse tema é pressuposto que a interação em textos científicos pode ser analisada e, portanto, merece destaque. Cria-se a expectativa de que o autor vai esclarecer o que está classificando como *interação*, e ainda mais, que vai esclarecer por quê é importante associar tal classificação à produção de textos científicos:

Resumo 4
A interação em textos científicos. PUCSP A partir de escrutínio de um conjunto de artigos de pesquisa, são levantadas as marcas de interação entre autor(a) e leitor(a). É analisada a frequência de cada uma dessas marcas e sua função, bem com os possíveis fatores internos ou externos determinantes de seu uso. As principais marcas previstas são: - o uso de pronome pessoal - o uso de passivas analíticas ou sintáticas - o uso de perguntas e imperativos Segundo Hopper e Tompson, a transitividade está associada ao conceito de Figura/Fundo, já que as cláusulas -figura irão sempre apresentar alta transitividades. Analisando narrativas, a partir do conceito de transitividade, verifiquei a fragilidade do conceito. Considerando que, no discurso, evidências sugerem fortemente que as dimensões subjacentes aos processos lingüísticos são com mais frequência eneáreas, e não binárias, redefini cada um dos parâmetros da transitividade, estabelecendo escalas com variação de 0 a5. Este procedimento permitiu que fossem computadas, com mais precisão, diferentes facetas semântico-pragmáticas das cláusulas em língua portuguesa.
Interação Verbal: 1994

Questões relativas à interação, de acordo com o texto, são ancoradas a aspectos sintáticos da língua em uso, algo que, inicialmente, aproxima o Resumo 4 do Resumo 1 e 2. No entanto, depois de uma primeira leitura, o Resumo 4 demonstra que seu autor compreende a língua em seu uso imediato e específico, pragmático, fator que o aproxima ao Resumo 3.

Tese do Resumo 5 - os meios de comunicação *podem ser interpretados semanticamente*

Resumo 5
Aspectos semânticos nos meios de comunicação UERJ As diversas relações entre significantes e significados - os aspectos semânticos - têm sido utilizados de forma criativa em linguagens várias: no jornalismo, na publicidade, nas charges, nos cartuns e letras de músicas. Constituem material de valor didático pedagógico para alunos e professores nas aulas de Português. Os cinco aspectos semânticos - polissemia, homonímia, sinonímia, antonímia e paronímia - não tiveram mais aprofundamento nas gramáticas. Foram mais considerados nos estudos de semântica. Dentre estes, destaco os que dão suporte teórico ao meu estudo: os de E. Genouvrier & Peytard, Palmer, Lyons, R. Ilari, & J.W. Geraldi e Maria Helena D. Marques. Merecem destaque em tais estudos não só as abordagens de cada um dos aspectos como também distinções entre eles (polissemia e homonímia). A fundamentação teórica do meu trabalho encontra exemplificação no corpus supracitado, com destaque para a pesquisa realizada em quarenta exemplares da revista Bundas (revista do Rio de Janeiro em que atuam humoristas oriundos do Pasquim). Ao combinar teoria e prática na abordagem dos aspectos semânticos, pretendo contribuir com reflexões linguísticas entre a relação ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa. Minha proposta vincula-se à perspectiva que entende o professor de Português como professor de linguagem, de comunicação, como procurei demonstrar em estudos e publicações anteriores.
Semântica:2001

A tese formulada a partir do Resumo 5 identifica a Semântica, disciplina tipicamente celebrada nos domínios dos estudos da linguagem, como intérprete dos meios de comunicação. Os recursos ou *aspectos* semânticos identificáveis nesses meios são, então, disponibilizados à trabalhos de pesquisa voltados para a circulação de imagens e informações, por exemplo, da 'comunicação de massa', que atrai grandes públicos indistintamente e que, por isso, merece destaque.

O Resumo 5 explicita, assim, o compromisso dos estudos da linguagem com questões próprias dos comportamentos e nuances da língua em sociedade, detectando não apenas marcadores operacionais que simbolizam a língua e que a tornam sistemática, como nos Resumos 1 e 2. Os estudos semânticos, assim como no Resumo 3 e 4, utilizam os símbolos linguísticos como forma de acesso ao que *transcende aos textos*, ou seja, que atinge a formação de ideologias e identidades pertencentes ao todo social no

qual tais símbolos são criados e se fazem pertinentes.

Tese do Resumo 6 – Os intérpretes de língua de sinais estão no ensino superior

A constatação de pertencimento das identidades surdas no ensino superior, de acordo com o Resumo 6, já equivale a uma tese. As comunidades surdas e suas peculiaridades, como objeto de estudo científico, mereceram destaque nos estudos da linguagem no ano de 2005, a ponto de se constituírem enquanto área disciplinar distinta.

Essa tese cria implicitamente a idéia de que o pertencimento das comunidades surdas do ensino superior não é algo comum e, para o leitor do resumo, cria-se a expectativa de que haja discussão sobre as condições de pertencimento dos sujeitos às esferas científicas, dadas culturalmente como *produtoras de conhecimento*. Desse modo, fica também implicitado que os conhecimentos das comunidades surdas são peculiares, inclusive, no ensino superior.

Sabendo que a linguagem dos surdos se dá por gestos, é possível inferir que, do ponto de vista das simbologias e sistemas linguísticos, este trabalho pode estar voltado para questões relativas à língua como nos modelos de pesquisa do Resumo 1 e 2. Por outro lado, cria-se a expectativa de que a condição de existência no ensino superior das comunidades surdas é que interessa ao autor do resumo, podendo ser possível que sejam apresentados trabalhos semelhantes aos dos Resumos 3, 4 e 5.

Seja como for, este Resumo pode representar a entrada de novas comunidades no ensino superior que podem representar a atualização dos parâmetros de produção de conhecimentos na atualidade:

Resumo 6
Intérpretes de língua de sinais no ensino superior UFSC O presente projeto em andamento acima intitulado tem por objetivo investigar a trajetória de formação dos intérpretes de língua de sinais que atuam no ensino superior nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa

Catarina para, junto à comunidade surda e aos órgãos competentes desenhar alternativas a uma qualificação específica deste profissional. Penso que a pesquisa é um instrumento importante como apoio e intervenção que se pretende comprometida socialmente. Penso ser essa uma das alternativas para o atentar de novas caminhadas, novos resultados em especial desta que busca subsídios para a qualificação profissional, conseqüentemente expondo cada vez mais seus olhares críticos no espaço em que atua, divulgando competentemente seus anseios, questionando e sendo, em breve um agente importantíssimo na formação de futuros intérpretes. Desta forma conforme Sander (2003, pág, 129) "... é necessário mencionar duas importantes condições que fazem de um intérprete de Libras um profissional qualificado: formação acadêmica e ambiente lingüístico cultural constante". Metodologicamente o projeto em andamento inscreve-se na pesquisa qualitativa/estudos de narrativas pois pretende com essa análise recuperar a experiência social e como é interpretada subjetivamente por esse grupo (suas angústias, suas trajetórias de vida, seus objetivos, sua formação, seus anseios profissionais entre outros). A necessidade desta pesquisa surgiu em recorrência dos inúmeros desafios que este profissional enfrenta no ensino superior como por exemplo: efeitos de modalidade da língua (Português/Libras), vocabulário acadêmico utilizado, conteúdo semântico/pragmático, escolhas lexicais, variações de sinais, falta de técnicas formais, expressões faciais/corporais entre outros aspectos que influenciam a interpretação. Somente com tais estudos poderemos reivindicar, ampliar e estimular outros a lutarem por qualidade de formação.

Línguas de Sinais: 2005

Tese do Resumo 7 - Aspectos sócio-históricos permitem que seja estudada a Filologia Bandeirante em Minas Gerais

Resumo 7

Filologia Bandeirante em Minas Gerais: Questões sócio-históricas da região da Barra Longa

UFMG

Nesta comunicação serão apresentadas e discutidas algumas questões sócio-históricas da região da Barra Longa - MG, de acordo com dados já coletados e em partes analisados (Cf. SEABRA in MEGALE (org.) 2000) como parte do projeto temático **Filologia Bandeirante**. Esta região caracteriza-se, no âmbito do projeto, como uma repercussão de grande bandeira de Fernão Dias, de 1674. O desbravamento da região lhe é posterior (1694) e é atribuído a Francisco Bueno de Camargo e outros: a fundação mesma do povoado de Barra Longa data do século XVIII. Verifica-se **se** e **como** tais questões refletem na língua contemporânea falada na região.

Linguística Histórica: 2001

Os Resumos 7 e 8 ilustram como trabalhos científicos das áreas disciplinares Linguística Histórica e Lexicologia são semelhantes.

De imediato, em ambos os casos, os autores dos resumos são mais sintéticos que os demais e, por isso, seus textos são mais curtos. Em seguida, do ponto de vista do recorte temático, ambos se direcionam para o estudo de questões próprias da Sociolinguística como grande área disciplinar, no caso, do estudo de manifestações linguísticas em função de *regionalismos*. No primeiro caso, o do Resumo 7, tais manifestações são vistas por meio de perspectivas históricas da formação da língua; no segundo caso, o estudo das manifestações regionalistas da língua se dá em função do léxico.

Particularmente, no Resumo 7, é possível inferir que a caracterização da linguagem é feita de acordo com a do Resumo 5, no entanto, com olhares voltados para o passado da língua, algo que cria expectativas no leitor do Resumo 7 de que a língua em funcionamento é historicamente construída na sociedade (pela Filologia Bandeirante) e situada (em Minas Gerais).

Tese do Resumo 8 – É importante *tematizar a fala de ceramistas em Sergipe* pelo léxico

Também o Resumo 8 apresenta a tese de que a língua é construída de modo situado (em Sergipe), e também, de modo a considerar o caráter histórico da língua pela sua constituição lexical, ou seja, da constituição de costumes languageiros que apresentam sujeitos como sendo próprios da representatividade de lugares e histórias da língua:

Resumo 8
Aspectos linguísticos do léxico do ceramista em Sergipe
UFS
Este trabalho apresenta alguns aspectos linguísticos do léxico do ceramista em Sergipe. Registra o vocabulário peculiar às atividades de produção, industrialização e comercialização dessa atividade profissional, a partir de um corpus gravado em quatro municípios do Estado, com 28 informantes nascidos na região pesquisada, pertencentes ao sexo masculino e uma faixa etária entre 15 e 60 anos. A partir desse registro apresenta-se um glossário com termos representativos da linguagem do ceramista.
Lexicologia/Lexicografia:1994

Tese do Resumo 9 – Nos domínios dos estudos da linguagem *são produzidas* tecnologias computacionais

Assim como as comunidades surdas, as comunidades de diferentes especialistas de outras áreas de conhecimento, como as Engenharias, por exemplo, demarcam seus domínios e possibilidades de diálogos entre os especialistas dos estudos linguísticos. Essa é a tese principal do Resumo 9, conforme se constitui carregada de muitas informações implícitas: em primeiro lugar, há a constatação de que turistas brasileiros viajam bastante, *a ponto de* necessitarem de uma ferramenta que os treinem em situações comunicativas consideradas básicas. O autor do Resumo 9 cria a expectativa de que os estudos linguísticos são importantes para detectar tais situações, esquadrihá-las e torná-las acessíveis a programas de computadores, algo que disponibiliza às tecnologias a construção de novos produtos.

O foco dos estudos da linguagem, especificamente no Resumo 9, está voltado para as situações de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Este enfoque possibilitou que os meios de comunicação e as tecnologias do mundo digital estivessem a serviço dos estudos da linguagem e vice-versa. Nesse caso, diferente do Resumo 5, os aspectos da língua em canais de comunicação são destacados para, principalmente, oferecer novos produtos *básicos* de consumo:

Resumo 9
Ferramenta computacional para treinamento de turistas brasileiros em situações comunicativas básicas de viagem ao exterior UFC Este trabalho apresenta uma ferramenta computacional que tem como objetivo treinar turistas brasileiros a interagirem em inglês em situações comunicativas mais freqüentemente vivenciadas em viagens ao exterior, ou mais especificamente, aos EUA. Desenvolvida em conjunto por especialistas nas áreas de ensino de línguas estrangeiras e de computação, a ferramenta utiliza ambientes em multimídia e em realidade virtual tridimensional para a prática das funções comunicativas. Essas funções são apresentadas através de diálogos, característicos das interações desenvolvidas em ambientes como aeroporto, hotel, restaurante, lojas, etc. A prática acontece tanto em atividades controladas, com única opção de resposta correta, como guiadas, com possibilidades de respostas corretas e/ou livres, em que o aluno usuário da ferramenta interage em situações imprevisíveis em ambientes virtuais semelhantes aos que enfrentará em uma viagem.
Linguagem e Ensino/Novas tecnologias: 2001

Tese do Resumo 10 - Identidades científicas e seus discursos são questões para a modernidade e para a pós-modernidade

Esclarecidos os modos pelos quais a língua é identificada como objeto de estudo até então, o Resumo 10, pertencente ao campo disciplinar da Filosofia da Linguagem, é voltado para os projetos identitários construídos nos meios científicos, por meio da análise dos discursos aí produzidos.

A identificação dos discursos científicos representa a possibilidade de se realizar recortes temporais que podem descrever identidades e costumes em momentos históricos diversos, como o passado e o presente, se levadas em conta as perspectivas de *modernidade* e *pós-modernidade* escolhidas pelo autor.

O Resumo 10 cria a expectativa de que há atualização dos modos pelos quais os discursos científicos são construídos e, também, atualização das identidades quem os constroem:

Resumo 10

O DISCURSO CIENTÍFICO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE: ENTRE A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE

UNICAMP - IEL/DLA

Diante da constatação de que coexistem, em nossa sociedade, duas perspectivas ideologicamente incompatíveis - a da modernidade e da pós-modernidade - questiona-se sua coexistência nas ciências humanas e, mais particularmente, nos estudos da linguagem. Opondo-se pela concepção de sujeito e discurso - fixo e racional, de um lado, vs disperso e descentrado pelo inconsciente, de outro, - essas perspectivas, que constituem verdadeiros paradigmas científicos, atravessam as ciências constituindo-as na heterogeneidade e no conflito. Isso explica a emergência na tessitura do discurso de vozes que apontam ao mesmo tempo para a ideologia da globalização e para a resistência da subjetividade atravessada pelo inconsciente, para a identidade enquanto conjunto de características estáveis e para a identidade enquanto movimento, que constituiria o sujeito psicanalítico, inacabado, sempre em transformação. Para efetuar tal discussão, foram rastreados os números publicados nos últimos dez anos da revista DELTA e Trabalhos em Lingüística Aplicada que acompanharam os estudos da área nos últimos vinte anos. A análise permitiu observar que o entrelaçamento dessas vozes parece justificar, por um lado, a permanência do paradigma científico que busca modelos descritivos ou solucionistas, sobretudo quando se trata de questões relacionadas com o ensino-aprendizagem, e, por outro, a tendência ao questionamento, embora bem menos freqüente, que vê na desconstrução sua forma de reflexão. Se, em muitos casos, as pesquisas apresentadas sob forma de artigos focalizam ora uma tendência ora outra, em alguns, já se percebe, sob aparente homogeneidade e homofonia, vozes dissonantes que apontam para a heterogeneidade do discurso e do sujeito. Interessa-nos focalizar nesse contexto a questão da construção da identidade do cientista, que resvala entre certeza e dúvida, entre o certo e o errado, entre o mesmo e o diferente.

Outros Ramos/ Filosofia da Linguagem:2001

Nas próximas sessões são apresentados os modos pelos quais as teses de cada pesquisador foram desenvolvidas, de acordo com as sequências tipológicas agenciadas para possibilitar, em cada texto, a apresentação dos referenciais teóricos das pesquisas, a ancoragem aos elementos contextuais em que os trabalhos estão localizados, os objetivos desses trabalhos, os seus resultados e, finalmente, suas conclusões.

3.6 As teses de pesquisa e o agenciamento das sequências tipológicas

Nas próximas sessões são analisados os modos com que os autores de resumos agenciaram sua escrita, apresentando os elementos exigidos pela Abralín.

3.6.1 As teses e o agenciamento das contextualizações

O Resumo 1 apresenta o contexto de produção de seu trabalho de modo a valorizar apenas os aspectos do funcionamento da língua do povo Suyá, não interessando descrever como este povo se constitui situadamente e historicamente em seus territórios. O uso da palavra ‘família’, no caso, é relativa à família linguística a que está relacionado o Suyá:

Há, **na língua Suyá (Família Jê)**, um processo morfofonológico tratado (...) por duplicação.

No Resumo 2, as entidades produtoras de pesquisa a que está ligado o autor do texto passam a ilustrar a presença de uma espécie de ‘interlocutor ideal’ do autor do resumo, conforme parece se estabelecer, mais uma vez de forma implícita, um diálogo teórico com *esses* pares de estudo e não outros, embora o resumo possa ser entendido, ele mesmo, como uma tentativa de aprofundamento ou aperfeiçoamento do que o autor tem conhecido junto a seus pares.

Os movimentos retóricos que estabelecem diálogos com determinados grupos de pesquisa acabam por descrever algumas características desses grupos, tais como suas sedes, suas atividades e objetos de estudo. Assim, é dada a contextualização do trabalho:

Integrado às pesquisas **do grupo de estudos** Discurso & Gramática, sedes **UFF** e **UFRJ**, este estudo é **prosseguimento de anteriores**,

em que **viemos investigando** a ordenação dos constituintes na oração.

Ao colocar em discussão os conteúdos curriculares na formação do profissional da linguagem, o autor do Resumo 3 inicia seu texto direcionando as ações de sujeitos da linguagem para representações de suas realidades profissionais, criando sequências argumentativas que não aparecem calcadas no *já-dito* sobre a formação profissional de especialistas da linguagem, mas no *ainda não dito*, conforme apresenta seu tema-contexto, qual seja, os cursos de graduação. Para o autor do resumo, a reorganização dos cursos que formam profissionais da linguagem pode ser entendida como um assunto polêmico, conforme permite sugerir que tal formação deva corresponder a uma mesma base para todos:

Este trabalho **discutirá** a formação do profissional da linguagem, considerando, de um lado, a atual **organização dos cursos de graduação** e, de outro, uma **reorganização** desses cursos, quando então todos os profissionais da linguagem (professores de línguas, jornalistas, publicitários, tradutores, editores, etc.) **teriam a mesma formação de base**.

Caracterizado predominantemente por sequências descritivas, O Resumo 4 apresenta, de início, o material de análise a ser trabalhado. Esse material torna-se o próprio contexto de pesquisa, de onde todas as informações necessárias para discutir a interação em textos científicos são suficientes:

A partir de escrutínio de **um conjunto de artigos de pesquisa**, são levantadas as marcas de interação entre autor(a) e leitor(a).

Os movimentos retóricos do Resumo 5 são marcados pelo predomínio de sequências argumentativas que possibilitaram demonstrar ao interlocutor do resumo em quais conhecimentos sobre *Semântica* o autor está ancorado e em que canais de comunicação tais conhecimentos podem ser reconhecidos, valorizados e, em seguida, aplicados, esses canais, em *situações de ensino*, ou seja, do *contexto* da pesquisa:

As diversas relações entre **significantes e significados** - os aspectos semânticos – têm sido utilizados de forma criativa em linguagens várias: no jornalismo, na publicidade, nas charges, nos cartuns e letras de músicas. Constituem material de valor didático pedagógico **para alunos e professores nas aulas de Português**.

O resumo 6 deixa bastante marcada a necessidade de expressar politicamente os objetivos de seu autor, relacionados, explicitamente, ao reconhecimento da comunidade surda como falante ou usuária da Língua Portuguesa (**Português/Libras**) entre os especialistas, já que trata de colocar em evidência profissionais que operam *no ensino superior* de localidades específicas:

(...) investigar a trajetória de intérpretes de língua de sinais que atuam no ensino superior **nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina**.

Situação semelhante ocorre na contextualização do Resumo 7 e 8 em que descreve-se seu local de origem:

Resumo 7 - Nesta comunicação serão apresentadas e discutidas algumas questões sócio-históricas da região de **Barra Longa – MG** (...)

Resumo 8 – Este trabalho apresenta alguns aspectos linguísticos do léxico do ceramista **em Sergipe**.

O movimento de ancoragem ao contexto de produção da pesquisa é diferenciado no Resumo 9, em relação aos Resumos 7 e 8. No Resumo 9, os movimentos retóricos agenciados para determinar o contexto de pesquisa estão relacionados à descrição de contextos imaginários pelos quais o usuário da ferramenta inventada para ensinar/apresenta inglês pode estar inserido:

(...) a ferramenta utiliza **ambientes em multimídia e em realidade virtual tridimensional** para a prática de funções comunicativas.

No Resumo 10, a contextualização da pesquisa está ancorada no tempo histórico que identifica o passado e o presente das relações humanas, denominando esse tempo de *modernidade e pós-modernidade*. A descrição

desses dois conceitos é dada, de início, pelas constatações apreendidas pelo autor do Resumo, indicando, ao final, que tais constatações podem ser questionadas no âmbito dos estudos da linguagem:

Diante da constatação de que existem, em nossa sociedade, duas perspectivas ideologicamente incompatíveis –a modernidade e a pós-modernidade – **questiona-se** sua coexistência nas ciências humanas e, mais particularmente, **nos estudos da linguagem**.

O Resumo 10 apresenta um autor semelhante ao do Resumo 3 e 4 na construção de sequências tipológicas que indiquem uma certa autoridade do autor para tratar de assuntos tão intimamente ligados aos contextos de análise dos estudos linguísticos. No entanto, no agenciamento das conclusões do trabalho, o tom de autoridade não se manterá.

3.6.2 As teses e o agenciamento de objetivos de pesquisa

O autor do Resumo 1 reúne argumentos importantes para validar o próprio estudo, para validar suas tentativas de análise e, finalmente, para validar a si mesmo como cientista competente capaz de contribuir, futuramente, com seus parceiros de pesquisa:

Diferente do que foi colocado por esta pesquisadora, **optei** por tratar o mesmo processo como um caso de eliminação de segmentos fonológicos por considerar que dessa forma **posso dar um tratamento descritivo unificado** para o processo que envolve, principalmente, as classes de nomes e verbos.

Já no Resumo 2, há possibilidade de compreender que as escolhas do pesquisador quanto a seu banco de dados reúnem características semelhantes aos textos com os quais foi ‘iniciado’, mas seus objetivos de pesquisa são descritos tendo em vista a construção de uma nova temática: a política nacional logo após as eleições:

Publicados entre novembro e dezembro de 1994, provêm de **canais de semelhanças**, usam a **mesma variante** da língua, a culta, e tratam dos **mesmos assuntos**, a **política nacional logo após a eleição de FHC**.

No Resumo 3, O autor do resumo cria expectativas em seu leitor de que há novos problemas a serem discutidos na formação do profissional da linguagem e que, na sequência, haverá alternativas para solucionar tais problemas.

De fato, ao longo do texto, o autor cria condições para que seu leitor entenda a formação dos profissionais da linguagem como questão emergencial, conforme explica que seu objetivo é questionar a própria finalidade dos cursos de Letras e, em seguida, *questionar* seu potencial de flexibilização:

No primeiro caso, buscar-se-á mostrar qual é a **finalidade** de um curso de Letras, quais os conteúdos curriculares indispensáveis para a formação em Letras e como deve ser feita a formação pedagógica do professor de línguas. **No segundo caso**, pretende-se discutir a **flexibilização** do atual sistema de bacharelados e licenciaturas, bem como o núcleo comum para a formação de qualquer profissional da linguagem.

No Resumo 4, ao serem apresentados os marcadores linguísticos que darão margem para analisar a interação em textos científicos, analisa-se, então, os objetivos do trabalho, quais sejam, identificar nos artigos científicos alguns elementos gramaticais:

As principais **marcas previstas** são:

- o uso de pronome pessoal
- o uso de passivas analíticas ou sintáticas
- o uso de perguntas e imperativos

No Resumo 5, a escolha do referencial teórico não está, necessariamente, produzindo movimentos de aproximação às noções de prática de ensino da língua materna do autor do resumo. Uma vez mencionados, esses referenciais são utilizados para, em primeiro lugar,

ilustrarem a própria base teórica da formação intelectual do autor do resumo e, em seguida, para dar credibilidade ao que já está entendido e exposto sobre ensino de língua materna.

Os referenciais teóricos mencionados foram estudados e bem compreendidos, fazendo com que fosse possível serem internalizados novos paradigmas de conhecimento sobre a língua, sobre o ensino da língua e sobre como torná-la reconhecível em contextos cotidianos de expressão linguística, como aqueles que compõem seu *corpus* de pesquisa, qual seja, uma coleção de revistas de humor de grande circulação. Identificar a relação teoria/prática nos estudos de semântica e ensino de língua portuguesa torna-se, então, o objetivo do estudo:

Ao combinar **teoria e prática** na abordagem dos aspectos semânticos, **pretendo contribuir** com **reflexões linguísticas** entre a relação **ensino/aprendizagem** da **Língua Portuguesa**.

No Resumo 6, a necessidade de reforçar perspectivas politicamente articuladas para a obtenção de um certo ‘espaço’ entre os especialistas da linguagem é reforçada, basicamente, de duas formas: em primeiro lugar, pela ancoragem mais do que explícita ao referencial bibliográfico que reproduzir, *ipsis literis*, o pronunciamento do teórico que dá base à pesquisa. Em segundo lugar, a voz que reivindica ‘espaço’, pela própria teoria, reivindica o exercício de *cultura* que assimile surdos e intérpretes, algo que manifesta a importância de analisar as questões que envolvem as comunidades surdas de pontos de vista bem *objetivos*:

Penso ser essa uma das alternativas para o atentar de novas caminhadas, novos resultados em especial desta que busca subsídios para a qualificação profissional, conseqüentemente expondo cada vez mais seus olhares críticos no espaço em que atua, divulgando competentemente seus **anseios**, questionando e **sendo**, em breve um agente importantíssimo na formação de futuros intérpretes.

Já nos Resumos 7 e 8, os objetivos de pesquisa são bem explícitos, porque permeiam toda a apresentação da pesquisa e seus resultados:

Resumo 7 - Nesta comunicação **serão apresentadas** e discutidas algumas questões sócio-históricas da região da Barra Longa – MG,(...) **Verifica-se se e como** tais questões refletem na língua contemporânea falada na região.

Resumo 8 - **Este trabalho apresenta** alguns aspectos linguísticos do léxico do ceramista em Sergipe (...) A partir desse registro apresenta-se **um glossário** com termos representativos da linguagem do ceramista.

No Resumo 9 os objetivos de pesquisa são apresentados em dois planos: em um primeiro plano, os objetivos da comunicação estão relacionados à apresentação do aparelho criado para ensino/aprendizagem da língua; em um segundo momento, os objetivos do trabalho levam em conta a possibilidade de suprir com as necessidades das demandas que podem se beneficiar com o uso do aparelho:

Este trabalho **apresenta uma ferramenta computacional** que tem como objetivo **treinar turistas brasileiros a interagirem em inglês** em situações comunicativas mais freqüentemente vivenciadas em viagens ao exterior, ou mais especificamente, aos EUA.

Situação diferenciada acontece no Resumo 10, em que seu autor, em primeiro lugar, tece uma série de considerações próprias sobre os conceitos básicos que norteiam sua investigação filosófica, em seguida, apresenta os dados de pesquisa analisados que, implicitamente, têm o objetivo de sustentar cientificamente o que já está esclarecido em suas considerações, algo que funde os objetivos do trabalho com sua metodologia de pesquisa:

(...) **foram rastreados** os números publicados nos últimos dez anos da revista DELTA e Trabalhos em Linguística Aplicada que acompanharam **os estudos da área nos últimos vinte anos**.

3.6.3 As teses e o agenciamento dos referenciais teóricos

Voltado para a segmentação fonológica da língua Suyá, o Resumo 1 é iniciado apresentando uma *constatação* do agenciador do texto sobre o funcionamento dessa língua; constatação retirada de estudos anteriores que, na escrita do resumo, funcionará como uma espécie de *ancoragem teórica* do

autor do resumo:

Há, na língua Suyá (Família Jê), um processo morfofonológico tratado por Guedes (**Suyá: a Língua da Gente. Um estudo fonológico e gramatical. Tese de Doutorado, 1993**) como reduplicação.

A opção por descrever a ‘reduplicação’ como fenômeno típico da língua Suyá, resgatando trabalhos que já se debruçaram sobre esse tema, no entanto, tem dois propósitos bem definidos: o de estabelecer *oposição* ao referencial de apoio inicialmente evocado e, em seguida, estabelecer a esse referencial uma nova *razão*.

Pode-se dizer que, ao escolher tais movimentos retóricos, ora de atração ora de repulsão a uma determinada teoria, o autor esteja estabelecendo, mesmo que de forma indireta, uma espécie de diálogo com um interlocutor imediato, *alguém que já elaborou uma tese* sobre o objeto de estudo em questão.

Os movimentos de oposição e redirecionamento de uma nova *razão* para a reduplicação em Suyá podem ser observados no seguinte trecho:

Diferente do que foi colocado por esta pesquisadora, **optei** por tratar o mesmo processo como **um caso de eliminação** (...)

Também estruturado em favor de determinadas argumentações sobre o funcionamento de verbos em textos específicos, o Resumo 2, em relação ao referencial teórico que o sustenta, estabelece uma relação de diálogo em função da *proximidade* com a teoria, situação oposta ao do Resumo 1. Sem tomar como objetivo a necessidade de apresentar novos horizontes de pesquisa, mas ao contrário, aplicar a um *corpus* específico o que já está sedimentado como conhecimento suficiente para desenvolver seu trabalho, o autor apenas *menção*a o referencial teórico de seu conhecimento:

Integrado às pesquisas do grupo de estudos Discurso & Gramática sedes UFF e UFRJ, este estudo é prosseguimento de anteriores, em que **viemos investigando** a ordenação dos constituintes na oração. **Segundo** os princípios funcionalistas de **Givón (1995)**, algumas das motivações para o posicionamento dos termos na oração são de origem pragmático-discursiva e não arbitrárias. Neles baseados,

examinávamos a ordem VS em sua utilização em seções do discurso de baixa tensão comunicativa, **conforme Naro & Votre (1998)**.

A simples menção à teoria, para o autor do resumo, já foi suficiente para que localizasse, junto a seus parceiros de trabalho, que tipo de estudo está realizando. As menções teóricas mais expressivas, assim, ficam por conta de expressões como *origem pragmático-discursiva e não arbitrárias* que, no fundo, não explicam o aporte teórico. O que deve ser ‘explicado’, então, está incompleto.

No Resumo 3, apresentando movimentos retóricos bem diferentes dos dois primeiros exemplares, no que tange à gravitação do autor a suportes teóricos definidos, o Resumo 3 comprova que a argumentação do autor se dá em torno de *teses* bem definidas por ele mesmo, de modo que não há menção explícita a nenhum referencial teórico selecionado.

A análise, a descrição e a explicação do fato lingüístico e literário não podem ser feitas de maneira impressionista, mas deve fundamentar-se em **teorias bem assimiladas**.

A ancoragem a referenciais bibliográficos no Resumo 4 apresenta uma quarta possibilidade de descrição: só é apresentada *depois* que o autor demarca, por si mesmo, suas diretrizes de pesquisa. O referencial bibliográfico é evocado para explicar, ainda que de forma bastante vaga, de onde foi retirado o conceito de *transitividade* utilizado na pesquisa:

Segundo Hopper e Thompson, a **transitividade** está associada ao conceito de **Figura/Fundo**, já que as cláusulas –figura irão sempre apresentar alta transitividades.

Já do ponto de vista da ancoragem teórica, o Resumo 7 faz menção, entre parênteses, de um referencial teórico que já tenha publicado em livro os estudos em andamento, provavelmente, como forma de demonstrar que tais estudos já tenham alguma circulação na literatura científica, algo que empresta algum prestígio a seu trabalho:

de acordo com dados já coletados e em partes analisados (Cf. SEABRA in MEGALE (org.) 2000)

No caso do Resumo 8, por outro lado, não há nenhuma menção a referenciais teóricos, exceto, pela publicação do próprio título do texto na própria Abralín, o que pode ser considerado, por si, como uma publicação:

Aspectos linguísticos do léxico do ceramista em Sergipe

Também nos Resumos 9 e 10, a questão dos referenciais teóricos como modo de ancoragem a autoridades de pesquisa e prestígio não são sequer relevantes, de modo que não há nenhum referencial de que interesse ser mencionado no trabalho, além de seu próprio título:

Resumo 9 - Ferramenta computacional para treinamento de turistas brasileiros em situações comunicativas básicas de viagem ao exterior

Resumo 10 - O DISCURSO CIENTÍFICO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE: ENTRE A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE

3.6.4 As teses e o agenciamento das metodologias

O diferencial entre os propósitos do trabalho apresentado no Resumo 1 e os estudos nos quais está ancorado, vão se tornando compreensíveis àqueles que comungam das questões de morfofonologia aí evocadas, conforme vai sendo *descrito como se distanciar desse referencial* para compreendê-lo insuficiente e digno de superação. Esse distanciamento, por si, já representa o modo como o autor do resumo estruturou seu trabalho:

(...)há a **possibilidade** de eliminação de uma saída inteira: a mesma forma /tɛmɛ/ acima, quando não seguida por nenhum elemento, ocorre com [ˈtɛ]. **O tratamento desse processo como reduplicação dá conta** (...) **No entanto**, tal postura não pode ser adotada para os verbos que perdem a sílaba final. Assim, **tentarei demonstrar** neste trabalho que é possível unificar o tratamento do processo morfofonológico aqui apresentado.

No Resumo 2, o aprofundar ou aperfeiçoar *performances* de pesquisa, tanto para um grupo isolado de trabalho quanto dentro da própria Abralin, pode ser identificado nas sequências descritivas do *corpus* de pesquisa selecionado pelo próprio autor, talvez por fazerem mais sentido para si que o *corpus* do grupo de pesquisa em que está inserido:

O corpus analisado nesse trabalho compõe-se de dez pares de **editoriais da Folha de São Paulo** e do Jornal do Brasil, que, por sua natureza argumentativa, **nos parecem mais próximos** dos primeiros textos que pesquisamos.

Em linhas bem gerais, o agenciador do resumo *descreve* o que lhe parece familiar no *corpus* que decide trabalhar, em relação ao *corpus* de seu grupo de origem.

A descrição de seu material de pesquisa segue a um recorte temporal e a um recorte normativo quanto ao uso da língua em canais de comunicação de grande circulação, à semelhança do Resumo 5. No entanto, a metodologia do trabalho está toda agregada àquele que seu grupo de pesquisa de origem está acostumado a fazer e que o autor do Resumo pretende ‘repetir’:

Neles baseados, examinávamos a ordem **VS** em sua utilização em sessões do discurso de baixa tensão comunicativa (...). **Razoávamos** que, em uma oração, o sujeito tende a ocorrer antes ou após os verbos por pressões do uso e do discurso, nem sempre aceitando a inversão.

No caso do Resumo 3, estabelecida a posição que o autor do resumo assume como *crítico* dos cursos de Letras, constroem-se novas sequências explicativas destinadas a definir *o que sejam* e *o que não sejam* esses cursos. A sustentação das explicações é dada por movimentos de negação/afirmação que ajudam a descrever, afinal, como devem/não devem se comportar seus agentes, suas grades curriculares, seus sistemas de avaliação:

No primeiro caso, buscar-se-á mostrar **qual é a finalidade** de um curso de Letras, quais os conteúdos curriculares indispensáveis para a formação em Letras e **como deve ser feita** a formação pedagógica

do professor de línguas. **No segundo caso**, pretende-se **discutir a flexibilização** do atual sistema de bacharelados e licenciaturas (...)

O movimento retórico que indica como o trabalho de análise da interação em textos científicos do Resumo 4, é dado é explicado por meio da apresentação das marcas textuais que deverão ser encontradas nos textos analisados:

As principais marcas previstas são:

- o uso de pronome pessoal
- o uso de passivas analíticas ou sintáticas
- o uso de perguntas e imperativos

Assumindo a postura de quem está inserido em questões de ensino/aprendizagem de conceitos semânticos e, também, de quem está na condição de compreender as limitações pelas quais estão sujeitos os estudos de tais conceitos na própria gramática normativa da língua portuguesa, o autor do Resumo 5 descreve como pretende contribuir para que os estudos de Semântica sejam relevantes para a formação do professor de *linguagem*.

Ao combinar teoria e prática na abordagem dos aspectos semânticos, pretendo **contribuir** com reflexões linguísticas entre a **relação ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa**. Minha proposta vincula-se à perspectiva que entende o **professor de Português como professor de linguagem**, de comunicação, como procurei demonstrar em estudos e publicações anteriores.

O autor do Resumo 6, depois de anunciados seus pontos de vista quanto aos desafios das comunidades surdas/de intérpretes, não explica como se desenvolve, do ponto de vista metodológico, o trabalho que deverá ser realizado em função da inserção das comunidades surdas em ambientes acadêmicos, de modo que são apenas mencionados os temas que poderiam ser estudados, não apresentando o desenvolvimento de nenhum estudo em especial:

Metodologicamente o projeto em andamento inscreve-se na pesquisa qualitativa/estudos de narrativas pois pretende com essa

análise **recuperar a experiência social e como é interpretada subjetivamente por esse grupo** (suas angústias, suas trajetórias de vida, seus objetivos, sua formação, seus anseios profissionais entre outros).

No Resumo 7, por meio de sequências descritivas, o autor do texto apresenta seu tema, qual seja, questões sócio-históricas da região de Barra Longa, já anunciadas no próprio título do resumo. A descrição do trabalho continua, conforme são estabelecidas relações do estudo ao referencial teórico anunciado e ao grupo temático de pesquisa que, provavelmente, foi responsável pela publicação que serve de referência para o estudo em questão.

A idéia de reformulação da teoria, própria de sequências descritivas, leva em conta a busca de características historicamente reconhecíveis na linguagem de Barra Longa na contemporaneidade. Há, nesse caso, um diálogo estabelecido entre o passado e o presente da língua e, argumenta-se, implicitamente, que a tradição histórica da língua está presente na cultura de Barra Longa e que, por isso, é uma tradição que merece ser notada.

Nesta comunicação serão apresentadas e discutidas algumas questões sócio-históricas da região da Barra Longa – MG (...) como parte do projeto temático ***Filologia Bandeirante***.

Semelhante ao Resumo 2, os modos de analisar os dados de pesquisa, no Resumo 7, estão ancorados em atividades de pesquisas de grupos de estudo que servem de referencial para o autor, no caso, pela riqueza dos documentos históricos pertencentes àquele grupo:

O desbravamento da região lhe é posterior (**1694**) e é atribuído a Francisco Bueno de Camargo e outros: a fundação mesma do povoado de Barra Longa data do **século XVIII**.

No Resumo 8, a tradição linguística é levada em consideração como fortuna cultural de Sergipe, materializada, de forma mais específica, nos hábitos linguísticos de artesãos. As sequências descritivas que apresentam o trabalho são destinadas a apresentar dados estatísticos, como número de

ceramistas observados e sua faixa etária, algo que explica, de modo indireto, como o trabalho foi estruturado do ponto de vista metodológico:

Registra o vocabulário peculiar às atividades de produção, industrialização e comercialização dessa atividade profissional, **a partir de um corpus gravado** em quatro municípios do Estado, **com 28 informantes** nascidos na região pesquisada, pertencentes ao sexo masculino **e uma faixa etária entre 15 e 60 anos**.

No Resumo 9 apresenta-se, também de forma implícita, o modo pelos quais foram analisados os contextos de possível uso da ferramenta criada e apresentada na comunicação:

Desenvolvida em conjunto por especialistas nas áreas de ensino de línguas estrangeiras e de computação, a ferramenta utiliza ambientes em multimídia e em realidade virtual tridimensional para a prática das funções comunicativas. Essas funções são apresentadas **através de diálogos**, característicos das interações desenvolvidas **em ambientes como aeroporto, hotel, restaurante, lojas, etc.**

No Resumo 10, o autor do resumo inicia seu texto problematizando alguns conceitos-chave para o desenvolvimento do trabalho e, em seguida, apresenta como tais conceitos foram construídos, conforme apresenta as fontes de estudo que deram base para a criação de tais conceitos:

Para efetuar tal discussão, foram rastreados os números publicados nos últimos dez anos da revista **DELTA e Trabalhos em Lingüística Aplicada** que acompanharam os estudos da área **nos últimos vinte anos**.

3.6.5 As teses e o agenciamento das metodologias de pesquisa

O diferencial entre os propósitos do trabalho apresentado no Resumo 1 e os estudos nos quais está ancorado, vão se tornando compreensíveis àqueles que comungam das questões de morfofonologia aí evocadas, conforme vai sendo *descrito como se distanciar desse referencial* para compreendê-lo insuficiente e digno de superação. Esse distanciamento, por si, já representa o modo como o autor do resumo estruturou seu trabalho:

(...)há a **possibilidade** de eliminação de uma saída inteira: a mesma forma /tɛmɛ/ acima, quando não seguida por nenhum elemento, ocorre com [tɛ]. **O tratamento desse processo como reduplicação dá conta** (...) **No entanto**, tal postura não pode ser adotada para os verbos que perdem a sílaba final. Assim, **tentarei demonstrar** neste trabalho que é possível unificar o tratamento do processo morfofonológico aqui apresentado.

No Resumo 2, o aprofundar ou aperfeiçoar *performances* de pesquisa, tanto para um grupo isolado de trabalho quanto dentro da própria Abralin, pode ser identificado nas sequências descritivas do *corpus* de pesquisa selecionado pelo próprio autor, talvez por fazerem mais sentido para si que o *corpus* do grupo de pesquisa em que está inserido:

O corpus analisado nesse trabalho compõe-se de dez pares de **editoriais da Folha de São Paulo** e do Jornal do Brasil, que, por sua natureza argumentativa, **nos parecem mais próximos** dos primeiros textos que pesquisamos.

Em linhas bem gerais, o agenciador do resumo *descreve* o que lhe parece familiar no *corpus* que decide trabalhar, em relação ao *corpus* de seu grupo de origem.

A descrição de seu material de pesquisa segue a um recorte temporal e a um recorte normativo quanto ao uso da língua em canais de comunicação de grande circulação, à semelhança do Resumo 5. No entanto, a metodologia do trabalho está toda agregada àquele que seu grupo de pesquisa de origem está acostumado a fazer e que o autor do Resumo pretende ‘repetir’:

Neles baseados, examinávamos a ordem **VS** em sua utilização em sessões do discurso de baixa tensão comunicativa (...). **Razoávamos** que, em uma oração, o sujeito tende a ocorrer antes ou após os verbos por pressões do uso e do discurso, nem sempre aceitando a inversão.

No caso do Resumo 3, estabelecida a posição que o autor do resumo assume como *crítico* dos cursos de Letras, constroem-se novas sequências explicativas destinadas a definir *o que sejam* e *o que não sejam* esses cursos.

A sustentação das explicações é dada por movimentos de negação/afirmação que ajudam a descrever, afinal, como devem/não devem se comportar seus agentes, suas grades curriculares, seus sistemas de avaliação:

No primeiro caso, buscar-se-á mostrar **qual é a finalidade** de um curso de Letras, quais os conteúdos curriculares indispensáveis para a formação em Letras e **como deve ser feita** a formação pedagógica do professor de línguas. **No segundo caso**, pretende-se **discutir a flexibilização** do atual sistema de bacharelados e licenciaturas (...)

O movimento retórico que indica como o trabalho de análise da interação em textos científicos do Resumo 4, é dado é explicado por meio da apresentação das marcas textuais que deverão ser encontradas nos textos analisados:

- As principais marcas previstas são:
- o uso de pronome pessoal
 - o uso de passivas analíticas ou sintáticas
 - o uso de perguntas e imperativos

Assumindo a postura de quem está inserido em questões de ensino/aprendizagem de conceitos semânticos e, também, de quem está na condição de compreender as limitações pelas quais estão sujeitos os estudos de tais conceitos na própria gramática normativa da língua portuguesa, o autor do Resumo 5 descreve como pretende contribuir para que os estudos de Semântica sejam relevantes para a formação do professor de *linguagem*.

Ao combinar teoria e prática na abordagem dos aspectos semânticos, pretendo **contribuir** com reflexões linguísticas entre a **relação ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa**. Minha proposta vincula-se à perspectiva que entende o **professor de Português como professor de linguagem**, de comunicação, como procurei demonstrar em estudos e publicações anteriores.

O autor do Resumo 6, depois de anunciados seus pontos de vista quanto aos desafios das comunidades surdas/de intérpretes, não explica como se desenvolve, do ponto de vista metodológico, o trabalho que deverá ser realizado em função da inserção das comunidades surdas em ambientes acadêmicos, de modo que são apenas mencionados os temas que poderiam

ser estudados, não apresentando o desenvolvimento de nenhum estudo em especial:

Metodologicamente o projeto em andamento inscreve-se na pesquisa qualitativa/estudos de narrativas pois pretende com essa análise **recuperar a experiência social e como é interpretada subjetivamente por esse grupo** (suas angústias, suas trajetórias de vida, seus objetivos, sua formação, seus anseios profissionais entre outros).

No Resumo 7, por meio de sequências descritivas, o autor do texto apresenta seu tema, qual seja, questões sócio-históricas da região de Barra Longa, já anunciadas no próprio título do resumo.

A descrição do trabalho continua, conforme são estabelecidas relações do estudo ao referencial teórico anunciado e ao grupo temático de pesquisa que, provavelmente, foi responsável pela publicação que serve de referência para o estudo em questão.

A idéia de reformulação da teoria, própria de sequências descritivas, leva em conta a busca de características historicamente reconhecíveis na linguagem de Barra Longa na contemporaneidade. Há, nesse caso, um diálogo estabelecido entre o passado e o presente da língua e, argumenta-se, implicitamente, que a tradição histórica da língua está presente na cultura de Barra Longa e que, por isso, é uma tradição que merece ser notada.

Nesta comunicação serão apresentadas e discutidas algumas questões sócio-históricas da região da Barra Longa – MG (...) como parte do projeto temático **Filologia Bandeirante**.

Semelhante ao Resumo 2, os modos de analisar os dados de pesquisa, no Resumo 7, estão ancorados em atividades de pesquisas de grupos de estudo que servem de referencial para o autor, no caso, pela riqueza dos documentos históricos pertencentes àquele grupo:

O desbravamento da região Ihe é posterior **(1694)** e é atribuído a Francisco Bueno de Camargo e outros: a fundação mesma do povoado de Barra Longa data do **século XVIII**.

No Resumo 8, a tradição linguística é levada em consideração como fortuna cultural de Sergipe, materializada, de forma mais específica, nos hábitos linguísticos de artesãos. As sequências descritivas que apresentam o trabalho são destinadas a apresentar dados estatísticos, como número de ceramistas observados e sua faixa etária, algo que explica, de modo indireto, como o trabalho foi estruturado do ponto de vista metodológico:

Registra o vocabulário peculiar às atividades de produção, industrialização e comercialização dessa atividade profissional, **a partir de um corpus gravado** em quatro municípios do Estado, **com 28 informantes** nascidos na região pesquisada, pertencentes ao sexo masculino **e uma faixa etária entre 15 e 60 anos**.

No Resumo 9 apresenta-se, também de forma implícita, o modo pelos quais foram analisados os contextos de possível uso da ferramenta criada e apresentada na comunicação:

Desenvolvida em conjunto por especialistas nas áreas de ensino de línguas estrangeiras e de computação, a ferramenta utiliza ambientes em multimídia e em realidade virtual tridimensional para a prática das funções comunicativas. Essas funções são apresentadas **através de diálogos**, característicos das interações desenvolvidas **em ambientes como aeroporto, hotel, restaurante, lojas, etc.**

No Resumo 10, o autor do resumo inicia seu texto problematizando alguns conceitos-chave para o desenvolvimento do trabalho e, em seguida, apresenta como tais conceitos foram construídos, conforme apresenta as fontes de estudo que deram base para a criação de tais conceitos:

Para efetuar tal discussão, foram rastreados os números publicados nos últimos dez anos da revista **DELTA e Trabalhos em Lingüística Aplicada** que acompanharam os estudos da área **nos últimos vinte anos**.

CONCLUSÕES

Paradoxmas

Retomando a síntese de paradigmas que caracterizam comunidades científicas como as que reúnem os congressos da Abralín, torna-se possível observar algumas características da autoria de resumos dada, por vezes, em tom *dogmático* ou *doutrinário* (daí o neologismo *paradoxma*) com que os autores de resumos gerenciam seus textos.

Nos Resumos 3 e 6, por exemplo, a presença de verbos ou locuções verbais imperativas como *conduzir*, *levar a* e *devem demonstrar*, pressupõem a presença de especialistas marcados de forma direta ou indireta, pela busca de ajuste ou acerto de erros que precisam ser superados, seja em função da reformulação do curso de Letras ou do reconhecimento das necessidades especiais das comunidades surdas.

Os paradoxmas assumem um ‘tom’ semelhante, curiosamente, quando se prestam a apresentar conclusões e resultados de pesquisa, mas parecem praticamente ignorar a audiência que pretendem atingir, ao desconsiderar, nesses casos, a relevância das pesquisas, característica entendida neste trabalho como uma das principais para buscar a atenção de seus interlocutores.

Nos resumos 7 e 8, os resultados são apresentados logo de início, deixando claro que, para o autor, esse é o ponto mais importante a ser compartilhado. Em casos como esse, curiosamente, os agenciamentos se prestam a *apresentar* intenções, propósito claro e definitivo, embora não sejam necessariamente claras e definitivas as razões que tornam o trabalho realmente importante. Em casos como esse, pode ser possível entender, como implicada pelos autores, tanto a possibilidade da pesquisa ser relevante somente para si mesmos quanto, por outro lado, ser estimulante, já que estão no congresso, de demarcarem as peculiaridades do que produzem.

Outros movimentos interessantes, como os que se apresentam, de modo geral, em trabalhos que procuram discutir teorias além de citá-las apenas, como é o caso dos Resumos 4, 5 e 6, são próprios de movimentos retóricos que parecem *apagar* os autores, tornando-os ‘invisíveis’.

Os resumos parecem apresentar justamente o propósito de propagar

exotopias tão bem assimiladas que chegam a ser um tanto messiânicas, como acontece no Resumo 3, em que o autor, parecido com um profeta, afirma que ‘**Todos** os profissionais da linguagem **deveriam** ter a mesma formação básica’ ou, ainda, quando o autor afirma categoricamente que o curso de Letras ‘deve isso’ e não ‘deve aquilo’.

Situação semelhante se identifica no resumo 6. As ações afirmativas dos estudos assumem um tom *apelativo*, como em ‘Somente com tais estudos poderemos *reivindicar*, ampliar e estimular outros a *lutarem* por qualidade de formação’. Se apresentado entre políticos, esse resumo poderia ser confundido com o pronunciamento de algum candidato a cargos públicos.

A relevância de apresentações como essas, assim, reforçam que os resumos podem ser reconhecidos de diferentes maneiras, e que há *tipos de autoridades* que por eles circulam.

Origem e Originalidade

O plágio, ponto de equilíbrio, sempre ameaçado de vertigem, entre o estranho e o próprio, é esse momento em que a citação se rebate na criação. (Schneider, Michel. *Ladrões de Palavras*, 1990, 77)

Além dos propósitos associados à indicação da relevância das pesquisas, outros propósitos interessantes se manifestam em função da indicação dos referenciais bibliográficos.

A começar pelos próprios títulos dos trabalhos, fica evidente que os referenciais teóricos são como ‘pontes’ ou ‘andaimes’ que ligam os resumos e seus autores ao resto do mundo.

Nas análises presentes nessa pesquisa, os nomes dos pesquisadores foram preservados. No entanto, em todas as comunidades, obviamente, os nomes dos agenciadores acompanhavam seus trabalhos, ou eram acompanhados por eles.

Pode ser que estejam aí presentes os propósitos que dizem respeito,

de forma direta, à satisfação do agenciador de resumos como *autor* de pesquisa, ainda que para isso, na grande maioria das vezes, tenha que estar amparado por referenciais teóricos precedentes.

O título dos resumos é a soma entre palavras que representam referenciais teóricos precedentes, os nomes dos autores de resumos e seus locais de *origem*.

Eles, os títulos, demarcam diferentes possibilidades de reconhecimento de quem fala, de onde se fala, como e para quem se fala, direcionando os propósitos de pesquisa como responsáveis por sua audiência.

Fica estabelecido um jogo de poderes entre as 'idéias próprias' do agenciador do resumo e o empréstimo de idéias alheias que lhe forneçam sustentação. Isso pode ser constatado, por exemplo, no Resumo 2, repleto de descrições de estudos já realizados e consagrados por um especialista invisível ou vário, dentre os quais, o próprio autor do resumo que, na Abralin, não consegue demonstrar com clareza, afinal, o que vai fazer.

No Resumo 3, conforme o agenciador do resumo coloca em evidências reformas curriculares 'ideais' para os cursos de Letras e afins, estão implicitamente focalizados pressupostos teóricos específicos de estudos provenientes de alguns ramos da Educação, como a Didática, campo científico diretamente voltado para questões de Avaliação, Formação Pedagógica e etc.

Ao mesmo tempo, tais filiações indiretas são, ainda que superficialmente, aplicadas aos estudos linguísticos com bastante propriedade, algo que pode, até, não deixar dúvidas quanto a experiência textual desse agenciador enquanto especialista da linguagem.

A forma pela qual compreende o ensino de Linguística(s) implícita, também, compreensão de que os conhecimentos se constroem de forma sociointerativa, capacitada para refletir sobre multiplicidades profissionais, algo que o associa a paradigmas de compreensão da realidade como o socioconstrutivismo.

Para não ficar totalmente implícita a noção que possui quanto a solidificação de seu potencial retórico, não deixa de salientar que boas formações profissionais se assentam a *teorias bem assimiladas*.

Nomes e pastichos

O pasticho dá acesso mais profundamente, a despeito das aparências, ao si-mesmo do si-mesmo. Adiantando o nome emprestado, deliberadamente, ele tem efeitos opostos aos do plágio (...) que acaba construindo um falso si-mesmo escritor. (Schneider, 1990:87)

Evocar os nomes dos teóricos que dão suporte às pesquisas inspira, não completamente, sinônimo de transparência do agenciador.

Resumos como 1, 5, 6 e 7 apresentam de forma mais direta as filiações teóricas que ajudam a determinar propósitos de pesquisa. Porém, se algumas vezes, essas filiações embasam a autoridade do agenciador, outras vezes, ao contrário, podem servir para cumprir com os protocolos mínimos buscados por avaliadores de resumos em comissões científicas.

No caso do Resumo 1, o agenciador utiliza a orientação bibliográfica que movimenta todo seu trabalho, justamente, para contrariar os resultados estipulados pelo referencial de origem.

Esse tipo de propósito, contrariar o referencial de origem, demonstra, sem dúvida, que os mesmos dados de pesquisa já explorados por outrem reforçam autenticidade de suas contribuições, ainda que sejam compreendidas por um grupo bastante seletivo de interlocutores.

O Resumo 5, por sua vez, explicita os referenciais teóricos que apóiam o estudo de fenômenos semânticos específicos, porém, quando termina o texto explicitando que esses fenômenos e teóricos lhe são familiares, por conta de estudos anteriores, o autor praticamente se coloca como 'íntimo' de tais elementos, sendo componentes já internalizados.

Ao contrário do que se possa imaginar, a citação bibliográfica vai atribuindo autenticidade ao agenciador de textos científicos como os resumos, em casos em que seja reconhecível não o repertório de leitura científica que constitui o agenciador, mas sua habilidade de lidar com esse repertório, como acontece o Resumo 10, que aplica e filosofa sobre teorias, ao mesmo tempo.

O Resumo 6 é o mais interessante entre os pastichos. A demonstração de que a compreensão teórica seja algo essencial para se

garantir confiabilidade e respeito daquela pesquisa perante as demais, faz com que o agenciador supervalorize o suporte-teórico, como se sua própria voz não fosse suficiente para dizer o necessário.

O Resumo 7, por sua vez, despreza referencial teórico e não serviria, por exemplo, para auxiliar alguém a se iniciar nos estudos nem de Linguística e nem de História. O *si-mesmo do si-mesmo*, conforme Schneider, diz respeito a um tipo de propósito impronunciado pelo próprio agenciador do resumo, qual seja, o propósito de encontrar, nas filiações teóricas, o que seja próprio de si mesmo no outro, estabelecendo relações de espelhos científicos que ignoram ‘novatos’.

Sobre a possibilidade de ter a si mesmo como referência

O escritor é aquele que plagia, parodia, pasticha. Monta e desmonta modelos, e com isso faz livros que, não somente não parecem com os de ninguém, como dão a impressão de que (...) os livros futuros serão forçados a se parecerem com eles. (Schneider, 1990:89)

Há uma linha divisória muito tênue entre o ato de plagiar e a satisfação de um propósito específico de agenciadores de resumos, qual seja, a pretensão de ser eterno, tendo a si mesmo como referência.

A possibilidade de ter a si mesmo como referência no contexto de produção da escrita acadêmica não significa a possibilidade do autor referenciar-se a si mesmo enquanto agencia sua escrita.

Apesar dessa autorreferenciação ser comum na escrita da ciência, inclusive em resumos de comunicação, ter a si mesmo como referência está sendo entendido como a possibilidade do agenciador de texto justamente não precisar se referir a ninguém no agenciamento da escrita.

Ter a si mesmo como referência científica, assim, significa ter atingido um alto específico de autonomia e maturidade científica, construídas pela experiência e traquejo com a ciência.

Quanto maior a liberdade conquistada, mais distante da compreensão cotidiana podem estar o material científico e intelectual que produz. Esse distanciamento, por sua vez, pode causar danos indesejáveis, como a manutenção de um entendimento de produção científica como algo próprio de seres ‘iluminados’ ou, em muitos casos, um tipo específico de solidão coletiva, que oferece sempre as releituras de leituras de trabalhos já publicados pelo autor de resumos. Se, por um lado, ser o re-leitor de suas próprias teorias pode ser um comportamento até idealizado, por outro lado, põe em risco a capacidade do especialista de transitar por outros objetos temáticos e disciplinares, cristalizando-o.

A cristalização de pesquisas e especialistas pode servir como referência para os novatos, e de estagnação também, numa esfera contemporânea de pesquisa que depende de versatilidade para obter acesso, inclusive, entre organizações de fomento.

A escrita como acesso ao desconhecido

Quem busca sempre encontra. Não encontra necessariamente aquilo que buscava, menos ainda aquilo que é preciso encontrar. (Rancière. *O mestre ignorante*, 2002, p.84)

As categorias de apresentação de resumos estipulados pela Abralin, perseguidas pelos agenciadores dos resumos, podem ser entendidas como as formas pelas quais o participante da comunidade científica deve se prontificar a dialogar com o que não conhece, como no Resumo 2; dialogar com o que poderia conhecer, como no Resumo 4; e dialogar com o que deseja conhecer, como no Resumo 10.

Conhecer as facetas dessas realidades, então, é o primeiro passo para conseguir dialogar consigo mesmo e com a audiência pretendida.

O desconhecido ou o que não se conhece, mais do que nunca, é o que se deve dar a conhecer pelo especialista das ciências, que se constitui

pelas lacunas e sulcos das relações humanas e da configuração de suas teses.

Cada novo arranjo textual e cada resposta às hipóteses de pesquisa são sobressaltos, epifanias, um novo começo para novas fases de respostas e não-respostas.

Presumos

Cada texto é seu próprio modelo.

(Roland Barthes, 1967:2001)

Nesta sessão, a resposta à pergunta de pesquisa que norteia este trabalho, qual seja,

Como se caracterizam os resumos de comunicação da Abralin enquanto agenciamento da escrita científica?

pode ser construída de maneiras variadas. A escrita, como manifestação de suposições, conjecturas, previsões e entendimentos de especialistas da linguagem, caracteriza modos de ser e pensar, buscando a construção de teses de pesquisas que sejam refutadas, em meio a arenas de julgamentos permanentes que determinam os costumes de prever e compreender algumas possibilidades da escrita científica, identificando apenas traços de sua estabilidade, mas, não oferecendo totalidade e sim fragmentos de formas da escrita e de saberes científicos.

Referências Bibliográficas

ABRALIN. Associação Brasileira de Linguística. **I Congresso Internacional**. Caderno de Resumos. Universidade Federal da Bahia, 1994.

_____. **II Congresso Internacional**. Caderno de Resumos. Universidade Federal do Ceará. 2001.

_____. **IV Congresso Internacional**. Caderno de Resumos. Universidade de Brasília, 2005. CD_ROM.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT: Norma 6023/2003. P. 1-3. 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In: **Pesquisas de Retórica**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-225.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética**. São Paulo: Vozes, 1993.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, Agência e Escrita**. Dionísio, A.P. e Hoffnagel, J.C.(org.). São Paulo: Cortez, 2006a.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. Dionísio, A.P. e Hoffnagel, J.C. (org.). São Paulo: Cortez, 2006b.

BAZERMAN, Charles. Student writing and writing education In national contexts: continuing a dialogue. In: **REVISTA DA ABRALIN**. Vol. III, nº 1 e 2, p. 243-258, julho e dezembro de 2004.

BIASI-RODRIGUES, B., HEMAIS, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para estudos de gêneros textuais. In: **Gêneros – teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p.108-130.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: **Gêneros – teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-237.

BORBA, V.M.R. **Gêneros textuais e produção de universitários: o resumo acadêmico**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). UFPE. 2003.

BOUDON & BOURRICAUD. **Dicionário Crítico de Sociologia**. Tradução de Maria Letícia Guedes Alcorado. São Paulo: Ática, 1993.

BRONCKART, J.P. Les différentes facettes de l'interactionnisme socio-discursif. In: **I Congresso Interacional de Linguagem e Interação**. Unisinos: São Leopoldo. 22-25 de outubro. 2005. Mimeo.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2002.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo aplicado. In: **Gêneros, Teorias, Métodos e Debates**. Meurer, Bonini e Motta-Roth (org.). São Paulo: Parábola, 2005. p. 130-149.

DELPHINO, F.B.B. **Resumo: um constructo cognitivo ou apenas uma tarefa de sala de aula**. Dissertação (Mestre em Linguística Aplicada). PUC – SP, 1991.

DUCROT & TODOROV. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ECO, Umberto. Que é cientificidade? In: **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 21ª ed.

FAIRCHILD. Henry P. **Dicionário de Sociologia**. Fondo de Cultura económica México-Buenos Aires, 1949.

FERRATER MORA, J. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOWLER, R. **Literature as Social Discourse**. London: Basford, Academic Educacional Ltd, 1981.

FREEDMAN, A. ; MEDWAY, P. (org.). **Genre and the New Reticor**. London: Taylor & Francis, 1994.

GUMPERZ, J.C. **A Construção social da alfabetização**. Porto Alegre : ARTMED, 1991.

HALLIDAY, M. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press. 1989.

MACHADO, Anna Rachel. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, Anna Rachel. Revisitando o conceito de resumos. In: **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 138-150.

MACHADO, Anna Rachel; ROJO R. H. R. R. Convergência e divergência em leitura: reflexões sobre uma análise de resumos. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Instituto dos Estudos da Linguagem. Unicamp. Nº 4, 1984. p. 47- 61.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19- 36.

MARTINS, M.V. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. In: **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**. VOL. 19 Nº 56. Outubro/2004.

MATTOSO CÂMARA, J. A Lingüística Brasileira. In: **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MEDEIROS, J.B. **Redação Científica** – A prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas. 2000.

MEURER, J.L; MOTTA-ROTH, D.(org.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: Edusc, 2002.

MILLER, C. Rhetorical Community: the Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, A; MEDWAY, P. (org.). **Genre and the New Reticor**. London: Taylor & Francis, 1994.

MOTTA-ROTH. Texto acadêmico e construção do conhecimento. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/intercambio/07motta-roth.ps.pdf>. Acesso: 9/4/2006.

ORLANDI e GUIMARÃES, E.P.; E. **Institucionalização dos estudos da linguagem**. A disciplinarização das idéias linguísticas. Campinas: Pontes, 2002.

PRIOR, Paul. Literate Activity and Disciplinarity: the heterogeneous (re)production of America Studies Around a Graduate Seminar. In: **Mind, culture and activity**. Bazerman, C. (org.) Laboratory of Comparative Human Cognition. California, 1991, p. 275-295.

RANCIERE, J. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, A.L. **A encenação discursiva do gênero Resumo Acadêmico**. Tese (Doutorado em Letras). UFMG, 2005.

RODRIGUES, L.O.C. Publish or perish... or Push the parish? In: Publicar mais ou melhor? O tamanduá olímpico. Disponível: <http://lattes.cnpq.br/6211659251836942>. Acesso em: 3/6/2007.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**. Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SEARLE, John R. **Mente, linguagem e sociedade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1986.

SOLOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SWALES, J.M. **Genre Analysis**. English in academic research settings. London: Cambridge, 1990.

SWALES, J.M.; ASKEHAVE, Inger. **Identificação de gêneros e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra e Bernadete Biasi-Rodrigues. (a ser publicada).Mimeo.

_____. **Repensando gêneros:** uma nova abordagem do conceito de comunidade discursiva. Tradução de Benedito Gomes Bezerra e Bernadete Biasi-Rodrigues (a ser publicada) Mimeo.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar.** London: Arnold.1996.

VIAN JR. O. Sobre o conceito de gêneros do discurso - Diálogos entre Bakhtin e a Lingüística sistêmico-funcional. In: **Discurso e enunciação.** Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Beth Brait (org.). Campinas: Pontes, 2001.

ANEXO